

a

arteira
revista de psicanálise

n.9 | out /2017



Escola Brasileira de Psicanálise
Seção Santa Catarina

expediente

Diretoria Geral da EBP-SC

Eneida Medeiros Santos (Diretora Geral), Leonardo Scofield (Diretor Secretário e Tesoureiro), Cinthia Ramos Busato (Diretora de Intercâmbios e Cartéis) e Louise Lhullier (Diretora de Biblioteca)

Conselho da EBP-SC

Luis Francisco Espíndola Camargo (Presidente), Louise Lhullier (Secretária), Laureci Nunes, Silvia Emília Espósito, Cinthia Busato e Heloisa Prado da Silva Telles

Conselho Editorial

Luis Francisco Espíndola Camargo (Presidente), Oscar Reymundo, Cinthia Busato, Laureci Nunes, Romildo Rego do Barros

Assistente Editorial

Gustavo Ramos

Imagem da capa

William Bouguereau (1825-1905), *Dante e Virgílio, 1850*. Óleo sobre tela. (Musée d'Orsay)

Revisão

Gustavo Ramos (português e inglês)

Tradução do espanhol

Silvia Ghizzo

Tradução do francês e revisão

Leonardo Scofield, Gustavo Ramos e Luis Francisco Camargo

O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade dos autores.

Todos os direitos reservados à:

Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Santa Catarina

Rua Professor Ayrton Roberto de Oliveira, 32 - Ed. Laguna Corporate Center
Florianópolis/SC - Brasil

Tel/Fax: 55 (48) 3222-2962 | www.ebpsc.com.br | ebpsc48@gmail.com

Arteira

v.1, n. 1 (2008) - . - Florianópolis: Escola Brasileira de Psicanálise -
Seção Santa Catarina, n. 9, 2017.

Anual

ISSN: 1983-6759

1. Psicanálise. 2. Periódicos. I. Escola Brasileira de Psicanálise - Seção
Santa Catarina.

CDU: 159.964

CDD: 150.195

sumário

5 | **editorial**

Luis Francisco Espíndola Camargo

as pirações

11 | A interpretação ordinária

Éric Laurent

27 | Algumas observações sobre a direção do tratamento na psicose ordinárias

Gil Caroz

43 | *Hic sunt dracones*: O Sujeito e seu Território, ou a Psicose como Paradigma

Ruberval Silva

53 | A loucura entre eles: desencontros da vida amorosa entre homens e mulheres

Sandra da Silveira

59 | As conversões como acontecimento de habitar um corpo

Mariana Zelis

transferência e amor

67 | Aluviões na transferência

Cinthia Busato

73 | A despeito das parcerias, o amor

Fred Stapazzoli

79 | Amor e sacrifício

Gustavo Ramos

83 | No abismo do intervalo entre dois: o amor

Jacqueline Viermond Vieira

peças soltas

- 89 | Adolescência e declínio do Nome-do-Pai na contemporaneidade: digressões a partir da leitura de *Capitães da Areia* de Jorge Amado
Jussara Jovita de Souza
- 97 | A imagem mais além do narcisismo
Laureci Nunes
- 101 | Quem é Edward Louis Bernays Freud?
Silvia Emília Espósito
- 109 | Não há “bem assim”, *donc...* é isso
Gresielia Nunes da Rosa
- 115 | Um encontro com a arte
Aline Costa
- 121 | Violência e crueldade sob o olhar da psicanálise
Marcelo de Oliveira Prado
- 125 | Desejo do analista, ato analítico e fantasma
Maria Teresa Wendhausen

passe

- 131 | Apaixonada pelo amor
Débora Rabinovich
- 137 | Comentário sobre “Apaixonada pelo amor”, testemunho de final de análise de Débora Rabinovich
Louise Lhullier

editorial

O tema principal deste número da revista *Arteira* está alinhado com a orientação adotada pela comunidade de analistas da Associação Mundial de Psicanálise para o próximo Congresso de Barcelona, que acontecerá em abril de 2018. *As psicoses ordinárias e as outras, sob transferência* retoma uma discussão iniciada no Conciliábulo de Angers em 1996, sob o título *Efeitos de surpresa nas psicoses*. Essa reunião realizada na cidade de Angers (França) inaugurou uma série de eventos no âmbito do Campo Freudiano: O Conciliábulo de Angers (1996); A Conversação de Arcachon (1997), com o subtítulo “Casos raros: os inclassificáveis da clínica”; A convenção de Antibes (1998), com o subtítulo “A psicose ordinária”; um Colóquio Anglófono realizado em Paris em 2008, na rua Navarin, onde Jacques-Alain Miller proferiu uma conferência intitulada “Efeito de retorno sobre a psicose ordinária”, a qual figurou como título da revista *Quarto* (ECF-Bélgica) nº 94/95, estatuto da brochura que reúne os trabalhos apresentados durante esse colóquio. É importante destacar que todos esses eventos aconteceram no quadro das Seções Clínicas do Campo Freudiano. Em 2018, iremos assistir, no congresso da AMP, a um fato importante: a discussão de um tema que surge da experiência do Campo Freudiano se imiscuir no âmbito da Associação Mundial de Psicanálise.

As pirações de cada um é o tema da XII Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Santa Catarina, que acontece em outubro de 2017. Trata-se de uma homofonia que produz um equívoco entre o verbo aspirar, o qual tem um sentido próximo a desejar, almejar ou querer, com o verbo coloquial pirar, que tem o sentido de cair fora, empreender fuga, mas também de perder o juízo ou enlouquecer. De toda forma, ambas as acepções tratam sempre da saída do rumo, do ir para fora do laço social, de uma fuga das coordenadas simbólicas. As pirações de cada um podem ser consideradas uma referência indireta à loucura discreta e singular de todo falasser, uma alusão aos momentos em que a razão titubeia ou, até mesmo, quando é necessariamente perdida para se viver, para tocar no vivo da experiência, no corpo falante, na sua vertente real, antes de tudo, do que na sua vertente imaginária. Por outro lado, ao mesmo tempo em que o pirar pode se tornar uma experiência libertadora, pode representar uma liberdade devastadora, uma desertificação do ser. Nesse momento a fuga leva à ruína. Assim, do vivo que evoca,

pode tornar-se uma experiência aliada à pulsão de morte. Já o aspirar é equivalente ao sonhar, ao realizar um desejo pelas vias simbólicas, àquela que Freud estabeleceu nos fundamentos da experiência da psicanálise. Sonhar e desejar são parceiros de inspirar, respirar, sentir o ar entrar nos pulmões, reevocando o tempo da satisfação, o delírio na fantasia.

Temos neste número da nossa revista dois textos traduzidos do francês, apresentados no Colóquio Anglofônico de Paris em 2008 e publicados na revista Quarto nº 94/95. O primeiro é de Éric Laurent, intitulado “A interpretação ordinária”, e o segundo de Gil Caroz, sob o título “Algumas observações sobre a direção do tratamento nas psicoses ordinárias”. Trata-se de dois textos orientadores para a condução do tratamento nos casos de psicoses ordinárias. Agradecemos a Éric Laurent e a Girol Caroz pela gentileza de nos autorizar a traduzir e publicar seus textos neste número da nossa revista.

Esses textos abrem a seção da revista intitulada “As pirações”, a qual tem ainda três outros textos com o mesmo tema da psicose, o texto de Ruberval Silva, o de Sandra da Silveira e o de Mariana Zelis. O primeiro resgata a ideia do delírio como realidade, isto é, o delírio como uma mediação simbólico-imaginária. Ele nos esclarece melhor a relação de dois termos do primeiro ensino de Lacan, o *percipiens* e o *perceptum*, mais precisamente, a possibilidade ou não de uma estabilidade do *percipiens* diante do *perceptum*, e as coordenadas do sujeito no laço social. O texto de Sandra da Silveira, A loucura entre eles: desencontros da vida amorosa, aspira mostrar, através da descrição lógica das posições sexuadas, as causas das pirações entre os sexos, tendo em vista a relação divergente de ambas as posições em relação ao amor e ao desejo. Mariana Zelis no seu texto ilustra, através de uma vinheta clínica, uma problemática frequentemente encontrada na experiência da psicanálise com sintomas corporais, colocando uma questão sobre a relação das conversões históricas com as neoconversões e com o sintoma como acontecimento de corpo.

A seção da revista intitulada “Transferência e amor” complementa a segunda parte do título do tema do próximo Congresso da Associação Mundial de Psicanálise: sob transferência. Abrimos com um texto que articula a primeira e a segunda seção da revista. Esse texto trata da psicose sob transferência. Cinthia Busato nos apresenta de uma forma singular aquilo que se denomina de neotransferência na clínica das psicoses ordinárias, caracterizada pela enxurrada dos significantes oriundos da língua, muito bem cernido pelo termo aluviões. Em “A despeito das parcerias, o amor”, Fred Stapazzoli des-

taca a solidão do amor, mesmo em uma parceria amorosa, e se pergunta se isso não ocorre em uma análise. É claro! Gustavo Ramos destaca a vertente sacrificial que desemboca no amor a partir das contribuições filológicas de Werner Hamacher, leitor de Lacan. Jacqueline Virmond Vieira, a partir de detalhes de um caso clínico, relido sob uma fórmula do amor em Jacques-Alain Miller, expõe como o amor pode ser uma solução ou uma saída da devastação, e servir para proporcionar uma consistência do ser.

A seção “Peças avulsas” é um conjunto de textos que se destaca do tema geral da revista. O texto de Jussara Jovita de Souza discute a adolescência nos tempos do declínio do Nome-do-Pai, desarticulada da norma edipiana. A partir de uma leitura do livro “Capitães de Areia”, de Jorge Amado, ilustra em 1937 a desordem do real na experiência do adolescente. Em “A imagem mais além do narcisismo”, Laureci Nunes toma a diferença entre corpo e imagem no primeiro Lacan, para destacar que o corpo, no último ensino, pode propiciar a consistência do nó e a sua amarração, produzindo uma reinserção no laço social em casos de psicose. O ensaio de Silvia Emília Espósito apresenta Edward Louis Bernays Freud, sobrinho de Freud, considerado atualmente o pai da propaganda. As ideias de Edwar Bernays Freud foram fortemente influenciadas pela psicanálise, pela psicologia de Le Bon e pelas ideias de Wilfred Trotter. A pesquisa de Silvia Espósito visa localizar o momento em que a subjetividade ganha importância para a teoria da economia política e do mercado. Gresiela Nunes da Rosa, em seu texto, apresenta um exemplo onde um espaço de um lapso pode levar uma análise pela via do gozo do sentido ou, quando suspenso por uma escansão, pode propiciar a disjunção entre lapso e saber, produzindo assim uma desidentificação. Aline Costa, em “Um encontro com a arte”, faz uma reflexão teórica a partir do horror que uma obra de arte pode produzir em um sujeito. Já Marcelo Prado retoma o conceito de pulsão de morte em seu texto para problematizar a dualidade vítima e agressor nos casos de violência. Para fechar essa seção, temos o texto de Maria Teresa Wendhausen onde encontramos a ilustração e fundamentação de como a experiência da supervisão pode produzir efeitos de formação na análise do supervisionando.

Nossa última seção é dedicada à experiência do testemunho do passe. Apresentamos dois textos. O primeiro é o testemunho do passe de Débora Rabinovich, apresentado na XI Jornada da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Santa Catarina em 2017. Débora apresenta duas vertentes do amor. A primeira, a do amor quando perde a bússola do desejo, e que tem como con-

sequência a devastação. A segunda vertente, a do amor que propicia o desejo, decorrente do seu longo processo de análise em que realizou uma mudança em relação ao amor, colocando um limite ao gozo, passando da dependência (como sugere o título) para um amor como contingência. Por fim, temos o texto de Louise Lhullier, um comentário minucioso sobre a transmissão dos efeitos de uma análise realizada pelo testemunho de Débora Rabinovich.

A Seção Santa Catarina da Escola Brasileira de Psicanálise agradece ao leitor que se interessou em saber o que a nossa comunidade tem a dizer sobre a experiência da psicanálise. Boa leitura!

Luis Francisco Espíndola Camargo (AP, Membro da EBP/AMP)
Presidente do Conselho Editorial da Revista Arteira

P

as irações



A INTERPRETAÇÃO ORDINÁRIA¹

ÉRIC LAURENT

Psicanalista, Membro da ECF, EBP, ELP, EOL, NEL, NLS e da AME/AMP

Paris - França

E-mail: ericlaurent@lacanian.net

Gostaria de inicialmente de agradecer aos organizadores deste estranho seminário anglófono criado em Paris: Marie-Hélène Brousse, Jean-Pierre Klotz e Thomas Svolos. Eles organizaram isso de um modo que manteve uma boa atmosfera, característica desta assembleia, além de seu modo de composição inabitual.

Segundo o programa, concerne a mim a extrair a conclusão desse seminário. Ora, eu penso precisamente que a forma desse seminário nos interdita absolutamente chegar a conclusões. Esse projeto me parece contraditório. Em contrapartida, o que podemos fazer é continuar a ampliar as perspectivas, graças aos novos usos que nos foi possível extrair ao longo dessa última semana, sob a maneira como nós podemos utilizar o significante “psicose ordinária”. A maioria de vocês está, sem dúvida, convencida das vantagens de ampliar os empregos da palavra psicose, que o programa de trabalho que nós denominamos “psicose ordinária” permite realizar.

Eu não desejo, portanto, fazer conclusões, mas sobretudo dizer em voz alta algumas consequências dessa ampliação, especialmente sobre o ponto da interpretação. Pois, como o sublinhou Jacques-Alain Miller, uma coisa é nos orientar sobre o binário clínico neurose/psicose, e outra é pensar na perspectiva da psicose “generalizada”. Mantendo-nos no quadro do Nome-do-Pai, a interpretação se faz em seu nome. Se nós passamos “para além do Édipo”, como, então, ordena-se a questão da interpretação?

A primeira forma de ouvir a interpretação em nome do Pai é que, neste quadro, nós podemos ter conflitos e significações edipianas. O essencial é que esta interpretação comporta limites. Pode-se contar com o valor fálico

¹ Texto publicado originalmente na revista **Quarto**, Retour sur la psychose ordinaire, n^o 94-95, École de la Cause Freudienne, Bruxelles, Janeiro 2009, p. 144-150. Texto transcrito por Victoria Woolard, estabelecido por Adrian Price e reescrito pelo autor.

do gozo para interpretar esses valores os mais obscuros do gozo, os quais se situam sempre além dos significantes.

No interior do campo da psicose e de suas extensões, como interpretar se nós não tivermos o Nome-do-Pai para estabilizar as significações?

Na Orientação Lacaniana, a interpretação se localiza em uma tensão entre dois polos de seu exercício. De um lado, ela é a atividade mais livre do psicanalista². De outro, ela é regida por regras estritas³. Esses dois aspectos da relação da interpretação e das normas podem se enodar em uma proposição, a qual formularia que a interpretação é sem *standard*, mas não sem princípios. O princípio se enuncia: não há metalinguagem.

Não há um nível que seria uma linguagem objeto – o material – e o nível da interpretação que seria de um nível distinto, aplicado sobre o segmento do “material”. Pode-se conceber todo tipo de formas dessa aplicação. Esta pode ser um longo segmento de “material” e uma pequena interpretação ou uma interpretação tão extensiva quanto o “material”. O que quer que seja, em uma concepção desse gênero, os dois níveis são cuidadosamente distintos. Esta concepção da interpretação aplicada a uma linguagem objeto é a mais difundida nas orientações analíticas.

Nós temos um exemplo disto no último livro publicado por Heinz Kohut, *How Does Analysis Cure?*⁴ Em seu sexto capítulo, Kohut opõe a concepção kleiniana da psicanálise, especialmente em sua variante argentina, a sua teoria do *self*. Ele queria opor duas maneiras de formular uma interpretação: seja na língua kleiniana, seja na língua da *self-psychology*. Esse capítulo responde à tentativa de Robert Wallerstein, o qual tentava fundar o ecletismo da IPA no congresso de Montreal em 1987, o que ele chamava suas diferentes línguas da interpretação considerando-as como metáforas de um mesmo referente clínico.

A tarefa essencial de um presidente da IPA é sempre a mesma: trata-se de propor uma esperança comum às comunidades dos praticantes que falam da psicanálise de formas muito distintas. Wallerstein falava de “fundamento comum”, Kernberg pensava a unidade pela contratransferência, Widlöcher pela empatia, e Eizirik, que acaba de terminar seu mandato, o fez pelas neu-

² LACAN, Jacques. La direction de la cure et les principes de son pouvoir. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p. 588. Disponível em português em: LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 594.

³ *Ibid*, p. 600-601.

⁴ KOHUT, Heinz. *How does analysis cure?* University of Chicago Press, 1984.

rociências. A tarefa do presidente de um tal corpo despedaçado é de propor um sonho de unidade.

Este termo da metáfora para descrever uma prática da interpretação é fruto da apropriação dos trabalhos de Lacan, realizada nos anos setenta pela psicanálise da costa oeste dos Estados Unidos. Para a psicanálise, o vetor foi a revista *Psychoanalytic Quarterly*. É um modelo epistemológico suficientemente simplista que parte de um ponto de referência seguro, mas sempre acessível, o *Common Ground* que é a teoria clínica. Metáfora quer dizer que há aí um significante, o qual se traduz em diferentes línguas, todas retornando ao mesmo ponto.

É a isto que vai responder, em 1991, Horacio Etchegoyen, considerando esta posição perigosa⁵. Para ele, uma interpretação verdadeira não é uma metáfora que reenviaria a um mesmo referente clínico. Para ele, uma verdadeira interpretação reenvia a um real. Segundo seus termos, “é preciso que ela dê conta de uma realidade psíquica que existe neste momento no inconsciente do paciente.”

É uma proposição do tipo: “A frase *P* é verdadeira se, e somente se, *P* é verdadeiro.” Etchegoyen sustenta que a interpretação é verdadeira se, e somente se, ela descreve exatamente o que há na cabeça do sujeito no momento em que ela é feita. É todo o problema de uma teoria da verdade que se afirma correspondência entre o *moi*, inconsciente e a realidade. É construir uma instância como o lugar onde se dá a adequação sem resto da pulsão e do significante. Dizer que há um lugar onde alguém tem alguma coisa na cabeça é se opor a esse dizer segundo o qual a pulsão é acéfala. Esta concepção de uma realidade psíquica como lugar, onde se poderia fazer o inventário do que contém, implica uma topologia separando o dentro e o fora por um limite estrito. Ela se opõe à topologia lacaniana do sujeito e do Outro regida pela *extimidade*.

No capítulo VI de seu livro, Kohut recontava a sequência seguinte, a qual ele tinha conhecido em supervisão, por uma analista que ele apresenta como uma sul-americana de orientação kleiniana: “No fim da sessão, essa analista informa sua paciente que, em breve, ela será obrigada a anular uma sessão. No dia seguinte, a paciente permanece em silêncio, distante, e não responde quando a analista a convida a falar. A analista lhe diz então que o anúncio que ela havia feito na sessão precedente a transformou do seio bom, que ela era,

⁵ ETCHEGOYEN, Horacio. Psychoanalysis during the last decade: clinical and theoretical aspects. In: **Psychoanalytic Inquiry**, vol. 11, n. 1, 1991, p. 88-106.

em um seio mau. Ela acrescenta que, desde então, a paciente foi consumida pela raiva; ela quer destruir o seio mau mordendo-o, o que provoca uma inibição oral que a impede de falar.”

Kohut, quanto a ele, pensa que teria valido, talvez, dizer as coisas em termos de *self-psychology*, ou melhor, de *ego-psychology*. Na *ego-psychology* não se vai diretamente ao objeto, passa-se pelos conflitos edipianos. Diz-se então à paciente: “Você ressentiu o anúncio que fiz ontem da mesma forma que quando sua mãe fechava a porta de seu quarto para deitar com seu pai.” Eis o conflito edipiano: a paciente está louca de raiva de ver que sua mãe se interessa em outra coisa que não ela.

Nos termos empregados pela *self-psychology* para as personalidades narcísicas, ou no que nós chamaríamos de psicoses ordinárias, teria sido preciso reformular as coisas em termos de interpretação centrada sobre o *self*, falando da estima de si. Na teoria de Kohut, a *self-esteem* do analisante narcísico não suporta o conflito, pois ele não elaborou o conflito edipiano propriamente falando. Será preciso então formular: “Seu amor próprio começou pela novidade que eu lhe anunciei ontem, da mesma forma quando no dia em que sua mãe, fria e distante, demitiu a cozinheira, a qual era tão calorosa, fazia elogios, e que te permitia vir ajudá-la na cozinha.”

A analista, trazendo a interpretação kleiniana centrada no objeto, nota que após a interpretação, a paciente ficou mais descontraída. Ela retomou a fala mais livremente e se deu conta de que tinha passado toda a sessão precedente a cerrar os dentes. Kohut faz esse comentário: qualquer que tenha sido o efeito positivo da interpretação, é preciso notar a lacuna entre a mensagem justa e a teoria falsa.

Para ele a mensagem essencial é: “Você está profundamente transtornada pelo fato de que uma de suas sessões foi anulada. Eu tomo ato disto, é legítimo, você tinha o direito.” A teoria de Kohut – sua mensagem fundamental – é a empatia; o acolhimento do outro. A psicanálise cura com o sorriso da mãe. É esse sim fundamental que Kohut considera como o essencial da operação psicanalítica.

Etchegoyen se opõe às proposições de Kohut. Ele conserva a oposição entre teoria e formulação, mas de modo inverso. A teoria foi justa, esta do bom e do mau seio, mas a formulação do analista não estava correta por diversas razões. A primeira regra da interpretação, segundo ele, é de estritamente partir do enunciado do paciente. Não é então preciso evocar a sessão anulada visto que ela não havia sido evocada pela paciente. Era simplesmente

preciso colocar palavras sobre o silêncio: “alguma coisa te incomoda e você é incapaz de exprimi-la”. E aí, “Se ela dissesse que se calava porque desde a sessão precedente seu maxilar estava contraído e se ela tivesse acrescentado algumas palavras mordazes endereçadas à analista, então haveria nisso verificação.” Do fato que o maxilar era evocado, o objeto oral está presente na realidade psíquica. A prova é a do relaxamento dos sujeitos. Somente aí, poder-se-ia dizer: “você sentiu o anúncio da véspera como se o seio lhe fora retirado, e você reagiu pelo medo e a vontade de mordê-lo, cerrando os dentes e proferindo palavras que podem também morder.”

Etchegoyen prossegue: “Se jamais a analisante tivesse dito que, enquanto ela se calava, pensava em um incidente desagradável, acontecido na noite anterior com sua filha de cinco anos, a qual quis ficar no quarto de seus pais ao invés de ir dormir no seu; que a paciente tinha acabado ficando nervosa e a levado para a cama a força e, se ela tivesse acrescentado que já estava nervosa porque, saindo da sessão, discutiu com um motorista de táxi, pois este não lhe devolveu o troco, aí então, eu não teria hesitado em lhe dizer que esta cólera, da qual ela falava a propósito de sua filha, era sua forma de me informar de sua reação ao anúncio feito por mim [...]; que ela havia discutido com o taxista porque ele não queria lhe dar alguma coisa; e que, falando de sua filha, ela exprimia sua própria reação infantil: sentia que eu era sua mãe, colocando para correr violentamente de seu quarto, para poder deitar com seu pai.” E enfim: “se a analisante me tivesse trazido um sonho, reproduzindo a situação infantil traumática na qual sua mãe tinha demitido a gentil cozinheira”, eu teria dito: “de fato, foi como sua mãe...”

Mas Etchegoyen acrescenta: “Eu não teria jamais tido o colhão de dizer “sua mãe fria e indiferente”, pois uma interpretação deve sempre incidir sobre o sujeito, e jamais sobre os personagens de seu entorno. Nisso meu desacordo é formal”. Esse tipo de desacordo evoca as querelas que atravessaram o movimento psicanalítico. Seria preciso receber ou não os pais de uma criança, o entorno de um sujeito? Parece difícil anunciar proposições universais, positivas ou negativas, sobre o que é preciso fazer. Sempre há casos que farão objeção a essas prescrições. Vê-se vantagem da indicação de Lacan que nos diz que a interpretação deve somente incidir sobre o objeto e o modo de gozo. Isso sim pode funcionar no jogo de seu entorno.

Retornemos a Etchegoyen. Segundo ele, o problema não é de discutir a profundidade dessas interpretações ou sua eficácia, é de saber se pensamos ou não que isso reenvia realmente a alguma coisa, um estado de espírito, *a state*

of mind, formulado na realidade psíquica do paciente. Quando ele formula uma interpretação: “O trabalho analítico estabelece condições de verdade na realidade psíquica. [...] Nesse momento, a interpretação cessa de ser uma figura de discurso, e ela toma uma significação precisa e isomorfa com o que se passa realmente no espírito (*mind*) daquele que a recebe.” Nessa pequena frase, tudo está dado. Primeiramente, “as mesas de verdade se introduzem em uma realidade”. Em seguida, utilizando os termos “isomorfo” e “condição de verdade”, Etchegoyen salva uma teoria denotativa da verdade. Esta concepção permite, então, a Horacio Etchegoyen misturar até um certo tipo de positivismo lógico de interpretação. De fato, em um certo momento, a interpretação tem uma significação isolável e visa uma correspondência segura. Lacan dirá, em um quadro epistemológico mais vasto, que o analista “acrescenta sua lógica” ao discurso inconsciente do analisante.

O desacordo é sobre o fato que com uma teoria segundo a qual há uma adequação entre a interpretação e o que se passa “realmente” na cabeça, quando se visa a pulsão, reencontramos as aporias mesmas denunciadas por Lacan na “Direção do tratamento...”. A interpretação não é uma isomorfia, ela “faz escutar”. O que se trata de fazer escutar é determinado pela direção do tratamento. A interpretação é criacionista, ela determina o que é preciso fazer escutar ao analisante. No caso do Homem dos miolos frescos, “fora preciso lhe fazer escutar que ele não rouba nada”.

Desde *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*⁶, Lacan situa a interpretação longe de uma metalinguagem. É uma dimensão da fala enodando, de forma especial, fala e linguagem. A partir da valorização da Instância da letra e em detrimento da função da fala, Lacan reformula sua tese fundamental sob a forma: “o desejo é sua interpretação”. Esta formulação se opõe à definição de um desejo inconsciente definindo o nível de uma linguagem-objeto e a interpretação desse desejo inconsciente como a linguagem que o decifraria colocando-o à vista. Dizer que “o desejo, é sua interpretação” retorna a coincidir os dois níveis. Não se pode mais separar o desejo inconsciente do nível da interpretação. É dizer também que a interpretação desenvolvida se sustenta de um desejo, na ocasião, do desejo do psicanalista de interpretar.

6 LACAN, Jacques. Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse. In: **Écrits**. Paris: Seuil, 1966, p. 237-322. Disponível em português em: LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 238-323.

Outra forma de reformular o princípio da interpretação é de dizer que a interpretação é uma pontuação. Esse é um fato que Jacques-Alain Miller apurou minuciosamente. Ela se situa no mesmo nível do inconsciente estruturado como uma linguagem. A pontuação faz interpretação, pois ela é situada no mesmo nível do discurso inconsciente. O inconsciente é uma linguagem com pontuações. Demandava-se a Umberto Eco, em uma época em que ele era o xodó da mídia, como seu *Nome da Rosa*: “quem é você no romance?” Ele respondia: “Eu sou o ponto-vírgula”. Dar-se o lugar daquele que pontua, dar-se o lugar da pontuação mesma é uma resposta muito lacaniana. É uma interpretação-pontuação formulada em abismo.

Jacques-Alain Miller enuncia isto de forma chocante dizendo que o analista é o editor do texto do analisante. É daí que vem uma outra reformulação da tese de Lacan no Seminário XI: “O analista faz parte do conceito do inconsciente”. Ele é estruturado da mesma forma. Não o inconsciente sem sua pontuação, sem seu editor, sem aquele que o faz aparecer. O inconsciente não é uma coisa dada. Ele aparece ao longo da prática mesma da psicanálise que torna possível o surgimento desse inconsciente inseparável de seu nível dito interpretativo. É por isto que a estrutura do sujeito é a de uma banda de Moebius e não de uma superposição de planos sob dois níveis sobre os quais se poderia ter aplicações.

Esta estrutura “não existe metalinguagem” é crucial na questão do lugar do Outro. O Outro é um lugar com propriedades extremamente estranhas. Em “A direção do tratamento...”, Lacan diz: “A interpretação, para decifrar a diacronia das repetições inconscientes, deve introduzir na sincronia dos significantes que nela se compõe algo que, de repente, possibilite a tradução – precisamente aquilo que a função do Outro permite no receptáculo do código, sendo a propósito dele que aparece o elemento faltante”⁷.

O lugar do Outro é mágico e onde sempre é possível que um elemento novo surja ali onde não se fazia presente. É um lugar onde isso se inscreve de tal modo que, a partir da sincronia dos elementos significantes, é sempre possível fazer surgir aí um outro o qual, por sua vez, tornará a tradução da sequência possível. Freud falava do bloco mágico, pequeno quadro das crianças onde um texto se apaga mas, entretanto, resta inscrito para anotar a relação

⁷ LACAN, Jacques. La direction de la cure et les principes de son pouvoir. In: **Écrits**. Paris: Seuil, 1996, p. 593. Disponível em português em: LACAN, Jacques. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: **Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 599.

do consciente e do inconsciente. Lacan mune o Outro de uma topologia mais complexa. É um lugar mágico, de fato, pois ele tem a estrutura de uma banda de Moebius. A partir do outro lado, é sempre possível que outro significante surja e torne a cadeia traduzível. Situar a interpretação como tradução é, ao mesmo tempo, muito freudiano – na carta 52 a Fliess, Freud fala de elementos discretos traduzidos de época em época – e muito radical. É uma subversão da interpretação como língua suplementar. O sujeito pode então reconhecer o que lhe era estranho como fazendo parte dele. É de um tipo de tradução do sujeito no texto que se trata – e não de uma mensagem, de uma língua em outra. O sujeito é um lugar tão mágico quanto o lugar do Outro. Pode ser acrescentado em uma frase sem mudar seu sentido e, no entanto, faz toda diferença. Lacan se interessou, por exemplo, nas palavras que espalham a língua, não querendo dizer nada, mas assinalam a enunciação. Entre o “eu temo que ele não venha” e o “eu temo que ele venha”, alguns gramáticos estimam ser do lado do sentido sem nenhuma diferença. Lacan, como os gramáticos Damourette e Pichon, estima, ao contrário, que o “*ne* expletivo”, aquele do qual se poderia prescindir, pode sempre se adicionar a um grupo verbal expressando a vontade ou a necessidade, sendo o lugar do sujeito da enunciação. Esta estrutura é aquela do conjunto russeliano.

Jacques-Alain Miller escolheu evidenciá-la afirmando a tese: “O inconsciente interpreta”, e não o analista. O inconsciente interpreta, e especialmente na psicose, visto que nela, mais do que a neurose, coloca-se em evidência a estrutura do lugar do Outro. O lugar do Outro se apresenta inicialmente com esta propriedade do conjunto russeliano, a saber, que um elemento suplementar pode sempre se acrescentar ao conjunto desse lugar onde a inclusão e exclusão se enodam de forma tão particular. O Outro é inicialmente munido, no ensino de Lacan, da metáfora paterna qualificando o que é do registro da neurose. A metáfora paterna, o Nome-do-Pai, vem então garantir a consistência da significação no Outro. O pai é inicialmente aquele que introduz o limite, aquele que sustenta o lugar do “é assim porque é assim”. Se abordamos a estrutura do Outro do ponto de vista da neurose, não vemos o quanto a interpretação se faz em nome do Pai. O Nome-do-Pai permite haver um ponto limite ao complemento do S1 por S2 e de fazer de forma que a fala pare graças a esta função. Há um silêncio incluído na língua, o qual faz com que o texto inconsciente possa encontrar uma respiração, permitindo ao sujeito, como dizia o presidente Schreber, “não pensar em nada”, de poder

soprar. Isso quer dizer, poder agir, sem estar embaraçado permanentemente por seu “pensamento”, invadido pela formulação alucinatória.

Não é um por acaso que, nas suas reflexões sobre a psicanálise, a questão feita por Wittgenstein a Freud se relacionava com o ponto de basta. Não é por acaso que Wittgenstein, psicótico, não acreditava absolutamente no pai e fez toda sua obra para saber onde parar. Lacan, em seguida, estruturou sempre mais a questão da interpretação, a partir da psicose especialmente, a partir do momento onde ele pluralizou os Nomes-do-Pai. O que Jacques-Alain Miller chamou da segunda metáfora em Lacan consiste no que o gozo é suportado pelo Outro. É a língua mesma a significantizar o gozo e a transformá-la em um pedaço de gozo, tal como o objeto a, ao mesmo tempo elemento de gozo e que se comporta, ainda, como uma letra. Ele pode entrar em cadeia, pode entrar em série, pode ser substituível, pode estar em lugar de causa.

Nossa questão torna-se então: como se pode parar se é na própria língua que se suporta a significantização do gozo?

De qual interpretação se trata?

Se falamos de interpretação na psicose, é do fato que o sujeito psicótico nos precede sempre. Ele interpreta de forma original. Ele crê na sua interpretação. Ele está pronto para impô-la ao mundo. Ele passa pela experiência de falas impostas, as quais são interpretações impostas a ele. Interpretar a psicose é reconhecer o inconsciente “a céu aberto” como um dispositivo interpretativo, como um trabalho permanente onde o inconsciente se retraduz sem parar. Trata-se, então, para não se deixar levar pelo movimento delirante, de recentrar o sujeito sobre os fenômenos elementares, os S1 isolados que se impõem ao sujeito psicótico. Ele testemunha, para uma carne a qual advém, incessantemente, os fenômenos de gozo, que esse gozo venha do corpo próprio, no esquizofrênico, ou que esse gozo seja o gozo mau do Outro – o que é a suposição do paranoico. Esse trabalho interminável tem dois pontos de homeostase: pontos de basta e de suspensão. Mesmo nas psicoses interpretativas e mais florescentes, no que Lacan chamou de estabilização da metáfora delirante, há um momento onde o sujeito encontra momentos de calma, de apaziguamento depois dos momentos de trabalho interpretativo, de trabalho com produção exaustiva.

Nessa estabilização da metáfora, o significante e o significado (na primeira formulação da metáfora), o gozo e o Outro (na segunda formulação da me-

táfora) encontram uma forma de se manter juntos, o objeto *a* encontra um lugar. É ao nos colocarmos à escuta da psicose ela mesma que se reencontra os elementos da segunda clínica de Lacan. Trata-se de saber como manter juntos significante e gozo nas variantes não *standards* apresentadas pelas diferentes psicoses. Na *Convenção de Antibes*⁸, Jacques-Alain Miller nota que a metáfora como estrutura pode assumir e colocar em função elementos clássicos – mas ela pode também se valer de elementos não *standard*, raros, puramente individuais. O Nome-do-Pai é um *standard* em nossa civilização, mas a metáfora pode muito bem articular elementos pertencentes a um só sujeito. Esses elementos, nós o encontramos por exemplo em Joyce, o qual quer se fazer refundador de uma língua, o artífice da produção de uma língua. Podem-se encontrar, nesses elementos singulares, os elementos mais variados: é, para o sujeito, um tipo de fábrica pela qual um elemento muito atípico, muito particular, coloca-se em função. Nós podemos elevar a coisa ao ponto onde um nome, outrora um nome comum, se coloca para o sujeito em posição de nome próprio. Como o diz Lacan em “Subversão do Sujeito...”, um nome próprio é um significante extraordinário em que o significante e o significado se equilibram, são estabilizados. O nome próprio é uma metáfora delirante exitosa, pois o nome próprio tem na língua propriedades extraordinárias: ele não se traduz mais. Nesse sentido, a operação nome próprio é da ordem da metáfora exitosa. Ela fixa; ela articula de tal forma que a tradução pode cessar. Não se traduz além disso. É isso. Isso nomeou. É bem como a estrutura do fenômeno elementar.

Na psicose, nós devemos realizar um duplo movimento. De um lado, nós acompanhamos a tomada do gozo pela língua, o trabalho interpretativo, a produção no lugar do Outro do trabalho do psicótico. Isso não se faz sem nós, os portadores do discurso analítico. Esse discurso transporta com ele o lugar do Outro. Ele o instala e dá sua função. Nós autorizamos, pela instalação do lugar do Outro, o lugar onde pode permitir a tradução. O trabalho de tradução continua, mas, ao mesmo tempo, de outro lado, é preciso saber que nós visamos obter uma estabilização, uma homeostase, uma pontuação. Pode-se opor de forma demasiadamente estrita, caricatural, a ideia que se faz falar o neurótico e se faz calar o psicótico. É uma posição caricatural, pois

⁸ MILLER, Jacques-Alain et al. **La psychose ordinaire** – La Convention d'Antibes. Paris: Seuil, 1999. Disponível em português em: **A psicose ordinária**. BATISTA, Maria do Carmo e LAIA, Sérgio (Orgs.). Trad. de José Luiz Gaglianoni, Lourenço Astúa de Moraes, Maria da Glória Magalhães e Sandra Arruda Grostein. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.

não se trata de fazer calar. Trata-se de estabilizar, de visar a possibilidade de um corte e que a língua não seja mais compactada, holofraseada. Que não haja simplesmente uma só sequência de significantes S1, S2 ... Sn sem as vírgulas. Trata-se de obter a possibilidade das vírgulas. Então, essas vírgulas, na sessão, nós a fazemos. Nós visamos o *sinthoma*. “Uma prática visando, no sujeito, o *sinthoma*, não produz uma interpretação no lugar do inconsciente. Interpretar no lugar do inconsciente é permanecer a serviço do princípio do prazer”⁹.

Visar o *sinthoma* é sublinhar, retornar aos significantes, isolá-los, separá-los da cadeia, dar-lhes todo seu lugar, desconectá-los da cadeia significante. Imaginemos um diálogo fictício com o presidente Schreber. Nós lhe diríamos: “Você disse ‘uivo’, ‘milagre do uivo’? Diga-me mais sobre isso. O que é ‘milagre do uivo’?” Você visa o significante “uivo”, você o destaca da série e você o demanda para se centrar sobre o “milagre do uivo”. Não se trata de reanimar a cadeia S1 → S2, mas, sobretudo, de se centrar sobre o acontecimento de corpo que representa o “milagre do uivo”. O sujeito é convidado a dizer, em sua particularidade, como ele se defende do milagre por uma invenção particular. O presidente Schreber nos teria dito de seu uso do piano. Nós centramos, então, a interpretação sobre o par ordenado (S1, a).

A tomada do gozo pela linguagem encontrou um uso particular para o sujeito que não pode se contentar com soluções comuns, que não pode se apoiar sobre a linguagem pública e processos *standards* para estabilizar as significações. O esforço pode tomar formas variadas, como no Caso de Armando apresentado por Maria J. Lopez¹⁰, no qual, diz ela, não há delírio evidente, mas onde toda sua atividade é delirante. Não há alucinações, mas ele está à procura de um som muito particular através de toda forma de instrumento musical. A particularidade desse som tem uma consistência quase alucinatória. A linguagem é acompanhada para ele por vibrações, o som do Outro, que se lhe apresenta pelos instrumentos musicais. No final de seu percurso, ele encontra sua linguagem fundamental com o Gaélico, a língua original supostamente falada pelo rei Arthur.

⁹ MILLER, Jacques-Alain. L'interprétation à l'envers. **La cause freudienne**, 1996, p. 11. n. 32.

¹⁰ LOPEZ, Maria. Le cas d'Armand. **Quarto**. Revue de psychanalyse publiée à Bruxelles. N° 94-95. Bruxelas: École de la Cause Freudienne, jan. 2009, p. 111-114.

Nós encontramos ainda outro tipo de esforço no caso apresentado por Tom Svolos¹¹, onde a estabilização da angústia psicótica do paciente se faz por uma identificação megalomaníaca a Abraham Lincoln. “É possível viver atormentado e ser um grande homem”. É uma forma de fixar o sujeito, de ir contra a dispersão na língua. Trata-se de utilizar a propriedade do corte, de introduzir o silêncio da letra: “Nós não precisamos ir mais além, nós já estamos lá!”

Isto pode ser o caso com uma criança psicótica que tem três elementos: um copo, água e “se bater”. Toma-se um elemento na série: o copo. Pega-o na mão, leva-o próximo da água e o enche, esvazia-o e depois o vê encher e esvaziar de forma incessante. E em seguida, coloca-se um segundo copo, um terceiro, e coloca-os um dentro do outro. A partir dos significantes isolados constrói-se uma série. O método é o mesmo: extrai-se um elemento incluído na cadeia de gozo da criança. Isso pode ser seu olhar perturbado diante da janela. Aí, passa-se alguma coisa entre a janela e ele, tenta-se extrair do olhar, de colocar o olhar em função.

A pontuação consiste em obter alguma coisa como um apaziguamento. As construções mais inverossímeis e as mais inventivas que fazem os sujeitos psicóticos sustentarem, na balança, onde o corpo está implicado. É o que se tenta obter por diversas maneiras.

Na interpretação da psicose nós não nos deixamos levar por uma fala louca em nome do fato que “o delírio é uma via em direção à cura”. Não se deixa um sujeito delirar até o esgotamento, seja ele maníaco ou paranoico. Nós sabemos que a nomeação, dar um nome, pode consistir em bater no outro. O “*Tu és isso*” é uma forma de nomeação. Lacan fez valer o quanto “*tu és*” é, ao mesmo tempo, um matar [do fr. *tuer*]¹². Esta homofonia reenvia ao significante como assassinato da coisa pelo nome que a designa, que ela esteja presente ou ausente, viva ou morta. A passagem ao ato hetero-agressiva ou autoagressiva é também uma forma de dar nome. Nós nos servimos de elementos significantes dados pelo sujeito. Trata-se do que ele diz, mas também de elementos significantes de sua conduta, de seus *actings out*. São tantos os elementos que nos permitem guiar no diálogo com o sujeito sobre o que falar, o que quer dizer. Nós visamos no horizonte o efeito de silêncio, de pausa,

¹¹ Este caso, apresentado durante o *Paris English Seminar*, não pode ser coletado para este número.

¹² [N.T. Gustavo Ramos] No francês há uma homofonia entre *Tu es*, *tu és*, e *Tuer*, matar. Retomado por Lacan no último capítulo do Seminário 5 sobre as formações do inconsciente.

de estabilização. É o que faz com que, na ocasião, com sujeitos psicóticos, a sessão é um momento de pausa, de silêncio, de não pensar em nada.

Um colega testemunhava um modo de sessão limite ao sujeito psicótico que, em sessão, não lhe diz nada, assenta-se e não diz nada. Após um momento, o analista o conduz, muito cerimoniosamente, à porta. E o sujeito diz: “foi uma boa sessão hoje”. É um caso exemplificativo extremo, é uma passagem ao limite. Esse sujeito é tomado por um trabalho de produção importante, mas, durante a sessão, há um momento onde ele não pensa em nada, um momento onde ele não diz nada e é o que, para ele, introduz a função da pausa. É seu momento, no dia, de não pensar em nada face a um significante-mestre. Esse dispositivo, muito estranho, dá a ideia de que a interpretação lacaniana deve visar o silêncio, deve incluir o silêncio. Quando seu artigo sobre a interpretação foi publicado na Argentina em uma coleção, Jacques-Alain Miller o havia nomeado “*Entonces sssh...*”¹³. É também o que nos diz a palavra segundo a qual “o silêncio que segue uma sinfonia de Mozart pertence a Mozart”. É preciso que o silêncio pertença à interpretação. Uma interpretação deve comportar seu silêncio ou seu enigma. O equívoco interpretativo não quer dizer que se trata de uma interpretação onde não se compreende nada, de uma interpretação aberta a todos os sentidos, como dizia Lacan. O equívoco não quer dizer que todos os sentidos são possíveis. O equívoco quer dizer que o jogo sobre o sentido é suficiente para que haja silêncio, para que o significante possa se decompor, possa ser quebrado, para que não se produza nem a concatenação sem fim nem a significação congelada.

É o que faz com que, quando um sujeito psicótico vem nos ver, nós nos colocamos à escuta da psicose para aprender com ele os elementos não *standards* que ele faz funcionar como ponto de basta. Ao escutá-lo, nós nos perguntamos o que faz para ele *capiton*. Nós devemos aprender do sujeito psicótico como ele consegue não pensar em nada, como ele consegue introduzir o silêncio e poder, nós mesmos, saber como nós podemos ajudá-lo a introduzir, a manejar o corte. Cortar na inundação significante é conseguir fazê-lo manter junto, obter o “é isso”. É assim ao nos aproximarmos da estrutura do significante sozinho. “O significante unário, como tal sem sentido, quer dizer que o fenômeno elementar é primordial. O avesso da interpretação consiste em circunscrever o significante como fenômeno elementar do

¹³ MILLER, Jacques-Alain. *Entonces Sssh...* **Minilibros**. Barcelona/Buenos Aires: Eólia, 1996.

sujeito, e como antes ele articulava na formação do inconsciente dando a ele um sentido delirante” .

É preciso encontrar o traço pelo qual se aproxima da separação, é preciso visar o ponto de separação. Como se pode ajudar o sujeito para que ele possa se separar? Isso pode ser, por exemplo, escolhendo o silêncio, autorizando-o a escolher o silêncio. Como nós vimos, isso pode ser tomar a si mesmo em uma posição muito diretiva, por exemplo, quando o sujeito está perplexo, ou à beira da despersonalização. Então, é preciso sublinhar, decidir sobre o sentido de uma palavra, de uma expressão. Em todo caso, nós devemos inventar o que deve levar a interpretação como separação do Outro.

Já em “*Entonces sssh...*” se diferencia a interpretação como corte, produto da perplexidade, e a pontuação, a qual está do lado do Nome-do-Pai. “A questão não é de saber se a sessão é longa ou curta, silenciosa ou falante. Ou a sessão é uma unidade semântica, onde S2 vem a fazer pontuação à elaboração – delírio ao serviço do Nome-do-Pai – muitas sessões são assim. Ou a sessão analítica é uma unidade assemântica reconduzindo o sujeito à opacidade de seu gozo. Isso supõe que, antes terminar a sessão, ela seja cortada” .

Além de uma estrita distribuição pontuação-neurose e corte-psicose, digamos que a interpretação-corte é uma interpretação compatível com a segunda clínica de Lacan e que permite englobar a primeira. O discurso do analista é esta operação de corte do inconsciente. Ele visa produzir este corte.

O lugar do analista se define, então, como fazendo parte do conceito de inconsciente. Em sua interrogação do ato analítico, Lacan nota que a verdadeira originalidade do método analítico não é de ter produzido uma classificação nova, mas de constatar que o analista já está aí na história do sujeito. Quando o analista se interroga sobre um caso, quando ele faz a anamnese, quando ele o prepara, quando ele começa a aproximar-se dele e uma vez que ele entra com a análise..., ele, o analista, já estava lá em tal ponto da história do sujeito. Isso quer dizer que já estavam lá para esse sujeito, no Outro, as marcas pelas quais ele se apropriou da linguagem comum para transcrever suas experiências sempre particulares, ou melhor, singulares. Essas marcas sempre estiveram lá, inscritas em uma série de fenômenos, partindo do fenômeno elementar à fixação erógena, ao trauma, ao uso quase neológico das palavras comuns. Encontra-se sempre este traço particular de um uso que jamais foi pensado por ninguém. Pelo discurso analítico, torna-se possível colocar estes elementos em função. A interpretação, nesta perspectiva, faz uso desses elementos que já estavam lá e se serve das particularidades do

que sempre faz falha no Outro; seu fracasso possibilitou o campo do gozo como tal. Esses fracassos serão nosso ponto de partida e nosso horizonte. Para parafrasear Beckett, eles nos permitirão de falhar ainda melhor.

Tradução: Leonardo Scofield e Gustavo Ramos

Resumo Após a Convenção de Antibes se começou a falar em psicose ordinária como aqueles casos não tão graves de psicoses e onde se poderia encontrar uma outra amarração para que o sujeito continue vivendo. Este texto vai além e questiona o estatuto de interpretação na psicose ordinária, denominada aqui de interpretação ordinária.

Palavras-chave Psicose. Psicose Ordinária. Interpretação. Interpretação Ordinária.

Abstract After the Antibes Convention, one began to speak in ordinary psychosis like those cases not so serious where someone could find another lashing for the subject to continue living. This text goes further and questions the status of interpretation in ordinary psychosis, here called ordinary interpretation.

Keywords Psychosis. Ordinary Psychosis. Interpretation. Ordinary Interpretation.



ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE A DIREÇÃO DO TRATAMENTO NA PSICOSE ORDINÁRIAS

GIL CAROZ

Psicanalista, Analista Membro da Escola ECF/NLS e AMP
Bruxelas - Bélgica
E-mail: gil.caroz@skynet.be

Tratamento por religamento¹

À diferença da neurose e da paranoia, em que os sintomas funcionam como um enodamento sólido e estável, e à diferença da esquizofrenia, na qual nós vemos uma fragmentação *in vivo* e onde, no lugar de um enodamento, tem-se

¹ [N.T.] O termo, em francês, está grafado como “traitement par rebranchement”. Há um debate em torno desse significante no francês. Optou-se, aqui, pela tradução de 2007 de Sérgio Laia, no seminário XXIII, a qual é a utilizada desde então para as traduções posteriores, como é o caso do livro *A psicose ordinária*, de Jacques-Alain Miller e outros autores, publicado no Brasil em 2012, pela editora Scriptum, e onde lemos o primeiro texto, intitulado “Ligamento, desligamentos, religamentos”, na primeira parte do livro dedicada à Seção Clínica de Aix-Marseille e *Antenne Clinique* de Nice. Aqui, portanto, optou-se pela seguinte tradução: Branchement: ligamento; *débranchement*: desligamento; *rebranchement*: religamento. Nota-se, todavia, o amplo sentido que há na língua francesa, pois, quando se vai carregar um celular, p. ex., diz-se “Je vais *brancher* le téléphone portable”, como também, ao se dizer que alguém está ligado, conectado, não no sentido de estar ligado a algo ou alguém, mas no sentido de estar a par dos acontecimentos, diz-se “Il est *branché*”. Porém, há ainda outra alternativa, a qual Graciela Brodsky desenvolve em seu seminário Loucuras discretas: um seminário sobre as chamadas psicoses ordinárias, de 2009, e ministrado no Brasil. É nele que a psicanalista opta pela tradução de *débranchement* como desenganche e escreve: “É um bom termo; embora em francês seja *débranchement* – como quando um galho se separa da árvore –, traduzimo-lo por desenganche, que está muito bem, pois o desencadeamento orienta em relação à cadeia, é algo que se solta de uma cadeia, enquanto que o desenganche remete ao gancho que, por sua vez, remete, em espanhol, ao *ganchilo*. *Hacer ganchillo* significa fazer crochê. Isso orienta em relação ao nó, pois o crochê é um sistema de enodamento, de unir até formar um cachecol, uma rede.” (BRODSKY, 2011 [2009], p. 33-34). Além disso, há uma divisão ocorrida em 1997, à época da Convenção de Antibes, quando se optou por denominar, a partir da orientação de Miller, “desencadeamento” às psicoses “extraordinárias”, na qual ocorre uma queda brusca com um delírio grave à maneira do presidente Schreber; o “neodesencadeamento”, contudo, foi o termo encontrado para nomear os pequenos delírios da psicose ordinária. Brodsky, ao se referir a essa questão, diz que o psicanalista deve ficar atento aos sinais não tão claros de uma neurose e partir para o diagnóstico possível de uma psicose ordinária e secretariar tal sujeito para que não haja, aí sim, desencadeamento.

uma fusão entre real e simbólico (na esquizofrenia o simbólico é real), na psicose ordinária somos confrontados com uma clínica oscilante, da qual Jacques-Alain Miller descreve como um movimento dialético entre ligamento, períodos de estabilização, e desligamento, momento de descompensação.

Se adicionarmos ao “ligamento” e ao “desligamento” o termo religamento, teremos uma primeira orientação para a direção do tratamento na psicose ordinária. É uma ideia que eu retirei de um texto citado por Hervé Castanet e Philippe De Georges na *Convenção de Antibes*. Os autores colocam em primeiro lugar a sucessão “Ligamento – desligamento – religamento”. Eles indicam que “localizar o que, em um dado momento, para um sujeito, faz ‘desligamento’, na relação com o Outro [essa localização esclarece] [...] retrospectivamente sobre o elemento que fazia ‘ligamento’ para esse sujeito e permite direcionar o tratamento no sentido de um eventual ‘religamento’”². Assim, a direção do tratamento na psicose ordinária pode se orientar sobre o que foi desligado por um sujeito a fim de calcular o que lhe permitirá religar.

Uma conversação democrática

Jacques-Alain Miller descreveu uma espécie de democratiza o do Outro inerente   psicose ordinária. O Nome-do-Pai como aparelho de enodamento entre real, simbólico e imaginário,   somente um sintoma dentre outros. Esta democratiza o do Outro nos obriga a perceber as novas considera es concernentes   liga o transferencial no tratamento. O sujeito suposto saber não pode mais ser nossa única referência, pois ele implica uma crença no inconsciente, uma crença nos efeitos de verdade da articula o entre os significantes. No entanto, esta articula o mesma depende do Nome-do-Pai.   por isso que na rela o da psicose ordinária com a psicanálise, nós não esperamos esta crença do sujeito que chega dizendo “quero falar qualquer coisa”, no sentido do inconsciente. Mas não   que esse sujeito não queira nada dizer, no sentido de um saber exposto, um saber que estará acima da barra do recalque. O meio-dito, o equívoco, o silêncio do analista e todas as outras opera es, os quais abrem o saber no lugar da verdade do inconsciente,

² CASTANET, Hervé; DE GEORGES, Philippe. “Branchement, débranchement, rebranchement”, **La psychose ordinaire** – La Convention d’Antibes, Agalma, coll. publiée par Jacques-Alain Miller, Le Paon, Seuil, 1999, p. 14. [N.T] Disponível em português em: CASTANET, Hervé; DE GEORGES, Philippe. Ligamentos, desligamentos, religamentos. In: **A psicose ordinária: a convenço de Antibes**. BATISTA, Maria do Carmo Dias; LAIA, Sérgio. (Orgs.). Trad. de José Luiz Gaglianoni, Lourenço Astúa de Moraes, Maria da Glória Magalhães e Sandra Arruda Grostein. Belo Horizonte: Scriptum livros, 2012, p. 22

não fazem senão readicionar para o lado do desligamento. À democratização do Nome-do-Pai, à pluralização dos *sinthomas*, os quais asseguram o enodamento *RSI*, responde-se com uma democratização da relação analisando-analista, a qual, frequentemente, dá à sessão analítica o aspecto democrático de uma conversação, de uma troca. Esta conversação se desenrola segundo modelos diferentes. Dependendo do lugar onde o desligamento se produziu, ele dará seu acento sobre o real, o simbólico ou o imaginário. Eu proponho organizar esses modos de conversação sobre os seguintes títulos: “Tradução e nomeação”, “Adereço imaginário” e “Isolamento do real”.

Tradução e nomeação

A ideia que nós tínhamos até agora sobre a direção do tratamento na psicose tinha o Nome-do-Pai como referência. Por exemplo, tinha-se o hábito de dizer ser necessário evitar, ao sujeito psicótico, o reencontro com Um-Pai, que se devia protegê-lo do gozo do Outro, que se devia “barrar o Outro”. Para colocar outro exemplo, tinha-se o hábito de encorajar certa difração da transferência entre muitos praticantes na paranoia (psicanalista, psiquiatra, assistente social etc.) a fim de atenuar o desenvolvimento do delírio persecutório ou da erotomania sobre uma única pessoa. E, ao contrário, tinha-se o hábito de reunir a transferência sobre uma pessoa na esquizofrenia, a qual já é uma estrutura suficientemente difratada e fragmentada. Utilizamos sempre essas linhas de condução no tratamento, mas há outros.

O estudo da psicose ordinária conduziu a novas elaborações concernentes ao tratamento com sujeitos psicóticos. Entre os mais importantes, encontramos os de Éric Laurent, sobre o trabalho de nomeação e de tradução do gozo que convém ao tratamento do sujeito psicótico³. Nota-se que este trabalho de tradução e de nomeação é o negócio de todo ser humano. O matema da metáfora paterna elaborado por Lacan é, em si mesmo, um trabalho de nomeação e de tradução do gozo enquanto desconhecido, o x que escapa ao significante. Esta operação da metáfora paterna se faz em dois tempos. De início, o Desejo da Mãe (DM) nomeia o x do ser do sujeito. Em seguinte, o Nome-do-Pai (NP) vem fornecer sua versão, sua tradução deste x . Assim, na neurose, o sujeito está dispensado deste trabalho de nomeação e tradução, pois a metáfora paterna faz por ele. O mesmo ocorre, na versão paradigmática da psicose que Jacques Lacan descreve na “Questão preliminar”, com a psicose

³ LAURENT, Éric. **La psychose ordinaire**, op. cit., pp. 339-341; “Les traitements psychanalytiques des psychoses”, Les feuillets du Courtil, n. 21, pp. 7-24.

schreberiana, que é a construção de uma metáfora delirante a qual assegura o trabalho de nomeação e de tradução lá onde o Nome-do-Pai está forcluído. Na psicose ordinária, o sujeito tem a tarefa de nomear o gozo sem ter esses recursos, nem o Nome-do-Pai nem a metáfora delirante. É o *sinthoma*, enquanto operador da dimensão da letra no significante, o que lhe permitirá tratar do gozo. Mas o *sinthoma* não está dado a todo mundo e ele não está sempre lá. Sua elaboração é o resultado de um trabalho. E como ele não está lá, o sujeito poderá se sustentar no analista para este trabalho de nomeação e tradução o qual jamais termina, pois, como disse Éric Laurent, “o gozo falta no oceano de nomes próprios”⁴, dizendo de outra maneira, o significante não cobrirá jamais o gozo de maneira exaustiva. Por isso a necessidade de repetir este trabalho ao infinito, o que não quer dizer que o tratamento deva ser necessariamente infinito.

Dessa forma, a conversação democrática, a qual eu mencionei mais acima, torna-se uma conversação sobre a linguagem mesma. Ela pode tomar a forma de uma troca concernente à dialética entre código e mensagem, uma tentativa de compreender e de definir a “significação pessoal”, enigmática ou investida de gozo que algumas palavras ou expressões têm para o sujeito. Em resumo, é uma transformação e uma tradução de um uso mais íntimo e privado da língua, a *lalíngua*, em uma língua pública, no sentido comum do laço social.

Temos um exemplo de tal conversação no caso seguinte. Esse sujeito, que eu reencontrei depois de dez anos, é uma pessoa mais velha. Filho único durante a guerra, e de origem judia, ele se mudou, aos nove anos, a uma instituição católica para não ser deportado e exterminado junto com seus pais. Ele se encontra imediatamente diante de um padre ao qual ele deveria dar a mão e chamá-lo de “pai”. Por que ele deveria chamar de “pai” a este homem que não era seu pai? Este evento o confrontou a um enigma e o colocou em estado de perplexidade. Ele ainda não teve um surto psicótico franco. Nós temos aí o ponto inicial de um mal-entendido fundamental entre o sujeito e o Outro. Como ele mesmo diz, não consegue compreender o que dizem a sua volta em um primeiro momento sempre existem intenções escondidas. Esse mal-entendido se realiza no corpo porque este sujeito é *surdo*⁵. Para ele, toda zona

⁴ LAURENT, *ibid*, p. 19.

⁵ [N.T] No português se perde o jogo de significante e de som proposto por Gil Caroz. A frase, no original, é grafada desta maneira: “*Ce malentendu se réalise dans le corps, puisque ce sujet est malentendant. Pour lui, toute la zone de jouissance est nommée ‘malentendu’*”. O mal-entendido (*malentendu*, no francês) é aquilo que Jacques Lacan, no seminário XXVI,

de gozo é nomeada “mal-entendido”, portanto, o mal-entendido não cessou de se realizar nas suas relações com os outros ao longo da vida, fazendo com que ele rompa com eles da maneira repetitiva. Ele guardou uma ligação à religião, mas ela é lábil porque após a guerra, ele jamais pôde decidir se era judeu ou cristão. Ao longo das sessões, podemos mensurar a dificuldade de ter um diálogo com ele. Seu discurso flutua sobre a coisa. Não se encontra nenhum traço de referência à sexualidade. Ele faz longos caminhos antes de chegar ao que quer dizer. Esta maneira contribui, sem dúvida, ao seu isolamento profundo que dura desde longos anos. De fato, esse sujeito sempre esteve à margem da sociedade, não podendo se integrar jamais a uma estrutura social a longo termo, perdendo sempre seus empregos, vivendo na mais total solidão.

Na direção do tratamento, o analista procura, ativamente, com o sujeito, os pontos de acordo não apenas aparentes, onde o Outro é esvaziado de seu gozo. Isso permite de pontuar as sessões por um “*entendu*” [N.T.: ouvido]. Uma sessão pode ser consagrada, por exemplo, ao deciframento da palavra “Então?” que o analista profere ao início da sessão. O que ele quis dizer? Ele quis dizer: “Como você está?”. Em qualquer caso, o sujeito se sentirá insultado, como um homem como ele poderia estar bem? Quis ele dizer sobre o que é dito por ele ao sujeito não ter nenhuma consequência? Etc. O sujeito termina por contar um *Witz* que seus parentes fazem com a palavra “Então?”, o que lhe permite reduzir essa palavra a um não sentido. Quando alguém dizia “então”, eles respondiam: “Então, então... *in a-lor gist mein eissik*”, o que quer dizer em ídiche: “No buraco nós colocamos o vinagre”. A sessão termina com um acordo que a palavra “então”, proferida pelo analista, não é senão uma palavra vazia. É um acordo não sobre um sentido comum, mas sobre uma ausência de sentido, quer dizer, uma ausência do gozo do Outro.

Assim, nas sessões que terminam sobre um ponto de acordo, o real desse sujeito, a saber, seu ser de dejetos rejeitados por um Outro gozador, grameia-se, por um tempo, via um trabalho sobre a letra, a um Outro do código sim-

chamou atenção ao verbo *entendre* e *comprendre*, o primeiro tendo o sentido de “ouvir” e o segundo como “compreender”. A tradução ao português, portanto, deveria ser “mal-ouvido”, o que não encontra relação na fala cotidiana. No próprio seminário, Lacan afirma: “O corpo só aparece no real como mal-entendido”. Já o *malentendant* é a pessoa cuja acuidade auditiva foi prejudicada e, portanto, não consegue ouvir som algum. O *malentendu*, nesse sentido, teceria sua relação com o *malentendant*, pois é o corpo mal-entendido e mal-ouvido aparecendo no real. Tal significante retornará, no parágrafo seguinte de Gil Caroz, quando faz referência às sessões serem pontuadas por um “*entendu*”, por algo “ouvido”.

bólico. Mas isso implica uma ligação permanente ao analista, o qual opera nesse grampeamento a cada vez. É o encontro mesmo com o analista o que faz *sinthoma* para esse sujeito e é o que lhe permite manter uma ligação com o mundo.

Adereço imaginário

Joyce respondeu ao fracasso do enodamento da função imaginária se fazendo um nome, um *ego*, pela sua escritura. Sua solução é elegante: é o trabalho mesmo da nomeação do gozo pelo simbólico que produz o enodamento imaginário pelo ego. Segundo Lacan, esta solução *sinthomática* faz dele qualquer um que não tenha desejo de encontrar um analista. Na nossa clínica cotidiana, uma tal solução *sinthomática* não é comumente observada. A mais comum é o sujeito desligado se encontrar face ao real de um gozo que ele não chega a tratar, exceto cobrindo-o por um véu imaginário. O efeito de apaziguamento obtido por tal colocação do véu sobre o real, durante a cura, permite ao sujeito, às vezes, estar mais disponível à construção de um sintoma. Nesses casos, o véu imaginário seria equivalente a uma espécie de anestesia no domínio dos cuidados médicos.

Darei três exemplos de três modalidades de tal recobrimento do real pelo véu imaginário nos três títulos seguintes: “Deslocamento”, “Normalização” e “Identificação Imaginária”.

Deslocamento

O sujeito psicótico é a presa de um real do gozo que lhe é imposto de modo não velado. À ocasião, podemos lhe ajudar a se manter à distância desse real, por um deslocamento do discurso sobre o gozo para uma cena pública de sentido comum. A verdade inconsciente aponta para o real. É por isso que temos mais ainda que sustentar uma elaboração de um saber “desabonado da verdade do inconsciente”⁶.

No caso seguinte, a conversação toma forma de um discurso sobre o mal-estar na civilização. Esta conversação cotidiana e banal situa, em um campo aceitável, uma discussão sobre um ponto de gozo do sujeito no qual compreende um risco de uma passagem ao ato. Isso permite ao sujeito colocar um véu sobre este gozo e de manter distância do risco da passagem ao ato.

⁶ LAURENT, E. **La psychose ordinaire**, op. cit., p. 369.

Um universitário chega ao consultório do analista com a certeza de ter AIDS, ou outras doenças graves, das quais ele acredita ter contaminado sua mulher ou seus três filhos. Esta crença particular se inscreve em uma crença mais geral que “qualquer coisa de mal pode ocorrer muito proximamente”. Sua história é marcada por contatos sexuais que lhe foram infligidos regularmente durante sua infância por um amigo de seus pais, pela figura de um pai. Durante a análise, a crença de que “qualquer coisa de mal ocorrerá proximamente” se precisa. O analisando leva ao analista sua crença que ele mesmo teria conduzido contatos sexuais em seus próprios filhos. Instala-se, em seguinte, um modo de conversação durante as sessões, que permitem tratar dessa questão à distância, por um deslocamento. O analisando e o analista falam de fatos ligados aos mal-estares contemporâneos e alarmantes deste mundo os quais dão a impressão de que “qualquer coisa de mal ocorrerá proximamente”: guerras, massacres, violências de todo tipo, o caminho louco da onda capitalista etc.

Por essas conversações sobre as inquietudes de domínio público, a inquietude privada desse sujeito foi tratada. Esta conversação traçou para ele um limite ao gozo que arriscava ser traduzido por uma passagem ao ato sexual com seus filhos. Este limite não foi efeito do interdito iminente da seara do Nome-do-Pai, nem efeito de uma interpretação do inconsciente. Foi mais uma operação de “erosão”⁷ a qual cruzou as bordas do gozo, mais e mais, da ideia de que “alguma coisa de mal se produziria proximamente”.

Normalização

Em alguns casos de psicose ordinária, encontramos uma normalidade rigorosa e implacável de um sujeito extremamente submisso ao Outro. Com os outros, o desligamento tem seu início com um sentimento profundo de não ter um gozo “como os outros”. O trabalho de normalização é então uma forma de religamento sobre o Outro enquanto lugar padrão, da norma.

No exemplo seguinte, o sujeito sofre de uma invasão do corpo por um gozo “incestuoso”, o qual não teve início pela castração. No entanto, nos outros aspectos de sua vida, este sujeito apresenta um quadro histeriforme. É justamente isso o que assegurava o analista conversando com o sujeito sobre

⁷ [N.T.] A palavra é *ravinement*, a qual comporta diversas traduções: erosão, esfregar e corrosão. No intuito da melhor concordância com a prosódia brasileira, optei por erosão, mas sempre levando em conta o teor do contato das bordas ao gozo.

as dimensões imaginárias de seu “Édipo”. Assim, um gozo não regrado será colocado sobre o véu do padrão Édipo.

Uma mulher de origem africana, artista, vem ver o analista, pois não conseguia estabilizar sua vida de casal. No início da análise, suas questões se apresentam de modo psico-socio-convencional: “Não consigo me comprometer”, “Eu quero ele como o pai de mais filhos?”, “Como aconteceu que eu não casei como todas as outras mulheres de minha idade?” Etc. Além disso, seu amor por seu pai falecido há alguns anos não cessa de invadir sua relação com o marido, diminuindo seu desejo. Isso de modo mais concreto, pois, às vezes, quando ela faz amor com ele, tem a impressão de que faz amor com seu pai.

As interpretações que visam à produção de uma verdade do inconsciente não têm nenhum efeito sobre esta analisante. De outro modo, ela demanda ao analista explicações sobre o que lhe ocorre, ao dizer: “Quando você me explica as coisas, tudo fica melhor”. Um modo de conversação entre ela e o analista se instala, e isso em torno das coordenadas pseudoedípicas de sua vida. Ela fala de sua rivalidade com sua mãe, de sua culpa sobre a separação entre seus pais, do luto que ela não fez de seu pai, de uma eventual cena de sedução do pai da qual ela não tem certeza. Esta conversação sobre seu “Édipo” desangustia este sujeito porque ela confirma e solidifica seu adereço histeriforme dado ao seu gozo, o qual toca seu corpo sem a mediação do falo.

Ao final do tempo, esta conversação, que veste o gozo com sua tradução em termos aceitáveis, permite uma localização do gozo incestuoso que invadia o corpo. Retornarei a isso.

Identificação imaginária

A identificação imaginária é uma solução mais clássica que conhecemos mesmo nas psicoses tradicionais. Ela se trata de um ponto de identificação que é de ordem da megalomania e que vem defender o sentimento profundo do sujeito desligado de ser ele o dejetado rejeitado do Outro.

O sujeito mencionado mais acima, que sofre de um “mal-entendido”, testemunha muito discretamente o “suborno” de tal megalomania que vem responder a um sentimento de ser mau porque se salvou do massacre. Ele confessa a seu analista que ele se questiona, às vezes, se ele não foi salvo porque tinha uma missão neste mundo e se ele poderia ser o messias. Esta identificação discreta e imaginária ao messias é também para o sujeito um adereço de seu ser de dejetado. Ele não aparece senão uma vez ao analista e ela

não estava acompanhada de uma elaboração delirante consistente. O analista acolhe seu testemunho sem mais.

Isolamento do real

Falta do fantasma fundamental que localiza o objeto no Outro⁸, o sujeito psicótico está com “o objeto no seu bolso”, como dizia Lacan. O gozo estando de seu lado, ele pode invadir o corpo, o que dará início à aparição de fenômenos no corpo. Ele pode também invadir os significantes e iniciar, neste caso, problemas de linguagem ou de pensamento.

Tentaremos dizer a mesma coisa fazendo uso do nó borromeano. Para que os três registros sejam enodados, eles devem ser inicialmente destacados, separados, isolados. Ou, os fenômenos de corpo e de linguagem na psicose ordinária, colocam-nos não mais de encontro a um enodamento do real enquanto registro distinto dos dois outros registros, mas a um real que faz intrusão, que invade e que confunde com os outros dois registros. De outro modo, existem casos onde o real pode completamente se destacar dos outros dois registros. Nesses casos, quando o real não pode ser nomeado e traduzido pelo simbólico ou coberto pelo véu imaginário, estamos em face de um risco de passagem ao ato.

Eu proponho três casos para ilustrar as três operações possíveis em relação a essas manifestações do real: “Extração de gozo”, “Localização de gozo” e “Elaboração de um saber fazer”.

Extração de gozo

Nos casos que seguem, o significante é investido de gozo, enquanto o imaginário do corpo fica fora de qualquer aliança. A conversação puxa o sujeito para um gozo autista que não será extraído sem o encontro com o analista.

É um homem integrado no social, tendo uma mulher, quatro filhos e um trabalho convencional. Ele se queixa de uma tendência excessiva para comer que lhe fornece um sobrepeso importante, mas principalmente palavras que “ocupam sua cabeça” e das quais ele não sabe o que fazer. Logo na primeira sessão, o analista faz um questionamento: “quais palavras?”. Desde então, ele vem toda semana encontrar o analista e parece responder à questão ini-

⁸ Isso foi mencionado por MALEVAL, Jean-Claude em: “**Éléments pour une appréhension clinique de la psychose ordinaire**”, *Séminaire de la Découverte freudienne: Psychose et lien social*, Toulouse, 18-19 janeiro 2003, inédito.

cial. A sessão começa sempre da mesma maneira: “Eu falarei da palavra x.” E, a partir dessa palavra, desenrola-se um discurso que é uma *verdadeira associação livre*. Quando eu digo uma *verdadeira associação livre* quero dizer que o ponto de enunciação está reduzido à zero. São as leis da linguagem, a metonímia notadamente, que conduzem este sujeito de uma palavra a outra, sem que seja *capitonizado* ou orientado a um sujeito, sem repetição localizável de um certo significante, sem que ele faça apelo a um sentido ou que uma verdade se deposite em um efeito de *après-coup*. A sessão pode ser cortada não importa em que momento, de todo modo o corte não produz nenhum efeito de interpretação.

Esse trabalho já dura há anos. Ele diz que as sessões lhe são necessárias. De fato, parece que as sessões aliviam essas palavras que pululam em sua cabeça. Além disso, fora da sessão, ele continua sua vida ordinária. Notemos que essas palavras fora de sentido não são alucinações. Elas não são jogadas no real como vozes vindas do exterior. Mas, ao pronunciar e articular todas as conexões linguísticas, o sujeito consegue exteriorizar e localizar no Outro o gozo veiculado por essas palavras que pululam. Assim, o analista lhe serve de tampão, de órgão suplementar, fora do corpo, que lhe permite esvaziar este gozo que invade sua cabeça. O tratamento não vai mais muito longe. De qualquer maneira, se o analista deseja fazer outra coisa, por exemplo, demandar simplesmente ao sujeito como ele está, a resposta é desastrosa. O sujeito descreverá, então, a decomposição de seu corpo, testemunhará também a desconexão do registro imaginário. Exceto este lugar depositário do gozo das palavras, o analista não deve responder ou se interessar ao que diz o sujeito. Ele não tem nada a compreender, pois o sentido faz uso de um imaginário falho, o que produz um efeito nefasto para este sujeito.

Localização do gozo

Com a artista de origem africana evocada anteriormente, aquela cuja direção do tratamento foi orientada sobre uma normalização via uma pseudo-histeria, o trabalho analítico permitiu uma localização do gozo “incestuoso” que invadia seu corpo. A queixa dessa mulher, eu relembro a vocês, era que sua relação de casal era invadida pela sensação de presença de seu pai a tal ponto que, enquanto ela fazia amor com seu marido, tinha a impressão de fazer amor com seu pai.

Depois de inumeráveis voltas e desvios do analista, ela chegou a isolar o que não suportava no seu companheiro: certa vibração na sua voz. Liga esse problema a uma sensibilidade com relação à voz datada de sua infância. Seus pais se separaram quando ela ainda era pequena. Lembra-se da respiração de seu padrasto que ela ouvia através da parede durante as relações sexuais entre ele e sua mãe. Lembra também de um ronco particular de seu pai quando ela dormia com ele na mesma cama de seu pequeno apartamento. Mas essa verdade não produziu nenhum efeito de apaziguamento sobre o sujeito. Muito pelo contrário, durante as sessões, quando fala de seu luto inacabado do pai, sente em seu corpo uma excitação sexual a qual diz estar ligada ao pai. Um gozo incestuoso. Isso para ela era insuportável.

Ao longo do tempo, a conversação que eu descrevi, aquela que veste o gozo, da qual ela traduziu em termos aceitáveis, permite uma localização desse gozo invadindo seu corpo, no objeto voz, aquela que lhe parecia estranhamente quase dissociativa. Ela se colocava a pensar que sua própria voz é rouca e que todo mundo percebia. Ela desenvolve uma hostilidade sobre essa “voz de bruxa que sai da minha garganta”. Ela pensa nisso constantemente.

A partir disso, ela vive uma vida dupla. O analista está no lugar de um debate doloroso que ela mantém com a certeza que tem com relação à voz rouca. Uma voz que ela considera como uma marca vergonhosa, um monumento que relembra a presença de um pai sempre vivo demais. Mas fora da análise, ela leva uma vida histeriforme com seu parceiro. Uma vida conjugal com todos seus avatares. Depois de alguns longos meses de discussão, em torno dessa voz, ela decide parar a análise. Ao partir, ela está lúcida. Sabe que sua voz vai continuar assombrando, que haverá altos e baixos, mas ela considera que pode viver com seu gozo assim localizado e que não pode fazer melhor.

Elaboração de um saber-fazer

Lembramos que a passagem ao ato, em oposição ao *acting out*, é uma forma de queda do laço social, uma queda do discurso, e, portanto, ininterpretável. Nessa perspectiva, é preciso considerar que na psicose ordinária, lá onde imediatamente há uma fragilidade na relação com o discurso, pode haver, às vezes, um risco importante da passagem ao ato. Ora, se a passagem ao ato não é interpretável, Éric Laurent nos diz que ela pode em si ser uma interpretação do gozo. Dizemos que por falta de discurso, o sujeito arrisca traduzir seu ser de dejetivo em uma passagem ao ato, a qual lhe faz cair o laço social. Ao

lado dos assassinos “ordinários”, os fugitivos que se encontram sem domicílio, os consumidores que estão presos, nós temos sujeitos que apresentam uma tendência regular e discreta a uma passagem ao ato, o que os conduzem a um impasse. Tendo já visto, em um caso precedente, como a passagem ao ato é mantida à distância por uma operação de deslocamento que consiste em falar “daquilo que está chegando” um pouco ao lado da mesma coisa. Outra maneira de evitar a passagem ao ato seria de conciliar o sujeito com o Outro.

Um sujeito idoso, que vagou durante longos anos após a guerra, terminou por se encontrar em uma associação de Bruxelas, a qual lhe ofereceu um abrigo gratuito em troca de um trabalho. Ele chega ao analista em um momento de vacilação, quando está para deixar esta associação devido a um mal-entendido com algum de seus membros. O analista o dissuade, o que faz com que, pela primeira vez, ele se insira e fique em um local. Isso já dura dez anos. Mas, de tempos em tempos, quando o mal-entendido com os membros da associação chega a certo paroxismo, ele visa ainda deixá-la, realizando, assim, seu ser dejetado rejeitado por todos e arriscando se encontrar fora de todo laço social. Nesses momentos, o analista aborda com o sujeito o ponto do mal-entendido no qual ele foi confrontado na sua relação com o Outro, tentando encontrar uma reconciliação possível com esse Outro. Questões muito práticas são agora tratadas. “Esse comentário que fizemos foi realmente insultante?”, “Se sim, é uma razão de sacrificar a associação como laço social?”, “A telefonista que se esqueceu de lhe passar uma mensagem é realmente malvada?”, “Como lhe dizer para prestar atenção e não mais esquecer?” Etc. Trata-se de uma conversação que decifra o Outro e que permite a elaboração de um saber expor sobre a pragmática da relação com o outro. Até lá, esta elaboração de saber-fazer permitiu ao sujeito ficar ligado à associação e de evitar uma passagem ao ato que lhe faria cair fora da cena do laço social.

Um sinthoma não curável

A série “ligamento – desligamento– religamento” pertence a uma clínica do nó borromeano. Nota-se que não falamos aqui do sintoma neurótico enquanto aquele que veicula uma mensagem de verdade do inconsciente como as formações do inconsciente. Nós falamos do sinthoma enquanto aquele que mantém o real, o simbólico e o imaginário unidos. De fato, se nos referimos às indicações de Lacan sobre o nó borromeano, é sobre o sinthoma que de-

vemos conduzir o tratamento dos sujeitos desligados. A orientação do tratamento é, nesse sentido, o inverso daquela do tratamento da neurose. Nesta, o tratamento se orienta sobre uma purificação do sintoma existente. Na psicose, trata-se mais de construir um *sinthoma* lá onde não há e de evitar a cura, ou mesmo de consolidá-la, lá onde não há uma.

Para a mulher que conseguiu localizar o gozo que invadia seu corpo pela voz rouca, nós vimos o resultado de um trabalho de construção do *sinthoma*. Esta voz tinha o status de uma letra, uma dimensão de significante, que unia uma à outra, o gozo incestuoso ligado ao pai e à dimensão de seu corpo de sujeito.

Exemplo, também, de um *sinthoma* não curável, no homem que sofria da crença de que “alguma coisa de mal aconteceria a qualquer momento” e que vinha dos contatos da parte de um adulto de sua infância. Lembro que quando ele chegou ao analista, queixava-se de uma crença de ter AIDS ou outras doenças graves. No relato de sua história, ele isola um momento decisivo do desencadeamento de suas angústias aos sete anos. Uma noite, ele disse a seus pais que tinha o sentimento de que seu espírito estava fora de seu corpo. Eles não o levaram a sério. Culpado de não ter podido se opor aos toques do amigo de seus pais, ele explicou o fato de poder suportá-los por essa capacidade de seu espírito sair de seu corpo. Ele não estaria no seu corpo quando os toques aconteciam. Além disso, ele pode agora dizer que suas crenças hipocondríacas de ter sido contaminado pela AIDS, ainda que pesadas, permitiram-no “enodar o espírito ao corpo”. Esta ruminação é, portanto, um *sinthoma* que enoda o pensamento enquanto corpo espiritual ao gozo. Desde que ele arquivou isso no analista, as angústias diminuíram fortemente. Ele encontrou certa alegria de viver, um prazer sexual com sua mulher e uma satisfação no seu trabalho. Isso sem que ele tenha se libertado da crença de estar contaminado.

Há aí uma analogia muito impressionante entre sua ausência de corpo no momento dos toques e o episódio escrito por Joyce no livro *Retrato do artista quando jovem*⁹ onde, surrado uma vez por seus amigos, ele não sentiu a dor afetar seu corpo. Nos dois casos, em Joyce e em nosso sujeito, há uma falha narcísica cuja consequência é a imagem do corpo desnodada da “ideia

⁹ JOYCE, James, **Portrait de l'artiste en jeune homme**, Edition de Jacques Aubert, Gallimard, 1992. pp. 139-140. [N.T.] Disponível em português em: JOYCE, James. **Um retrato do artista quando jovem**. Trad. de Caetano W. Galindo. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2016.]

de si como corpo”¹⁰. Em Joyce, a imagem “escapa” e com ela o efeito da dor. Em nosso sujeito, a imagem escapa com o gozo forçado pelos toques. É pela crença de contrair uma doença que o sujeito pode, agora, restabelecer uma relação com seu corpo. Nesse sentido, o medo da doença é equivalente à escritura em Joyce, isto é, que ela supre a falha no enodamento. Como já mencionamos, para Jacques Lacan, Joyce não precisou de um analista. Ou melhor, nós poderíamos dizer que o *sinthoma* de nosso sujeito é um *sinthoma* não analisável e não curável. Trata-se mais, nesse caso, de tentar conciliar o sujeito com seu *sinthoma*. É isso que nós fazemos.

Nas conversações com o analista, o sujeito se questiona se esse resíduo de sofrimento é unicamente sua atribuição ou se é uma condição humana de não existir felicidade sem falha. Ele opta frequentemente pela segunda alternativa. O analista sustenta esse caminho a fim de ajudá-lo a inscrever seu sofrimento no quadro do destino humano.

A presença do analista

Comecei minha intervenção por essas observações concernentes à transferência na psicose ordinária, com as indicações de um modo de laço com o sujeito da psicose ordinária sob a base de uma conversação democrática ao invés de ir ao sujeito suposto saber do inconsciente. Além disso, mencionei a pertinência da elaboração de um saber exposto mais que um saber inconsciente no lugar da verdade. Esses apontamentos se referem à dimensão da transferência concernente ao saber. Mas nós sabemos que, quando falamos de transferência, há uma segunda dimensão a não ser negligenciada: a presença do analista. É sobre esse ponto que terminarei minha intervenção.

Na neurose, a presença do analista vem incarnar, para o sujeito, o que não se pode dizer, a dimensão pulsional¹¹. Daí a exigência de uma presença dos corpos dos dois parceiros do dispositivo analítico. Nos casos de psicose ordinária, esta exigência não perde sua pertinência. A partir dos casos que acabei de mencionar e de outros ainda, podemos deduzir uma série de funções que a presença do analista pode ter para um sujeito na psicose ordinária.

¹⁰ Jacques LACAN, **Le Séminaire, livre XXIII, Le sinthome** [1975-1976], texte établi par Jacques-Alain Miller, Paris, Seuil, coll. Champ freudien, 2005, p. 150. [N.T] Disponível em português em: LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23: o sinthoma** (1975-1976). Trad. de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

¹¹ LYSY-STEVENS, Anne, “Transfert et Psychose”, **Mental**, 19, mai 2007, pp. 183-200.

Para o sujeito desligado do discurso, a presença do analista pode ser o único laço social que o liga à humanidade. Para o sujeito cujo corpo não cessa de se decompor, o analista seria uma espelho, um meio de unir seu corpo. Para o sujeito que sofre de um excesso de gozo do objeto que está “no seu bolso”, a presença do analista assegura um depositário, uma sorte de órgão suplementar que permite condensar o gozo fora do corpo.

A lista pode, sem dúvida, ser mais longa. É possível que, na psicose ordinária, mais que em todas as outras categorias, a função do analista como objeto multifuncional é a mais aplicada¹². Podemos aceitar o fato que, em uma série de casos, o que se diz durante a sessão tem menos importância que a presença do analista? Que às vezes o que se opera realmente é o fato mesmo de ir encontrar o analista, de fazer dele uma espécie de ponto de endereçamento encarnado, quer dizer, uma presença? Podemos deixar o sujeito se servir de nós dessa maneira?

É sobre essas questões que eu termino minha fala.

Tradução: Gustavo Ramos

Referências

CASTANET, Hervé ; DE GEORGES, Philippe. Branchement, débranchement, rebranchement. In : MILLER, Jacques-Alain. **La psychose ordinaire – La Convention d’Antibes**. Paris: Agalma/ Seuil, 1999.

JOYCE, James. **Portrait de l’artiste en jeune homme**. Paris: Edition de Jacques Aubert, Gallimard, 1992.

LACAN, Jacques. **Le Séminaire, livre XXIII, Le sinthome** [1975-1976], Texte estabelecido por Jacques-Alain Miller. Paris : Seuil, 2005 (Coleção Champ freudien).

LAURENT, Éric. **La psychose ordinaire. Les feuillets du Courtil**. Les traitements psychanalytiques des psychoses. N^o. 21, Paris, pp. 7-24.

LYSY-STEVENSON, Anne. Transfert et Psychose. **Mental**, n^o 19. Paris, mai 2007, pp. 183-200.

MALEVAL, Jean-Claude. **Éléments pour une appréhension clinique de la psychose ordinaire. Séminaire de la Découverte freudienne: Psychose et lien social**. Toulouse, 18-19 de janeiro de 2003, inédito.

¹² MILLER, Jacques-Alain. “Les contre-indications au traitement psychanalytique”, **Mental**, 5, julho de 1998, pp. 9-17.

MILLER, Jacques-Alain. Les contre-indications au traitement psychanalytique. **Mental**, nº5. Paris, jul. 1998, pp. 9-17.

Resumo Trata-se aqui de analisar a transferência e a presença do analista nos casos de psicose ordinária a partir de alguns casos clínicos para perceber o que foi desligado nesses sujeitos a fim de que o analisando possa perceber o que o fará religar.

Palavras-chave Psicose ordinária. Transferência. Desligamento.

Abstract This article analyses the transfer and the presence of the analyst in cases of ordinary psychosis from some clinical cases to perceive what was disconnected in these subjects so that the analyzing can perceive what will cause him to reconnect.

Keywords Ordinary psychosis. Transfert. Disconnected.

HIC SUNT DRACONES: O SUJEITO E SEU TERRITÓRIO, OU A PSICOSE COMO PARADIGMA

RUBERVAL SILVA

Aluno do Curso de Psicanálise da Orientação Lacaniana, EBP-SC
E-mail: ruberval.menezes@gmail.com

“Meio século de freudismo aplicado à psicose deixa seu problema ainda por repensar, ou, em outros termos, no status quo ante” (LACAN, [1957-1958] 1998, p. 537).

O sujeito da psicanálise não é um dado, ou um agente, é o efeito da relação entre significantes; de outra forma: aquilo que um significante representa para outro significante. Assim definido, como um efeito, não se pode dizer que é autônomo em relação à realidade, ou seja, a heteronomia do sujeito é dada pela estrutura própria da linguagem (MILLER, 2009)

Este escrito propõe pensar a constituição do sujeito e da realidade tomando como pano de fundo o texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* de Jacques Lacan.

Dois pressupostos permeiam esse texto: a ideia da construção do laço social como algo mais amplo, ou seja, amparado na ideia de construção e coesão do *grupo social*, o recurso heurístico aqui é da ordem da experiência do sujeito em sociedade; o uso da noção de *função simbólica* como uma relação que se realiza através do uso e da seleção de certas *imagens ordenadas*. A ideia de função simbólica aqui é relacionada ao ato da fala, relacionada a capacidade de ligar imagens a uma função que construa uma realidade *possível*. Há uma redundância proposital na referência à *ordem simbólica* para a construção da *função simbólica* a partir de uma hierarquização de funções imaginárias. Dito de outra forma, em todo o texto, o esforço é relacionar o ato da fala como o resultado de uma *função* que associa uma imagem (ou função imaginária) a uma *cadeia significante*. Trata-se, portanto, de uma leitura na qual se propõe que a ordem simbólica engendra uma *função materializada no ato da fala* e a *função imaginária* engendra uma *ordem* com o *falo* como ponto fundamental.

Ao lançar outra luz para o problema da psicose, tomando como ponto de partida a abordagem freudiana, Lacan parte do problema do sujeito da percepção, principalmente seu papel como unificador e corretor de distorções sensoriais. De forma aguda, afirma:

Assim é que a teoria da abstração, necessária para dar conta do conhecimento, fixou-se numa teoria abstrata das faculdades do sujeito, que as mais radicais petições sensualistas não conseguiram tornar mais funcionais no que tange aos efeitos subjetivos. (LACAN, [1957-1958] 1998, p. 537)

O problema da análise freudiana é de pressuposto, independente das correções teóricas adicionadas ao longo do seu desenvolvimento: o pressuposto da *estabilidade do percipiens* diante do *perceptum*. Este pressuposto deixa de lado os efeitos subjetivos da relação *sujeito e realidade*.

Para o *freudismo*, portanto, o *percipiens* é unificador e capaz de lidar e corrigir certas distorções do *perceptum*. Não há questão quanto ao processo de *construção de sentido* da realidade percebida. O *ego* recebe do mundo externo a informação da realidade e *automaticamente* acomoda e corrige possíveis distorções (*ego ex machina*): a realidade freudiana é um dado, não uma construção. A falha sistemática em acomodar distorções da percepção da realidade é a psicose *freudiana*.

Lacan (1998) questiona essa noção ao pontuar a respeito das alucinações sonoras e verbais:

Esse tempo, no entanto, deveria parecer legítimo a qualquer exame não prevenido da alucinação verbal, por não ser ela redutível, como veremos, nem a um *sensorium* particular, nem, sobretudo, a um *percipiens*, como aquele que lhe daria sua unidade (LACAN, [1957-1958] 1998, p. 538)

O tempo referido na citação é o de indagar se o *perceptum* deixa um sentido *unívoco no percipiens*. Essa questão do *sentido unívoco* da alucinação é levada ao limite pela proposta do texto lacaniano, tendo como fio condutor a questão da *construção do sentido da própria realidade*.

Um aspecto importante a respeito do sentido da alucinação aparece na diferença fundamental entre as alucinações sonoras de um modo geral. Em primeiro lugar, a impossibilidade de assumir um sentido unívoco da alucinação: exigir uma “síntese subjetiva” unificadora não é possível; em segundo, a diferença da natureza das alucinações sonoras - verbais ou auditivas. Nas verbais, há a construção do sentido, dada *a posteriori*, as segundas são da

ordem do imaginário: a ato de ouvir é diverso quando se trata de reconstruir uma cadeia de sentido, ou escutar ruídos.

Para lidar com essa diferença, Lacan (1998) enuncia que é preciso assumir de forma geral um sujeito não unificador e tomar como premissa que na psicose há uma desordem na relação entre *imaginário* e *simbólico* a qual corrói o laço social.

Na diferença sutil do ato de ouvir (buscando o sentido - ouvir uma palestra, por exemplo) e ouvir (simplesmente escutar uma porta batendo em casa) - na diferença entre *entendre* e *écouter* - na alucinação sonora versus verbal, essa relação entre imaginário e simbólico se apresenta. A voz que se impõe ao psicótico faz função da máquina simbólica tradutora de uma desordem imaginária; sem a voz, o psicótico está no vazio de sentido. A coesão da realidade psíquica depende dessa mediação entre funções imaginárias e a ordem (e função) simbólica. Uma alucinação puramente sonora, não necessariamente irá apontar para uma desordem na função simbólica - neuróticos exercem a dúvida diante de acontecimentos estranhos - como escutar passos em casa, uma porta bater - ao exercer a dúvida sobre esse barulho, ou sobre esse outro que fala perder a consistência e seu possível poder ordenador de uma *realidade alternativa*. A função simbólica se mantém pela estrutura da dúvida neurótica.

De qualquer maneira, tanto para um psicótico como para um neurótico, nesse sentido, é preciso perguntar “o que escutar quer dizer?” (nos dois sentidos possíveis de escutar). O sujeito neurótico estará sempre equivocado, pois a manutenção da função simbólica depende da dúvida; o psicótico, por não duvidar, irá compartilhar uma *realidade* incapaz de fundar um laço social: na medida em que um psicótico fala, ele compartilha, mas nem toda fala mantém o laço social.

Dado o ponto fundamental para rediscutir o problema freudiano, Lacan (1998) lança - através do exemplo da filha e seu ex-amante - o problema das identificações invocadas pela cadeia de significantes truncada: “Eu venho do salsicheiro...”, “Porca!”.

A situação que se apresenta é a de que o amante da vizinha insultava uma mulher após o rompimento do seu relacionamento com a última: o atual amante da vizinha fora amante da mulher que se queixa de insultos (LACAN, 1998).

Na frase dirigida ao amante “Eu venho do salsicheiro ...” o [Eu] deixa em suspenso a designação do sujeito falante durante todo o tempo em que a

alusão mantém-se oscilante. Essa incerteza se encerra com a aposição da palavra “Porca!”. A resposta dada por aposição *identifica* o sujeito a um objeto: na situação citada, há toda a carga afetiva do ex-amante implicada na palavra. O ponto importante é a *identificação* de um *sujeito oscilante* - oscilante porque as relações entre significantes não são estáveis, “Porca!” pode significar muitas coisas.

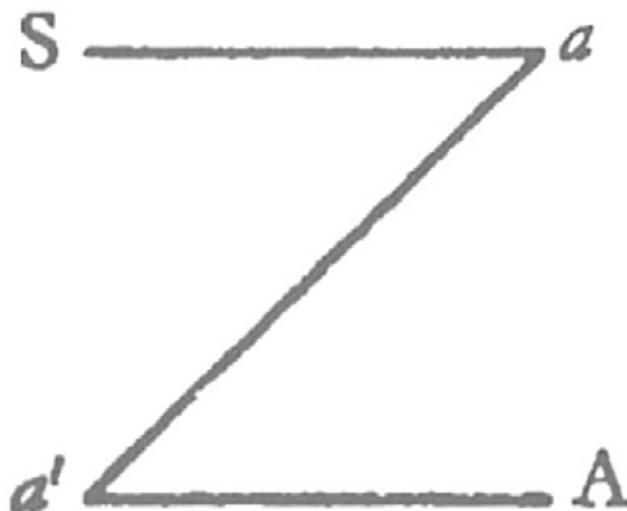
No lugar em que o objeto indizível é rechaçado no real, uma palavra faz-se ouvir, porque, vinda no lugar daquilo que não tem nome, ela não pode acompanhar a intenção do sujeito sem dele se desligar pelo travessão da réplica. [...] e na falta de um significante [...], ele emprega a intermediação do imaginário mais cru (LACAN, [1957-1958] 1998, p. 541).

A cadeia rompida por uma contingência expõe o sujeito ao objeto a - o indizível - sob a forma de uma palavra (LACAN, 1998). Essa operação promove uma identificação com o objeto: a intenção de rejeição alucinatória se dá no momento em que o sujeito não oscila mais e se identifica com o significante. Seguindo a leitura do texto lacaniano (LACAN, 1998), a partir deste ponto, os elementos necessários para a construção dos esquemas (L, R, I) estão dados: é preciso um imaginário ordenado e hierarquizado (o falo como imaginário e ordenador), e é preciso uma *função simbólica* para atribuir sentido a essa ordem imaginária; a *realidade* seria o produto dessa função simbólica que acaba por fundar o laço social. Nesse sentido, pode-se dizer que a realidade é um delírio compartilhado. Um resultado fundamental do raciocínio não é apenas o de que a realidade é uma construção, mais ainda, a *realidade está em permanente construção*, pois o *sujeito síntese* - ou o *ego ex machina* - de Freud não existe. A questão que se coloca, portanto, é de limites: não é *qualquer* realidade que sustenta o laço social, não é *qualquer* linguagem que tem como efeito o sujeito *no* laço social. Assumir uma *realidade em construção*, implica aceitar a mudança do sintoma ao longo do tempo.

O Lugar do Sujeito na Realidade em Construção

Tendo em vista o que foi dito acima, é preciso montar uma *realidade* que seja um conjunto de possibilidades que garantam a *possibilidade* de laço social, para isso, o ponto de início é a localização do sujeito no discurso do Outro, esse movimento é dado pelo esquema L. A forma como essa localização se dá dentro da ordem simbólica passa pelo processo das identificações, para o sujeito neurótico a identificação é uma série infinita e, na dúvida, recorre-se

a um significante ordenador. No psicótico, não há a dúvida e, quando uma dem é necessária, o retorno é um conjunto vazio no que tange ao laço social. O delírio psicótico é uma *realidade particular* também em construção.

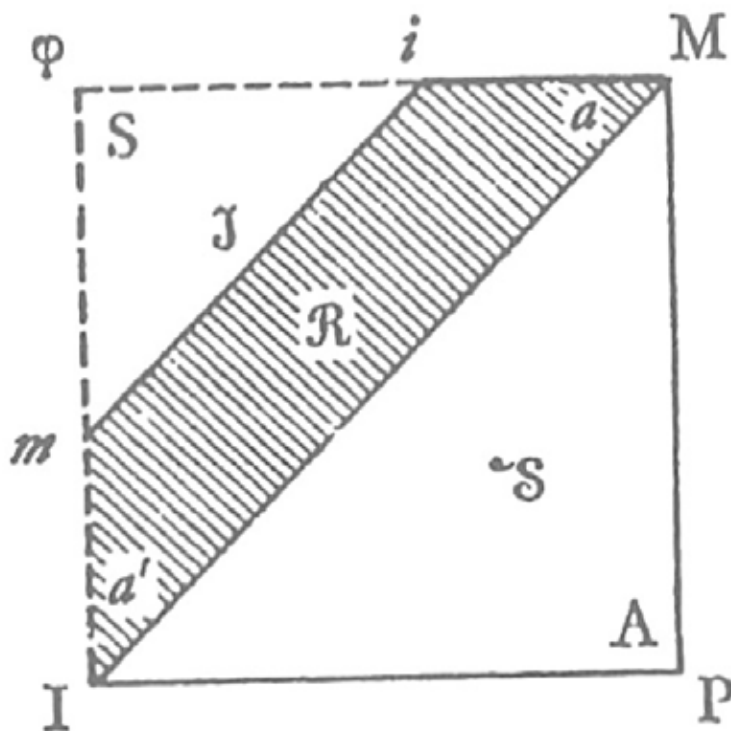


Esquema L

No esquema L, o *conjunto realidade* ainda não está constituído, pois não se trata de um conjunto qualquer, trata-se de um conjunto *ordenado*. O esquema L posiciona o sujeito na relação com o Outro e com o objeto, mas não indica o significante ordenador da realidade. Nessa *relação* se constitui o estado - neurose ou psicose: os efeitos no sujeito com a posição da palavra “Porca!” definem seu estado, por exemplo.

A partir do falo como função imaginária, primordial e ordenadora, Lacan (1998) - com o esquema R - mostra de que forma se constrói o conjunto *realidade* para o sujeito, ou, dito de outra forma, quais são os elementos necessários para se ter um *espaço de realidade* que seja fundador das possibilidades de laço social. Lacan (1998) mostra que a realidade pode ser lida como o resultado de uma tradução - ou intermediação - entre imaginário e simbólico, onde a ordenação é dada por um significante mestre que delimita as possibilidades de fundação do laço social. O conjunto R hachurado repre-

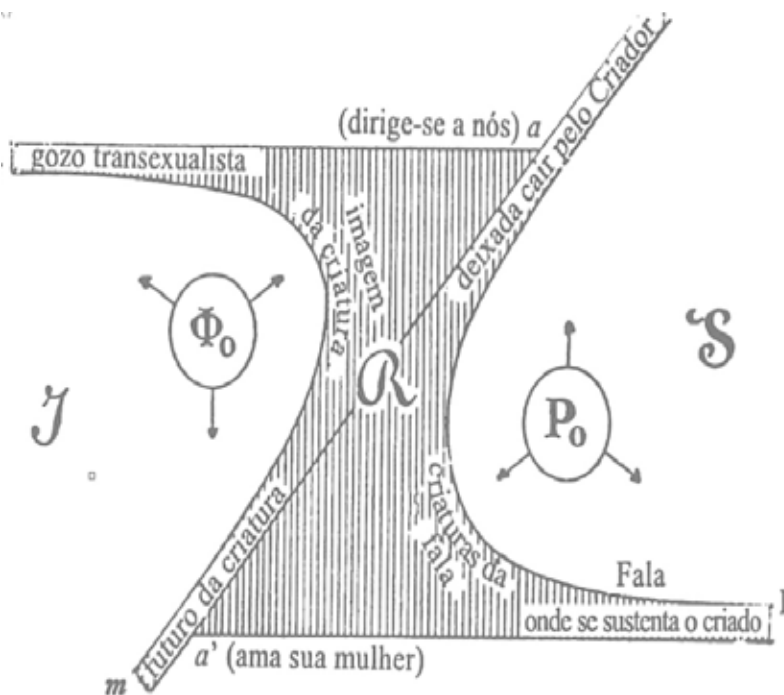
senta as possibilidades de relação entre os elementos do esquema, os quais fundam as relações passíveis de laço social.



Esquema R

Se o significante mestre falta (esquema I), a realidade deixa de ser um conjunto fechado. Ao evocar o significante ordenador, o sujeito tem como retorno o zero. Importante ressaltar - em primeiro lugar - que esse significante ordenador tem como ponto de apoio primordial uma ordem de identificação imaginária - representada pelo pontilhado na aresta superior esquerda do esquema R e, em segundo lugar, uma ordem - nesse sentido - implicada em hierarquia: a realidade do sujeito e do laço se funda a partir de um *significante mestre*. Através de uma identificação com a ordem fálica pela via da lógica do significante (MILLER, 2009), o sujeito constrói o sentido necessário para a realidade (e para o laço social). Caso o retorno seja um zero, que equivale a dizer que a identificação não passa pela via da lógica do significante

(MILLER, 2009) e sim é um curto-circuito com o objeto, o sujeito alucina uma realidade e o laço social sucumbe. Basta observar que o esquema I é aberto, o sujeito é como que inundado por significantes, não há um limite, um ponto final. Por escapar a lógica das diferenças, o sujeito entra em uma lógica de identidade direta com o objeto. No esquema I, o Nome-do-Pai na posição de A, não existe. O esquema é a representação gráfica de uma distorção imaginária projetada no sentido que causa a queda da função simbólica constitutiva do laço social. “Para que a psicose se desencadeie, é preciso que o Nome-do- -Pai, [...], foracluído [...] seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito” (LACAN, [1957-1958] 1998, p. 584).



Esquema I (com o sintoma de Schreber).

Na necessidade de construir sentido, o sujeito alucina e monta um *sentido outro*. De uma forma muito sintética, no psicótico há um problema na operação de metaforização. O ponto final da metaforização é o Nome-do-Pai, sem

esse ponto final se “abre um furo no significado” e a realidade - o sentido - escoia (LACAN, 1999).

Nesse sentido, a *realidade* pode ser lida como o resultado da mediação entre simbólico e imaginário: dessa mediação o produto mais pronunciado é o *sentido*. O laço social funda--se nesse sentido partilhado - da ordem “cultural” grosseiramente falando - portanto é fenômeno geral, *não pode ser* qualquer coisa; a solução para o problema do *sentido* que tem consigo as questões fundamentais para o sujeito (o que quero? o que sou (nisso)?) é única e singular. Na compatibilização entre a realidade - psíquica e cambiante - do sujeito e os “dados de cultura”, funda-se o laço social. Não se trata aqui de definir fundamentalmente o *sentido* como o único meio de definir ou de descrever a construção da *realidade*, ou a única via de resposta possível para as questões fundamentais do sujeito: o *fora de sentido* pode ser lido como um efeito de corpo, como resultado da impossibilidade da definição de uma relação unívoca entre os sexos. A experiência subjetiva de cada um é muito mais ampla e muito mais exuberante do que os limites da construção do sentido; do que os limites da linguagem, portanto. Por outro lado, o foco dessa reflexão se restringe aos limites da linguagem que possibilitam a constituição do laço social conforme entendido nos parágrafos iniciais. Uma saída interessante e em aberto para formalizar o sem sentido em um *discurso sem fala* - numa teoria psicanalítica, portanto - seria a topologia do sujeito proposta por Lacan. Através da topologia do sujeito, abre-se uma via para perceber os ecos do *fora de sentido* desse *sentido partilhado no* sujeito (em seu corpo), lidar com os ecos desse *fora do sentido* é parte integrante da solução singular que o sujeito dará para suas questões fundamentais (o que quero? o que sou (nisso)?). Em outras palavras, o caráter arbitrário e violento da ordem cultural se manifesta no sujeito como um *fora de sentido*, atingindo diretamente seu corpo. De forma um pouco mais precisa, na tensão entre a não complementaridade sexual e o arbitrário cultural, emerge o *fora de sentido* o qual irá definir o sujeito através de um sintoma. De qualquer forma, a via de acesso ao fora de sentido se materializa em um ato de fala em análise - dito de outra forma, na *experiência analítica* -, isto é, é preciso construir um *sentido* para se chegar no *fora de sentido*, seja como efeito, seja como fato manifesto na impossibilidade de falar. Essa é uma reflexão que fica em aberto para os fins deste escrito.

Tendo em vista as consequências do que foi dito acima e tomando a realidade constituída e ordenada pelo discurso do Outro (inconsciente), o es-

queima R coloca uma projeção onde há uma passagem suave entre “dentro e fora”. A realidade do sujeito é a realidade psíquica e estruturada como uma *fita de moebius* - não há uma fronteira entre “dentro e fora” há “litoral” (LACAN, 2003). Os limites dessa fita são dados pela identificação (imaginária) com a ordem fálica, identificação essa, sempre oscilante e mediada pela função simbólica. A forma como esse discurso (da realidade psíquica do sujeito) se articula com a ordem fálica funda a ideia de realidade do laço social. Dentro dessa lógica, o sujeito não é estável e unificador: é o efeito de uma relação não estável de diferenciação (MILLER, 2009).

Colocar o problema da psicose dentro da ideia de construção da realidade através de uma mediação imaginária-simbólica redefine a ideia de sujeito psicótico, ou neurótico: agora não se trata mais de um sujeito estável e unificador, mas de um efeito de uma determinada relação. Outra possível consequência seria a existência de “traços psicóticos” em um neurótico através da oscilação da função simbólica na fundação da realidade, uma vez que se define *realidade* como um conjunto de possibilidades e não há mais dentro e fora. Além disso, abre-se uma oportunidade de intervenção do analista em casos de psicose, pois colocando a realidade na ordem subjetiva, a indeterminação do sujeito em relação a essa realidade passa a ser o objeto de análise. Dito de outra forma: um psicótico com um *delírio estável* pode ser capaz de laço social, pois o delírio se constitui como uma *realidade*, se estável, pode ser possível o estabelecimento de pontes fundadoras e mantenedoras do laço social. Outra consequência prática indica o cuidado ao se invocar certos significantes a um psicótico, pois o que pode estar em jogo é a perda do laço social. Em resumo: a tentativa seria a de “estabilizar” o delírio dentro de certos limites que possibilitem a manutenção mínima do laço.

Um pouco mais além: um neurótico pode ser visto como um psicótico com um delírio estável que funda o laço social. Por essa via, e tomando a psicose como limite, o questionamento de quem é e onde está o sujeito torna-se radical.

Para terminar essa digressão uma nota de Lacan sobre Freud que parece orientar toda a questão apresentada: [O] “Eu [freudiano] é o reencontro do bom e velho *percipiens*, resistente a tudo, e da função de síntese” (LACAN, [1957-1958] 1998, p. 548-549).

Esse *Eu*, não pode ser nem forte, nem fraco: ele não existe.

Referências

FREUD, S. Neurose e Psicose. In: _____. **Obras Completas**, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pp. 176-183.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Trad. de Marie Christine Laznik Penot e Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: a angústia**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: _____. **Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. pp. 537-590.

LACAN, Jacques. Lituraterra. In: _____. **Outros Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. pp. 15-25.

MILLER, J.A. **Conferencias Porteñas**: Tomo I. Buenos Aires. Paidós, 2009.

Resumo O artigo trilha o caminho da construção dos esquemas L, R e I, apresentados por Lacan no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, para colocar em discussão a constituição e localização do sujeito dentro do laço social. Ao questionar a estabilidade do sujeito perante a realidade, abre-se uma possibilidade de abordagem da psicose e da neurose no discurso analítico.

Palavras-chave Sujeito. Psicose. Realidade. Esquema L. Esquema R. Esquema I.

Abstract Following Lacan's steps to build schemes L, R, and I, shown on his article *On a question preliminary to any possible treatment of psychosis*, this text discuss the concept of subject, its constitution and position inside the social ties. By questioning subject's stability when facing reality, neurosis and psychosis receive a different approach on the analytical speech.

Keywords Subject. Psychosis. Reality. L scheme. R scheme. I scheme.

A LOUCURA ENTRE ELES: DESENCONTROS DA VIDA AMOROSA ENTRE HOMENS E MULHERES

SANDRA CRISTINA DA SILVEIRA

Psicanalista/Mestre em Psicologia (UFSC)

E-mail: sandradasilveira@hotmail.com

Inicialmente, é preciso situar de que se fala quando se fala de homens e mulheres. A despeito do avanço das teorias e discussões de gênero, a psicanálise não renuncia de falar sobre a polaridade homem-mulher, mesmo admitindo serem significantes cuja significação é unívoca, conforme assinala Desal (2012). Assim, quando falamos de homens e mulheres, estamos falando de uma posição masculina ou feminina, ou seja, do modo de gozo escolhido diante do real da diferença anatômica entre os sexos. Há o real da diferença, ter ou não ter um pênis, pois a vagina não chega a ser descoberta pela criança como um sexo não fálico, e uma leitura simbólica desse real. Deste modo, “cada um se sustenta em sua versão de gozo, articulada à leitura do que significa para si essa diferença entre o seu corpo e o corpo do outro sexo, que tem ou não tem um pênis” (GUIMARÃES, 2014, p. 49). Logo, goza-se como homem ou como mulher, independente do gênero ou da orientação sexual.

Portanto, de um lado há o gozo masculino, tributário do significante do falo e de seu efeito de significado, ou seja, um gozo determinado pela linguagem, o gozo fálico. Trata-se de um gozo localizado em zonas erógenas. De outro, há um gozo a mais, não capturado pela função fálica, o gozo feminino denominado por Lacan de “gozo do Outro” (LACAN, 1996). Como não está atrelado ao significante, é um gozo fora da linguagem, logo, não se pode dizer em palavras. Por não estar limitado à função fálica, este gozo não conhece medidas e nem se localiza em zonas erógenas, tende a se estender ao infinito e ser sentido no corpo todo.

Desta forma, goza-se como homem quando toda a satisfação é obtida a partir do gozo fálico, e goza-se como mulher quando, além disso, também se goza de outro gozo, o gozo feminino. Assim, tudo que tem a ver com a sexualidade provém da função do falo, o que importa é a posição subjetiva pela qual cada um se declara assujeitado à ela (ANDRÉ, 2011).

Miller (1998), partindo de Lacan, vai esclarecer que é sempre no nível do gozo onde as parcerias são formadas e elas são sempre sintomáticas. De

acordo com o autor, na mulher, o amor assume a forma erotomaníaca com a prevalência do gozo feminino. Ele situa, então, o parceiro da mulher enquanto “parceiro-devastação”. Já no homem, o “parceiro-sinthoma” tem a forma fetiche. Vejamos então de que se trata.

A mulher precisa do amor para gozar sexualmente de seu parceiro, seu modo de gozar exige que seu parceiro a ame e lhe fale de seu amor, ou seja, é preciso que ele seja A barrado, aquele ao qual falta alguma coisa e essa coisa lhe faça falar (MILLER, 1998). É neste sentido que a histérica consagra-se para provocar a inconsistência do Outro, ou seja, encontrar aí uma falta onde se alojar.

Conforme analisa André (2011), ocorre, na organização significante, uma falta daquele que daria conta do sexo feminino como tal. No inconsciente, a mulher não recebe fundamento para o seu ser, ou seja, não há um significante que possa dizer o que é ser uma mulher. Assim, “o gozo sexual, por isso, articulando-se ao significante fálico, exclui a possibilidade que se goze de um ser feminino como tal” (p. 252). Complementa ainda o autor, falando sobre as mulheres: “querem ser feitas sujeito lá onde o significante as abandona” (p. 301). Deste modo, a histeria se assenta na pergunta “o que é ser uma mulher”, uma pergunta sobre a identidade feminina e mais especificamente sobre o gozo feminino. E como responder a esta pergunta quando disso não se pode dizer em palavras? Portanto, “o que uma mulher demanda é subjetivar uma parte insubjetivável de si própria que representa o seu corpo” (p. 290), ou seja, o reconhecimento de um sujeito feminino.

Desta forma, as mulheres recorrem ao amor como forma de tentar encontrar aí um significante que possa nomear o seu ser e assim dar-lhe consistência. Por isso a importância que tem para elas a fala de amor, na medida em que esta tem por objetivo apreender o ser do amado com palavras: “tu és” (ANDRÉ, 2011). E como não lembrar daquela música do Roberto Carlos repleta de nomeações à mulher amada: “Você é o doce que eu mais gosto/ meu café completo/a bebida preferida/o prato predileto/a comida mais gostosa/o perfume e a bebida/tudo em minha vida.” Logo, por fazerem borda no campo simbólico, as palavras de amor podem proporcionar ao gozo feminino, despertado pelo apaixonamento, uma envoltura fundamental. Porém, lembra-nos ainda o autor, o significante não tem senão efeitos de significado e, portanto, crer que ele possa dar consistência a um ser seria ser vítima de sua ilusão, na medida em que o ser escapa ao significante.

Deste modo, a demanda de amor recairá de forma imperiosa sobre o ser do parceiro e é isto que revelará sua forma erotomaníaca, conforme esclarece

Miller (1998): é preciso que o Outro me ame mais e mais. E como é uma característica da própria demanda não ter fim, esta exigência tende a se estender ao infinito, e não haverá palavra ou prova de amor que seja o bastante. Como consequência, a demanda de amor retornará ao parceiro feminino sob a forma de devastação, e é neste sentido que um homem poderá ser o parceiro-devastação de uma mulher. José Vidal, no prefácio do livro “Gozos da Mulher” (GUIMARÃES, 2014), define a devastação feminina como “a loucura que um ser falante em posição de mulher poderá ser conduzido quando se encerra no território do não todo feminino, sem o suporte do falo”(p. 18).

Ocorre que, para ser o falo, o significante do desejo do outro, a mulher vai dizer não aos seus próprios desejos. Débora Rabinovich nos dá um belo testemunho disso em um de seus textos sobre o seu passe.

Quando quis fazer consistir a relação sexual com o amor, o que se manifestou foi minha incapacidade de desejar. E sim..., quando amei desse modo, meu desejo, mais além do amor, padeceu. Todo o meu interesse estava centrado no signo do amor do Outro... a demanda de amor me levou à posição de perder. Perder em primeiro lugar, a bússola do próprio desejo (RABINOVICH, 2016, p. 48, tradução nossa).

Neste sentido, Lacan, citado por Guimarães (2014), ao falar da mulher, demonstra que “é pelo que ela não é, que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada” (p. 30). Surge aí a função da mascarada, ou seja, proporcionar um semblante d’A Mulher como exceção ao campo do Todo (todas castradas). Ser a única e a melhor no desejo masculino. Porém, por estar apoiada em bases falsas, essa máscara tende a desmoronar, lembra-nos a autora, e aparece o oposto do ideal: o semblante de objeto-dejeto, abaixo de todas as outras mulheres. Ainda é uma posição de exceção, mas pelo seu reverso, e neste sentido, a mulher passa do “tudo para ele” ao “nada para ele” (GUIMARÃES, 2014).

Já no homem, o parceiro-sintoma tem a forma fetiche. Já que não existe a possibilidade de um homem gozar de um ser feminino com tal, uma vez que “A Mulher não existe”, o parceiro masculino só tem acesso a uma mulher como objeto a, objeto parcial causa de seu desejo, relativamente aquilo que seria o corpo do Outro sexo. Assim, conforme nos lembra Miller (1998), o homem sabe muito mais acerca dos detalhes condicionantes de seu gozo do que uma mulher, e, neste sentido, “todos os homens são uns brutos” (p. 112) na medida em que são embrutecidos pelo detalhe de sua fantasia. Ainda segundo o autor, para o homem o gozo tem sempre algo de limitado, de circuns-

critico e de contabilizável, e é um gozo que pode ser sustentado pelo silêncio. Logo, “é de um olhar, de uma voz, de uma pele, de extremidades do corpo mais ou menos fetichizadas que o homem goza, e jamais (a menos que se coloque em posição feminina) do corpo feminino como tal, em sua radical alteridade” (ANDRÉ, 2011, p. 264-265). Há uma passagem belíssima em nossa literatura que ilustra de forma magistral do que se trata aqui. Trata-se da famosa passagem de “Dom Casmurro” em que Bentinho descreve o olhar de Capitu:

Retórica dos namorados, dá-me uma comparação exata e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode imagem capaz de dizer, sem quebra da dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá ideia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros, mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. (ASSIS, 1994, p. 32).

Assim, conforme demonstra André (2011), um homem jamais tem certeza de ter possuído por completo uma mulher, de ter participado do gozo dela, uma vez que lhe supõe um gozo outro que não o seu. Neste sentido, uma mulher é sempre um enigma para um homem. Logo, a mulher é levada a se fazer fetichizar na relação de parceria, a se mascarar e acentuar o seu semblante, enquanto faz de seu parceiro um A barrado (MILLER, 1998). Deste modo, como objeto na fantasia masculina, a mulher escolhida encarnará em seu corpo algum elemento que diz respeito ao *sinthoma* desse homem, ou seja ao seu modo singular de gozar. De certa forma, ela faz um acordo com os postulados inconscientes, os quais sustentam o desejo de seu parceiro e é neste sentido que se fala na mulher enquanto parceiro-*sinthoma* do homem.

Por outro lado, sabe-se desde Freud (2006), em seu célebre texto de 1912 “Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor”, que nos homens há uma propensão ao rebaixamento da vertente amorosa para conseguir preservar a vertente erótica e sustentar uma posição viril nas parcerias. Trata-se de um mecanismo defensivo fundamental, na medida em que os objetos do amor tendem a relembrar o primeiro objeto de amor do menino, a mãe.

Já nas mulheres, a defesa se dá no sentido de refutar a posição de objeto sexual do homem, pois pensam que nesta posição serão destruídas como sujeito. Guimarães (2014) nos lembra que “até certo ponto elas têm razão,

pois no momento do deleite do gozo feminino as intensas vibrações desse gozo no corpo tendem a empalidecer as referências simbólicas e imaginárias que dão suporte ao sujeito, levando muitas vezes à experimentação dessa intensidade de gozo como um instante de morte” (p. 72/73). Ocorre, ainda na mulher, como herança do complexo de Édipo, o medo superegoico de ser tomada como “puta”. Por outro lado, nelas há uma tendência à supervalorização da vertente amorosa, conforme vimos.

Portanto, a partir do exposto eu diria que sim, há algo de insano no amor, pois é de forma muito desconstruída que amam homens e mulheres. Caetano Veloso, de forma poética, soube dizer muito bem disso:

Onde queres o ato, eu sou o espírito
E onde queres ternura, eu sou tesão
Onde queres o livre, decassílabo
E onde buscas o anjo, sou mulher
Onde queres prazer, sou o que dói
E onde queres tortura, mansidão
Onde queres um lar, revolução
E onde queres bandido, sou herói

Eu queria querer-te amar o amor
Construir-nos dulcíssima prisão
Encontrar a mais justa adequação
Tudo métrica e rima e nunca dor
Mas a vida é real e de viés
E vê só que cilada o amor me armou
Eu te quero (e não queres) como sou
Não te quero (e não queres) como és

Referências

ANDRÉ, Serge. **O que quer uma mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

CAETANO, Veloso. Os quereres. In: **Velô**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1984, 1LP. Faixa 7.

CARLOS, Roberto; CARLOS, Erasmo. Cama e mesa. In: **Roberto Carlos. Álbum de 1981**. Nova York: CBS, 1981. 1 LP. Faixa 6.

DE ASSIS, Machado. Dom Casmurro. In: DE ASSIS, Machado. **Obra Completa de Machado de Assis**, vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

DESSAL, Gustavo. Como amam as mulheres no século XXI. In: ANTELO, Marcela (Org.). **Mulheres de hoje: figuras do feminino no discurso analítico**. Petrópolis: KBR, 2012, p. 113-118.

FREUD, Sigmund. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II). In: **Edição standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, Vol. XI, p. 185-195.

GUIMARÃES, Lêda. **Gozos da mulher**. Petrópolis: KBR Editora Digital Ltda., 2014.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Trad. de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MILLER, Jacques-Alain. **O osso de uma análise**. Agente Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, Salvador, n. especial, 1998.

RABINOVICH, Débora. Teléfono. **Revista Lacaniana de Psicoanálisis**. Buenos Aires, n. 20, pp. 43-49, 2016.

Resumo Demonstam-se aspectos divergentes na forma que o amor assume em cada uma das posições de gozo. Enquanto nas mulheres há uma tendência em supervalorizar o amor e um refutamento da posição de objeto nas parcerias, nos homens ocorre o contrário, há uma propensão ao rebaixamento do amor, enquanto que o seu acesso à mulher se dá como objeto causa de desejo.

Palavras-chave Amor. Parcerias amorosas. Parcerias sintomáticas.

Abstract Divergent aspects are discussed about the way love assumes in each positions of jouissance. Women in partnerships have a tendency to overvalue love and to refute the position of object. While for men the opposite occurs. They have a propensity to lower love, as his approach to women occurs as an object cause of desire.

Keywords Love. Love partnerships. Symptomatic partnerships.

AS CONVERSÕES COMO ACONTECIMENTO DE HABITAR UM CORPO

MARIANA ZELIS

Psicanalista, correspondente da EBP/SC.

E-mail: marianazelis@hedobrasil.com.br

A partir das conceitualizações de Lacan sobre o falasser, ao enlaçar fala e gozo, inaugura-se uma nova orientação que segue atenta aos modos de gozo e, conseqüentemente, coloca em questão o alcance do diagnóstico estrutural: “Há um gozo dela, desse *ela* que não existe e não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta – isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece” (LACAN, 1985, p. 100).

Bianca é uma adolescente de 11 anos. Sua mãe demanda uma consulta com urgência. Veio encaminhada pelo neuropediatra em decorrência de fortes convulsões do tipo epiléticas “de base emocional” (*sic*) as quais ocorrem desde os 9 anos, depois de Bianca entrar na menarca. A frequência, a quantidade e a intensidade das convulsões marcam uma urgência para a mãe angustiada. Para Bianca, as convulsões não a angustiam, nem fazem com que se questione. Diz não gostar porque fica diferente de todos. Preocupa-se com a pessoa que a olha, não gosta de ser olhada assim, às vezes, babando ou se contorcendo. Tudo isso a deixa cansada e afirma claramente que o que mais a incomoda é ser olhada deste jeito pelos outros.

As convulsões são registradas em filmagens destinadas a serem mostradas aos médicos. A mãe, na primeira entrevista, fez questão de mostrá-las – o que recuso dizendo que só iremos falar sobre isso.

O encontro com um novo corpo, a partir da menarca, produz um traumatismo, impacto de um real que Bianca tenta significar lendo compulsivamente textos de biologia sobre a anatomia do corpo feminino. Diz que não queria saber nada disso. Sentia horror ao ver o sangue. Nessa época, atravessa um período que ela chama de pré-anorexia, por se achar feia e gorda. Emagrece através de dietas inventadas, focando rigidamente sua alimentação nos mol-des do saudável, da nutrição.

A entrada em análise apazigua o gozo e as convulsões desaparecem durante mais de dois meses. Nesse período, começa a fazer *selfies* e vídeos em que aparece vestida, maquiada, em poses de modelo. Ela posta as fotos no

Instagram e os vídeos na internet, dizendo querer ser modelo de passarela: “me sinto o máximo quando todos me olham”. Mas, diante da ameaça dos pais de retirá-la da análise em função de sua melhora e “para agora olhar a outra filha que precisa”, Bianca cai em uma sequência de fortes convulsões e precisa ser internada. Logo depois, retoma sua análise e reencontra um objeto precioso para ela: “o que mais gosto do seu consultório é o espelho”.

As conversões

Essa paciente fez com que me interrogasse se haveria diferença entre uma conversão histérica e uma neoconversão. Pensar o conceito de conversão como acontecimento de corpo nos levaria a considerar a hipótese deste trabalho como “as conversões”, no plural, a partir das últimas elaborações de Lacan sobre o inconsciente real, do Um que se repete sem articulação, estabelecendo um circuito de repetição de “se gozar”. Especificamente a partir da orientação do gozo feminino, haveria uma equivalência – sejam elas histéricas ou não. Compartilhariam a mesma estrutura como acontecimento de corpo e, assim, estariam estruturadas como Uma letra.

O campo das conversões seria o campo do inconsciente real, do significante na vertente da letra, sem substituição nem articulação significante, S_1 ; S_2 . Podemos considerá-las como suporte corporal da letra. Essa orientação pelo gozo muda a perspectiva do diagnóstico e do tratamento. A localização do gozo em análise iniciaria o tratamento possível, possibilidade que dependerá do singular enodamento e desenodamento dos registros. Possíveis soluções para cada falasser no esforço de habitar um corpo como corpo sexuado, sobre o qual se inscreve um modo de gozo.

Acompanhando as discussões e conversações publicadas no livro *A psicose ordinária* (MILLER et alii., 2012, pp. 119-127), sobre fenômenos do corpo e estrutura, conversão e neoconversão, pode-se vislumbrar algum questionamento sobre a direção da hipótese deste trabalho.

Para Freud, a conversão, na histeria, era designada como sintoma, em que uma soma de excitação seria descarregada no corpo. Além disso, para haver sintoma, a repressão de uma representação deslocaria o afeto em manifestação corporal.

Porém, de acordo com essa discussão, a referência à conversão como complacência somática parece desaparecer dos trabalhos freudianos após 1910 pela intensa ação do inconsciente no corpo – ação e intensidade exclusivas do inconsciente.

“O ato inconsciente exerce nos processos somáticos uma ação plástica intensa, que o ato consciente nunca obtém” (MILLER et alii, 2012, p. 121). Como discutido, já não seria a conversão um traço exclusivo da histeria e sim do campo do inconsciente.

Bernard Leconteur, no livro supracitado, propõe uma escrita para a conversão na qual existiria uma identificação do desejo com a manifestação corporal, fazendo uma equivalência entre a e menos *phi*¹, no caso da conversão histérica estaria em articulação com o Outro barrado. Já para as neoconversões, a diferença seria que essa equivalência não estaria atravessada pela castração do Outro:

Quando essa condição falta, o uso – no sentido de ‘fazer’ – substitui a leitura. O uso, assim considerado, não implica mais um Outro furado, mas um Outro da imagem, ou um Outro do saber, não suposto. O corpo, nesses casos, mostra como um sujeito lida com seu desejo para poder gozar (MILLER et alii, 2012, p. 123).

Ou seja, é neste ponto onde a hipótese desse trabalho se situa: as conversões, no plural, como momento subjetivo de gozar com seu corpo sem passar pelo laço com o Outro barrado. Poderíamos considerar essa experiência conversiva como desenganche do Outro, invasão de gozo sem regulação. Acontecimento de corpo, estruturado como Uma letra.

Considerando essa perspectiva, o modo de gozo estaria aquém de qualquer hipótese diagnóstica, sinalizando o mais singular do falasser. O objeto *a* – na vinheta citada, o olhar, o ser olhada – é o que se apresenta falando com o corpo antes de qualquer outra articulação ou regulação. Só em um momento posterior, quando o gozo pode ser recortado, circunscrito, será causa de invenções singulares no tratamento de Bianca.

As conversões como acontecimento de corpo

Podemos abordar o acontecimento de corpo como o que mostra a diferença entre signo e significante. Falar com o corpo é o que caracteriza o falasser: “o signo é sempre correlativo de uma presença. O significante, ao contrário, é articulação, o que significa que vale para um outro significante com o qual forma sistema e que não é signo da presença de um ser” (MILLER, 2004, p. 375, *tradução nossa*).

¹ Cf. MILLER et alii, 2012, p. 121-122

O significante “como lógica pura está fora da vida. Quando há alguém, há signos [...] o indivíduo é queixoso do inconsciente, das palavras [...] de língua e do que se pode ler aí” (MILLER, 2004, p. 376, tradução nossa). Aqui, o conceito de *parlêtre* é sujeito e substância, significante e corpo.

Segundo Miller (2004, p. 378), o “acontecimento de corpo” instaura o trauma como marcas do afeto, que não está regulado, desequilíbrio permanente, excesso de excitação que não se deixa reabsorver.

Habitar um corpo

Através das fórmulas de sexuação, Lacan explicita uma mudança na concepção teórico-clínica do corpo enquanto modo de gozo: “Quem quer que seja ser falante se inscreve de um lado ou de outro [...] Tais são as únicas definições possíveis da parte dita homem ou bem mulher para o que quer que se encontre na posição de habitar a linguagem” (LACAN, 1985, p. 107).

Retomando as conversões como acontecimento de corpo, encontramos do lado feminino das fórmulas da sexuação, conforme Nieves Soria Dafunchio:

“[1] Não existe nenhuma x para quem não se cumpra a função fálica [...] Trata-se da inexistência da exceção, quer dizer que cada uma é uma, cada uma é uma em si mesma, é uma que não se refere a um todo [...] não há nenhuma que não esteja afetada pela castração” (DAFUNCHIO, 2008, p. 52, tradução nossa);

“[2] Não toda x cumpre a função fálica [...] O segundo quantificador diz que: não toda x está sujeita à função da castração, e esta será para Lacan a posição propriamente feminina [...] nela há algo a mais, há outro tipo de gozo que vai se manifestar em relação a uma ausência, e não com a função falo-castração” (DAFUNCHIO, 2008, p. 54, tradução nossa).

Ou seja, que a mulher é não toda porque:

“[3] está em relação ao falo, com o lado fálico, que é o lado masculino [...] constituiu-se como sujeito edipicamente, mas por ser mulher ao mesmo tempo está em relação com um vazio que nada tem a ver com a castração [...] Lacan localiza o gozo feminino como um excesso, é algo que está a mais, que sobra, e não obedece à lógica fálica” (DAFUNCHIO, 2008, p. 54, tradução nossa).

E seria essa lógica feminina, a qual não obedece à lógica fálica como limite, que operaria nas conversões. Um gozo sem limite invade o sujeito, um gozo não regulado pelo significante, fora do campo do Outro. O corpo se apresenta como ser que goza, positivando um excesso no momento conversivo, quando o falasser não tem mais um corpo.

Essa paciente cai, literalmente, dessubjetivada. Não perde a consciência, mas não consegue falar nem se manifestar até a crise passar. O gozo do olhar e ser olhada, se fazer olhar, marca seu corpo especificamente. Mas isso que escapa nos moldes de um excesso sinaliza que algo precisa ser enodado a partir do real de lalíngua, que “faz entrar as representações do simbólico, do significante como substância gozante no imaginário da unidade corporal” (BASSOLS, 2015).

As conversões nos orientam nessa perspectiva nodal do gozo e das possíveis soluções *sinthomáticas* para cada falasser.

Referências

BASSOLS, Miquel. **Corpo da imagem e corpo falante**. Disponível em: <http://www.congressoamp2016.com/uploads/05fe9655e5f681fe70e4389ab17a69d24666f237.pdf> Acesso em: 3 ago. 2017.

DAFUNCHIO, Nieves Soria. Las fórmulas de la sexuación. In: _____. **Confines de las psicoses**. Buenos Aires: Del Bucle, 2008, p. 52-54.

LACAN, Jacques. Deus e o gozo d’ Mulher. In: _____. **O Seminário, Livro 20: Mais Ainda**. Trad. de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, pp. 87-104.

LACAN, Jacques. Letra de uma carta de almor. In: _____. **O Seminário, Livro 20: Mais Ainda**. Trad. de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, pp. 105-120.

MILLER, Jacques-Alain. Fenômenos do corpo e estruturas. In: _____. **A psicose ordinária. A convenção de Antibes**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012, pp. 119-127.

MILLER, Jacques-Alain. Acontecimientos del cuerpo. In: _____. **La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica**. Trad. de Nora A. González. Buenos Aires: Paidós, 2004, pp. 375-378.

Resumo Este trabalho propõe as conversões como hipóteses para pensar e denominar as conversões históricas e as neoconversões desde a perspectiva do UM, do acontecimento de corpo e dos modos de gozo. A pluralização da conversão orienta o tratamento pelo real do gozo considerando as soluções *sinthomáticas* singulares.

Palavras-chave Conversão. Acontecimento de corpo. Um.

Abstract This work proposes the conversions as a hypotheses to think and denominate the hysterical conversions and the neoconversions from the perspective of the ONE, the event of body and the modes of joy. The pluralization of conversion guides the treatment by the real of joy by considering the singular *symptomatic* solutions.

Keywords Conversions. Body event. One.

Transferência

e

Amor



ALUVIÕES NA TRANSFERÊNCIA

CINTHIA BUSATO

Psicanalista, Membro da EBP e AMP

E-mail: cin.busato@hotmail.com

A partir do estudo sobre a psicose, Lacan fará, em 1957, uma teoria do sintoma mais elaborada do que a primeira teoria de Freud, com novos elementos do estruturalismo. O sintoma será o resultado da fixação de um significante, como resultado do recalque. Se há transposição desse limite, que ele chama de barra, há efeito metafórico. O sintoma então é definido como metáfora, é uma mensagem que está cifrada, resultado da fixação de um significante no inconsciente pelo recalque.

Essa teoria se funda sobre um sim primordial. A afirmação, a *Bejahung*, esse sim primordial, é condição para o recalque, o qual é um não. Logo, se há um sim ao significante, podemos negar a afirmação e devemos denominar essa negação de recalque. Em compensação, se não há uma afirmação primordial, que é o que chamamos de *Verwerfung*, forclusão, se há um não primordial à inscrição significante, está criada a condição do fracasso do recalque: não se vai poder negar, porque não houve afirmação. Esse “fracasso” do recalque é chamado forclusão, conceito que Lacan introduziu em sua primeira teoria da psicose, fracasso da metáfora paterna, fracasso do Nome-do-Pai. A solução é a construção da metáfora delirante, um significante que invade o sujeito desde fora como uma afirmação alheia, sem divisão subjetiva.

No *Seminário R.S.I.*, vamos encontrar um enunciado que é equivalente ao enunciado de Freud “o sintoma é um modo de satisfação da pulsão” (FREUD, 1992, p. 87). Quando Lacan afirma, em R.S.I., “o sintoma é um modo de gozar do inconsciente”, é preciso redefinir a função do sintoma. Neste, assim como nas demais formações do inconsciente, há uma satisfação de desejo, mas essa satisfação tem um caráter problemático e paradoxal, uma vez que é também uma “satisfação real” para além do princípio do prazer e vinculada à pulsão de morte (cf. Freud, 1980, p. 419-440), uma “satisfação às avessas” (Lacan, 1999, p. 331). Essa satisfação paradoxal é o fundamento da concepção do núcleo real de gozo impossível de ser simbolizado, situado no cerne do sintoma. Lacan sempre marcou esse núcleo de gozo presente no sintoma, mas antes ele aparecia como um obstáculo à significantização, aparecia como algo que

desestabilizava a lei forjada pelo NP e impedia o desejo. Agora, a essas marcas de gozo sem sentido, Lacan chama de *lalíngua* e coloca a linguagem como feita dessas marcas, uma elucubração de saber sobre *lalíngua*: “*Lalíngua* nos afeta primeiro por tudo que ela comporta como efeitos que são afetos. Se se pode dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, é no que os efeitos de *lalíngua*, que já estão lá como saber vão bem além de tudo que o ser que fala é suscetível de enunciar” (LACAN, 1985, p. 190).

Por isso, vamos dizer que a forclusão é para todos. O que se fixa não é um significante, algo que cai do sentido, mas algo que nunca entrou, nem entrará no sentido. Nessa teoria, todos somos falasseres, seres tocados pela marca de gozo na fala.

Então, depois desse percurso, vamos tentar seguir o texto “*Lalíngua* da transferência nas psicoses”, que começa com a pergunta “por que ‘neotransferência?’” (HENRY, 2012, p. 155).

O par sujeito suposto saber e transferência funcionaria de outra maneira nas psicoses, já que nelas o saber está do lado do psicótico:

Propomos, então, examinar o par *lalíngua-transferência*, enunciando, à maneira de Lacan que, se é *lalíngua* que motiva a neotransferência, [isso] seria apenas aplicação particular, especificada, da prática com as psicoses, onde *lalíngua* da transferência aparece como novo artefato para tecer o laço social (HENRY, 2012, p. 156).

Por exemplo, no caso da garotinha psicótica mascarada por uma deficiência intelectual, paciente de Jean Lelièvre, que pergunta “você sabe falar em Donald?”, ao que o analista responde negativamente e ela começa a matraquear “*quack, quack, quack!*”, deixando-o sem saber o que tinha que escutar. Até o momento onde, continuando a matraquear, aponta para o relógio de pulso com o dedo e responde ao analista “são *quacktro* e dez” inventando, surpreso, a língua Donald. Isso fez com que ela risse. A língua Donald aparece como uma criação languageira dela e encarna *lalíngua*. Por outro lado, o aprendizado e a prática dessa língua pelo par criança-analista introduzem a necessidade de *lalíngua* da transferência para forjar o laço social.

Mas a prática com as psicoses deve necessariamente passar pela criação e pela prática de uma *lalíngua* da transferência? Mesmo se tratando de psicose, nada impede de se acreditar no inconsciente. Como ressalta Lacan no *Seminário 20*, “é porque há o inconsciente, isto é, *lalíngua*, no que é por coabitação com ela que se define um ser chamado falante, que o significante pode

ser chamado a fazer sinal, a constituir signo. Entendam esse signo como lhes agradar, inclusive o *thing* do inglês, a coisa (LACAN, 1985, pp. 194-195).

Portanto, o que motiva a *neotransferência* não é o sujeito suposto saber, mas *lalíngua* como signo de algo que está fora do sentido: onomatopeia (“*quack*”), algarismos, traço. Miller diz que é uma língua aluvial (MILLER, 2012, p. 10), feita de aluviões, que são materiais provenientes da destruição das rochas e transportados pelas águas correntes, originando por vezes jazigos de valiosos minérios. Os aluviões de *lalíngua* são os mal-entendidos e as criações languageiras de cada um. A homofonia é o motor de *lalíngua*.

Lacan distingue no *Seminário 20* um “saber sobre *lalíngua*”, que cabe à linguagem, e um “saber-fazer com *lalíngua*”, testemunhado pelo inconsciente. A linguagem não é *lalíngua*, ela é secundária em relação a *lalíngua*, ela é o resultado de um trabalho sobre *lalíngua*.

Lalíngua é rebelde e indomável, porque aí só há diferenças. Como fazer valer essas diferenças? No campo da linguagem, a articulação significante S1-S2 desencadeia os efeitos de sentido. Há significação aos borbotões. O sujeito é identificável. No campo de *lalíngua*, antes, portanto, de colocar ordem nos significantes, tem-se uma cadeia significante sem efeito de sentido. É o matema S//s de “A fuga do sentido”, de Miller (aula IX, de 14/2/1996), onde aparece a *falsa separação* da qual também se fala no texto “Produzir um sujeito?”:

Evidentemente o sujeito, em sentido estrito, não é nada antes de ser captado pela alienação significante, não é nada antes que um significante o represente, “absolutamente nada” diz Lacan. Mas é preciso entender assim: ele não é nada como sujeito. Seria preciso notar, quanto à questão crucial do sujeito da psicose, o que o fato de SER um sujeito comporta para nós: ser um sujeito é uma contradição terminológica, posto que é com falta a ser que o sujeito que utilizamos surge do significante. Portanto, a escolha da psicose, não digo quem a faz, é, a bem da verdade, a escolha impensável de um sujeito que faz objeção à falta-a-ser que o constitui na linguagem. É uma des-escolha. Digo que é impensável porque contraria a escolha forçada da alienação [...] Aqui haveria uma **separação**, se posso dizer assim, **falsa**, uma vez que ela, precisamente, não tem a metáfora paterna como princípio, sendo, ao contrário, o seu fracasso. Isso exige que se distinga duas coisas:

- primeiramente, sem dúvida o sujeito como falasser surge do nada, é uma criatura de significante – mas é igualmente verdadeiro; e

- em segundo lugar, que o sujeito tem de emergir do ser vivo, que ele surge de seu status primeiro de objeto. O sujeito tem de emergir da causa do desejo da mãe, pelo menos do *causo* (*causette*: designa as pequenas conversações familiares) do qual esse desejo é feito (MILLER, 1996, p. 157).

Na décima segunda lição do curso *Silet*, Miller (2005, pp. 161-172) faz da pulsão uma articulação entre a repetição e a transferência, isto é, uma repetição significante cujo produto é um gozo. A repetição como automatismo é equivalente a uma cadeia significante a qual, ao mesmo tempo, elude e designa o lugar central do real, que a transferência coloca em ato. Portanto, se existe uma relação entre *lalíngua* e pulsão, é via repetição e transferência: uma cadeia significante de *lalíngua*, fora de sentido, que aparelha o gozo, desenhando o percurso que vai do simbólico ao real.

Lacan nunca deixou de sublinhar, na origem da repetição simbólica, a perda do objeto e seu esforço de reencontrá-lo. Esse objeto, perdido inicialmente, é pensado a partir do binário fundamental do significante, por exemplo, o Fort-Da, pela devoção significante que acompanha a presença e a ausência do objeto. A cena mostra o objeto natural sendo anulado pelo significante e, por isso, escravizado ao símbolo; o significante anula o objeto e substitui a satisfação que ele poderia dar pela repetição significante. O *Seminário 11* nos mostra não se tratar de uma simples anulação. Mesmo se o objeto está perdido, anulado, rasurado, a repetição continuará a visá-lo e, ao fazê-lo, ela não o alcança. Nesse sentido, pode-se dizer que essa repetição vai ao encontro de um real em relação ao qual ela falha. A repetição aparece determinada pelo trauma enquanto real. Esse real, em relação ao qual Lacan se orienta no trauma no sentido de Freud, aparece no nível do sexual, vocábulo este que faz a junção com o conceito de transferência (MILLER, 2005, p. 167).

Um dos primeiros efeitos de *lalíngua* é o afeto, em particular, a cólera. Ora, se a pulsão tem uma coloração vazia, é porque ela não atinge o objeto, ao passo que o afeto toma aqui a cor do objeto. O capitão Haddock, como bom neurótico, por mais que animado pela cólera, forja insultos para Tintin “*mercenário, vagabundo, ectoplasma!*”, nunca consegue dizer sua cólera toda. Já Ophélie, a garota da língua Donald, como psicótica, acerta na mosca: “Não estou contente por ter vindo vê-lo. Com seu corte de cabelo, você parece uma lebre!” (homofonia, em francês, de *Lelièvre* = Alebre).

Referências

FREUD, Sigmund. O caminho da formação dos sintomas [1917]. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. V. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1980, pp. 419-440.

FREUD, Sigmund. Inhibición, síntoma y angustia [1926]. In: _____. **Obras Completas. V. 20**. Buenos Aires: Amorrortu, 1992, pp. 71-164.

HENRY, Fabienne (Relatora). Lalíngua da transferência nas psicoses. In: BATISTA, Maria do Carmo Dias; LAIA, Sérgio (Orgs.). **A Psicose Ordinária**. Belo Horizonte: Scriptum, 2012, pp. 155-186.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Trad. de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 22**: R.S.I. Inédito.

MILLER, Jacques-Alain. Produzir um sujeito? In: _____. **Matemas I**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, pp. 155-161.

MILLER, Jacques-Alain. **Silet: os paradoxos da pulsão, de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MILLER, Jacques-Alain. O monólogo da aparola. **Opção Lacaniana online nova série**, s.l., ano 3, n 9, nov. 2012. Disponível em http://www.opcoalacanianana.com.br/pdf/numero_9/O_monologo_da_aparola.pdf. Acesso em: 17 jun. 2017.

Resumo Esse artigo percorre algumas noções da primeira clínica de Lacan, como *Bejahung* e forclusão do Nome-do-Pai, para articulá-las aos deslocamentos e reformulações conceituais materializados através da atenção dedicada à clínica das psicoses. Trata-se, portanto, de destacar a relevância de *lalíngua* e de seu caráter aluvial na constituição do fenômeno da neotransferência.

Palavras-chave Forclusão. Lalíngua. Neotransferência.

Abstract This article presents some notions taken from the first lacanian clinic – as *Bejahung* and foreclosure of the Name-of-the-Father – linked to the displacements and the reformulations materialized through the attention directed to the clinic of psychosis. In this sense, it emphasizes the importance of *lalange* and its alluvial trait in neotransference.

Keywords Foreclosure. Lalangue. Neotransference.



A DESPEITO DAS PARCERIAS, O AMOR¹

FRED STAPAZZOLI

Analista praticante. Mestre em Filosofia (PUC-PR). Professor do Curso de Psicologia (Unisul). Membro da equipe da atividade “Psicanálise vai ao cinema” (EBP/SC).

E-mail: fredstapazzoli@gmail.com

A fim de nos localizarmos na obra de Lacan, poderíamos adotar algumas lógicas que nos permitiriam uma entrada possível. Se a obra de Lacan é sobremaneira oral e seus seminários são um “lugar de invenção de um saber” (MILLER, 2011), seus escritos precisam os pontos que figuraram como aproximação naqueles seminários. A partir dos escritos, por exemplo, podemos entrever momentos em que conceitos vão sendo burilados (MILLER, 2011).

Estes momentos, aos quais Miller faz menção, poderiam nos servir, digamos, como um método para a entrada na obra de Lacan, como se serviu Laurent nas conferências, recentemente publicadas sob o título *O avesso da biopolítica*. Isso seria uma entrada possível, mas poderíamos também pinçar um tema, um eixo a partir do qual conceitos foram se complexificando ou tomados a partir de outra perspectiva. Bem, parece-me que uma possibilidade para abordar esta arquitetura conceitual – para além de qualquer cristalização ou privilégio de um momento em detrimento de outro – poderia ser enunciada assim, a passagem da ontologia à henologia; poderia dizer do ser ao Um, do desejo e da falta-em-ser ao acontecimento de corpo e do falasser, do significante à letra.

Ao evocar a passagem da ontologia à henologia, isso nos remete, em outros termos, àquilo que chamamos segundo, último, ultimíssimo ensino. A questão, parece-me, é como atravessá-los – como perfurá-los, como diria Gustavo Stiglitz –, levando-se em consideração a imbricação conceitual deste arco. Amor, desejo e gozo também nos remetem a isso.

Levemos em consideração a existência sem mundo a partir do momento em que Lacan enuncia *Yad’l’un*, Há Um, no Seminário 19 (LACAN, [1971-1972] 2012). De saída, segundo Miller (2011), Lacan inscreve-se em outra tradição, diferente da que chamamos ontologia, ao pôr o acento no Real e

¹ Trabalho apresentado na XI Jornada da EBP Seção Santa Catarina: Amor e Desejo, realizada entre os dias 14 e 15 de outubro de 2016.

anunciar a única ótica possível ao psicanalista, a do gozo. Soa como um trabalho de redução, um corte.

No âmbito da ontologia, o ser depende do dito, e é equívoco precisamente por depender do discurso, da metonímia infinita da cadeia significante, do Outro, “o lugar de ser”, “o lugar ontológico no qual se inscreve o discurso, o lugar que visa todo dito.” (MILLER, 2011). O ser não passa de semblante, da verdade do sujeito, de suas identificações, suas ficções, da impossibilidade do completo clarão ou do completo apagamento daquilo que se diz sobre o sujeito. “Vocês sabem a diferença entre o que é, pelo fato do dito, e o que existe ‘de verdade’, entre aspas”. (MILLER, 2011).

Daí já podemos pinçar uma ponta de Real no que concerne à linguagem, do ser de linguagem, do ser da linguagem. Se o ser depende do discurso, se o sujeito é efeito de uma operação significante, este Real da linguagem é alcançado por intermédio da lógica e nos lança da ontologia à henologia – esta última, um campo mais restrito.

Para haver discurso é necessário o Um, a marca originária, assim como Lacan o enunciou; Há Um, e não o Um é... Este Um remete-nos à existência, como disse, a um há, tão somente, sem mundo. Se o Outro não existe, eis outra forma de dizê-lo, Há Um, o Um do significante (S_1), a marca traumática e originária que faz um acontecimento de corpo. No campo da existência, do S_1 disjunto de S_2 , estamos no âmbito de Um-corpo, na ocasião do mistério da emergência do corpo falante, daquilo que lhe faz ressoar, na ocasião da impossibilidade, ainda, do falasser dizer “meu corpo”.

Outro modo de abordar esta passagem. Da perspectiva do significante, ou da insígnia, considerando o significante isoladamente, Lacan o abordará como signo, por exemplo, em *Radiofonia*.² Se um dos problemas que nos é colocado é como se articulam ontologia e henologia, sem perder de vista a articulação conceitual, segundo Miller (2006) foi necessário a Lacan adotar uma categoria mais ampla que a de significante – letra, o mais radical do significante, o sem sentido que nos remete ao Outro gozo, à produção de gozo, e não ao sentido gozado. Noutras palavras, nesta perspectiva não tomamos o sintoma como mensagem, mas como escrita. É um deslocamento, não a elisão, do Outro em Lacan.

² “Não é o que se dá com toda carne. Somente das que são marcadas pelo signo que as negativas elevam- -se, por se separarem do corpo, as nuvens, águas superiores, de seu gozo, carregadas de raios para redistribuir corpo e carne.” Cf. LACAN, J. *Radiofonia*. In: _____. **Outros escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 407.

Quando alguém entra no campo da linguagem, do ponto de vista do sentido, isto tem em seguida relação com o Outro como sentido do Outro. Mas quando entra no campo da linguagem pela escritura, considerada a partir da letra como gozo, não há relação com o Outro. Quando se trata do sentido, trata-se sempre do desejo – do Outro do sentido do desejo. Com o gozo, não ocorre o mesmo. O gozo é autista. É por esta razão que em Lacan vai desapeparecendo a referência ao Outro. (MILLER, 2006, p. 132, tradução minha).

Ao nos referirmos a esta passagem da ontologia à henologia, talvez possamos dizer: à medida que o ensino de Lacan avança, observamos o psicanalista pôr em relevo Um-corpo, assim como anteriormente, *pari passu*, eram feitas elaborações sobre o Outro. Dito de outro modo, como consideramos o inconsciente estruturado como uma linguagem, podemos abordá-lo a partir da repetição de S1, da produção do gozo fora de sentido, o que nos remete ao campo da henologia, como também a partir do discurso do Outro, da mensagem cifrada, o que nos remeteria ao campo da ontologia. Se o corpo próprio agora se nos afigura como um parceiro, o que concerne à reiteração do Um, do gozo, daí podemos extrair consequências.

Voltemos ao amor, apesar das parcerias. Ou melhor, voltemos ao amor, considerando o que entendemos por parceria. O Outro? O corpo próprio? Estas questões dizem respeito à articulação entre aquilo que mencionei debaixo da expressão passagem da ontologia à henologia ou, no que diz respeito à linguagem, à maneira como a abordamos quando afeta o ser falante; ou do ponto de vista do sentido, destacando-se o Outro, ou do ponto de vista da escrita, da letra como gozo.

Se evocarmos o aforismo lacaniano “Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (LACAN, 2005, p. 197), novamente colocamos o problema, para ser mais direto, da articulação entre gozo e Outro, da solidão autoerótica às parcerias aloeróticas. Mera superfluidade, já que, ao mesmo tempo, “ali onde isso fala, isso goza”, mas também “isso goza ali onde isso não fala, isso goza ali onde isso não faz sentido”? (MILLER, 2008).

“Como o gozo pode entrar na dimensão do Outro, como passamos do gozo ao desejo do Outro?” (MILLER, 2006, p. 166, tradução minha). E é aí que surge o amor, como meio, como defesa, talvez, contra o gozo sem sentido que não cessa de não se escrever. “Por que dizer que o amor permite ao gozo condescender ao desejo?” (MILLER, 2006, p. 170, tradução minha). Qual o estatuto do amor neste entremeio que se depreende entre os domínios da

ontologia e da henologia, entre desejo e gozo? A raiz do Outro é o Um, mas há o amor.

Ao mesmo tempo em que podemos depreender que “o amor evoca a passagem, o metabolismo, a transmutação do gozo em significante” (MILLER, 2011, p. 50, tradução minha), por outro lado é o amor a ficção fundamental, um dizer extraordinário (LACAN, 1973, tradução minha) que sutura o abismo entre gozo e desejo, entre escrita e significação. Por ser da ordem da significação, da invenção, o amor não apagará os rastros de sua incoerência. Mesmo que, segundo Lacan, seja o amor um dito fundamental, este dizer não prestará contas à verdade (LACAN, 1973, tradução minha), já que “a fala permite pôr em cena seres que fracassam na prova de lógica e se revelam não sendo senão semblantes.” (MILLER, 2011). A incoerência lógica não invalidará o engano fundamental às parcerias, tanto a do corpo como as outras, aquelas mesmas que “o amor cria, faz ser Um imaginário, isola um só ser, aquele que quando lhes falta tudo fica despovoado.” (MILLER, 2011). E talvez isso ocorra inclusive na análise, se o seu motor é o amor de transferência. Recorre-se à análise por outro motivo tão distante senão uma inércia do gozo? Talvez, a palavra de amor, esta tão fundamental, mas não menos palavra que qualquer outra, carregando paradoxalmente a morte em si mesma (MILLER, 2008, p. 74), tanto em análise quanto fora dela, faça-nos suportar uma só coisa: gozo.

Talvez Marguerite Yourcenar tenha razão, em *Fogos*: “Impossível possuir ao mesmo tempo a imensidão da noite e a luz do sol.” (YOURCENAR, 1983, p. 101).

Referências

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 19: ... ou pior**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.

LACAN, Jacques. Radiofonia. In: _____. **Outros escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, Jacques. **Los no incautos yerram** (Los nombres del padre). Clase 4, 18 de diciembre de 1973, inédito.

MILLER, Jacques-Alain. O ser e o Um, 2010-2011. **Orientação lacaniana III**, 13. Documento de trabalho para os seminários de leitura da EBP.

MILLER, Jacques-Alain. **Introducción al método psicoanalítico**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

MILLER, Jacques-Alain. **Coisas de fineza em psicanálise**, 2008. Orientação lacaniana III, 11. Documento de trabalho para os seminários de leitura da EBP.

MILLER, Jacques-Alain. **Los divinos detalles**. Trad. de Dora G. Saroka. Buenos Aires: Paidós, 2011.

YOURCENAR, M. **Fogos**. Trad. de Martha Calderaro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

Resumo Como a solidão autoerótica poderá condescender às parcerias aloeróticas? Neste ensaio, a partir da passagem da ontologia à henologia, uma das possibilidades de atravessamento da obra de Lacan, buscou-se indagar o estatuto do amor, um dizer e um engano fundamentais às parcerias do falasser.

Palavras-chave Amor. Desejo. Gozo. Ontologia. Henologia.

Abstract How can autoerotic solitude condescend to alloerotic partnerships? In this essay, from the passage from the ontology to the henology, one of the possibilities of crossing of the work of Lacan, was sought to inquire the statute of the love, a saying and a deception fundamental to the partnerships of the speaking being.

Keywords Love. Desire. Enjoyment. Ontology. Henology.



AMOR E SACRIFÍCIO¹

GUSTAVO RAMOS

Doutorando em Literatura (UFSC) e participante das atividades da EBP-SC
E-mail: gustavofloripa16@gmail.com

Antes de iniciar a discussão sobre Amor e Sacrifício, a partir do artigo homônimo de Marie-Hélène Blancard na Colofón 36, o Boletim da Federação Internacional de Bibliotecas da Orientação Lacaniana, sugiro uma retomada da relação sacrificial e amorosa do homem diante do objeto.

Em 1939, Roger Caillois publica seu livro *L'homme et le sacré* no qual encontramos a junção do sagrado e do profano sob o prisma do sacrifício. No ponto sobre a “natureza do sacrifício”, Caillois escreve sobre alguém demandar algo e o que está por trás de tal demanda: o ato de se fazer um dom, um sacrifício, consagrando as pessoas de seu entorno ao domínio do sagrado, fazendo ele mesmo um dom, um sacrifício, ou seja, introduzindo às suas custas no sagrado alguma coisa que lhe pertence, mas é abandonado. Sendo assim, a vontade sagrada, a qual não pode recusar esse presente usurário, transforma-se na dívida do donatário e a ordem do mundo é reestabelecida. É pelo sacrifício que o fiel se torna um credor. Ao propor a equivalência entre dom e sacrifício, Caillois cria uma circularidade permeada pela lógica do perdão e pela lógica do social. “Perdão”, etimologicamente, é composto pelo prefixo *per-* (derivando a *pervivência*, *Nachleben*, de Aby Warburg) e pela palavra *dom*, colocando-nos novamente na deriva de Caillois, mas agora nos entremeios da psicanálise, pois o perdão, ou *per-dom*, é o sacrifício e a dívida para com o Outro. Ou seja, é sempre a falta, vivida de maneira terrificante para o sujeito, a qual irá colocá-lo a inventar algo, pois, como nos diz Marie-Hélène, “ali onde o Outro não responde, ali onde falta o significante que garantiria sua existência, o sujeito se vê forçado à invenção, já que deve recobrir com o fantasma esta falha que constitui a hiância da não relação [sexual]” (BLANCARD, 2016, p. 45).

¹ Trabalho apresentado na “Noites da Biblioteca: Amor e Sacrifício” sobre a Revista Colofón 36, realizada no dia 11 de abril de 2017.

Jacques Derrida, ao analisar esse assunto, vai propor uma circularidade sempre em falta, sempre quebrada, do objeto pequeno *a*, haja vista que, em *A Farmácia de Platão*, ele analisa o *pharmakon* enquanto dom e veneno. Onde há dom, há veneno. Onde há dívida, há sacrifício. E onde há sacrifício, surge o amor.

O sujeito, ao se servir do objeto *a* para se dirigir ao Outro, confere ao objeto um valor de intercâmbio, portanto, de dom, movendo-nos novamente para dentro da circularidade vazia dessa lógica. O que sai de si (lê-se: o que perco) é sempre um sacrifício – uma das feridas narcísicas teorizadas por Freud – e uma tentativa de chamar atenção dos deuses, despertá-los. O sujeito quer saber o que o Outro deseja, para isso, utiliza-se do objeto *a* no intuito de ser esta a resposta para o Outro. Lacan nos propõe no seminário 11 tratar a questão do sacrifício por meio da lógica, único meio de abordar o real.

Se a lógica é ainda um meio filológico por excelência, podemos pensar na esteira de Werner Hamacher, cujas *95 teses sobre a filología* foram compiladas e podemos ler, na tese 24, o seguinte: “Filología, filalología, filalogía” (HAMACHER, 2011, p. 15) *Alo* provém do grego *allos* e exprime a ideia de outro, diverso. A fil-alo-logía, é uma filologia outra, diversa daquela que procura a etimologia tal como foi. Hamacher, leitor de Lacan, cria uma outra vertente, a fil-*a*-logía, a qual tanto pode ser uma negativa da lógica, pela presença do *a* negador, como também pode ser o objeto *a* inserido no meio da questão. Se formos na primeira vertente, a da negação do *a*, quebramos a circularidade do discurso e da lógica do sacrifício, provocando o desaparecimento do Outro e o retorno para o Um Sozinho, para o gozo do Um, sem qualquer intermediação do Outro, pois o primeiro não se coloca em dívida, não se vê enquanto um sujeito-em-falta, mas sim um sujeito-completo e que pode gozar consigo mesmo. Já na segunda vertente, a do *a* enquanto objeto causa de desejo, a lógica pensada dessa maneira seria mais próxima da psicanálise: ao invés de propor um retorno ao passado tal como ele foi (*ça a été*), ela inverte a questão e retorna ao passado ainda não concluso, pois ainda não passou.

A abordagem do Real por essa via, a do objeto *a*, não provoca mais a angústia de outrora, pois não se vai retornar a um ponto para logo após esquecê-lo, mas sim vai se retornar a esse lugar esquecido para fazer algo com ele. Se o Real é o que não cessa de não se escrever, não se pode ter um acesso meramente filológico na medida em que nunca se poderá chegar a uma palavra específica. Sempre que se encontrar a palavra, já é outra. Na dimensão da fil-*a*-logía, entretanto, inventa-se um significante ali onde a filologia não pode

nos dar uma resposta. As consequências da primeira vertente são nefastas não só para ele como para o social, pois se não há um espaço comum que nos atravessasse, o sujeito acredita não precisar de ninguém para nada, derivando, desse modo, a desimplicação e a despolitização, duas vertentes tão em voga no nosso contemporâneo. As cidades existem por si sós, não existe diálogo possível, e o único uso encontrado é a força.

A crise na Europa, p. ex., é um bom parâmetro para nós neste momento. O berço do ocidente e da democracia está assistindo atônito ao retorno dos “refugiados”, os mesmos que anos atrás trabalharam na construção da “Europa”. Como eles não nos dizem mais respeito, não nos atravessam, não provocam nenhum sentimento, a não ser o de rejeição, fechamos as fronteiras e impedimos o acesso de um contingente enorme de homens, mulheres, idosos e crianças. Que morram lá no país deles. Ou ainda os casos de homofobia nos quais é precisamente o modo diferente de gozo do outro o que promove a violência extrema. O pensamento do consenso diz: o meu modo de gozo é o único e tudo que não coincidir com ele deve ser rechaçado. A psicanálise, porém, ao se valer do *ab-senso*, ou melhor, do *ab-sexo*, do fora de sentido, do fora da inscrição da relação sexual, promove uma saída possível a tais impasses: fazer com que o discurso do analizante se sustente na conjunção do objeto a com o S de A (BLANCARD, 2016, p. 48)

O amor, então, é uma maneira de o sujeito se converter no que falta ao Outro por ser necessário certo grau de engano nessa relação para deixar a circularidade sempre em movimento

Referências

BADIOU, Alain; CASSIN, Barbara. **Não há relação sexual**: duas lições sobre “o aturdi-to” de Lacan. Trad. de Claudia Berliner. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CAILLOIS, Roger. **L'homme et le sacré**. Paris: Gallimard, 1988.

DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver**: escritos sobre as artes do visível (1979-2004). Ginette Michaud, Joana Masó, Javier Bassas (Org.). Trad. de Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. Trad. de Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 2005.

GUIMARÃES, Lêda; SALAMONE, Luis Darío. **Una mujer y un hombre después del análisis**. Olivos: Grama Ediciones, 2016.

HAMACHER, Werner. **95 tesis sobre la filología**. Trad. de Laura. S. Carugati. Buenos Aires: Miño y Dávila, 2011.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda** (1972-1973). Trad. de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Trad. de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

Resumo Partindo do texto “Amor e Sacrífico”, de Marie-Hélène Blancard, na Colofón 36, pretendo discutir a relação de cada sujeito diante da perda de objeto e sua posterior tentativa de recuperá-lo pela via amorosa. Com as contribuições filológicas de Werner Hamacher, leitor de Lacan, o artigo discute o objeto a e as diferentes abordagens deste na lógica psicanalítica.

Palavras-chave Amor. Sacrifício. Perda. Objeto.

Abstract By resorting to “Amor e Sacrificio”, by Marie-Hélène Blancard, in the magazine Colofón 36, I intend to discuss the relationship that each subject in front of the object and his subsequent attempt to recover it by the love. With the philological contributions of Werner Hamacher, Lacan reader, this article discusses the object a and the different approaches in psychoanalytic logic.

Keywords Love. Sacrifice. Loss. Object.

NO ABISMO DO INTERVALO ENTRE DOIS: O AMOR¹

JACQUELINE VIRMOND VIEIRA

Psicanalista, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC

E-mail: jvirmondvieira@yahoo.com.br

A mãe de Ana liga pedindo um horário para a filha. Ouvindo a aflição em sua voz, sugiro que ela mesma venha conversar comigo, sem a filha. Ela vem e me conta que a família mudou-se recentemente para uma cidade pequena, vinda de Belo Horizonte, onde a filha Ana havia sido sequestrada e mantida em cativeiro por quatro meses. Fala do terror que ela própria vivera naquele período, todos os dias sem saber o que se passava com a filha, sem saber ao menos se a filha realmente continuava viva. Conta, ainda, que seu casamento quase se desfez, pois o marido seguia as orientações da polícia antissequestro, que o orientava de modo a manter-se em uma posição de comando frente aos sequestradores, deixando muitas vezes de atendê-los ao telefone, fazendo-os esperar, não aceitando suas exigências, coisas que a faziam ir ao desespero. Quando as conversações chegavam ao fim do quarto mês, o marido fechou uma negociação e a filha foi liberada em um bairro da cidade. Segundo a mãe, a filha retornara aparentemente bem, apenas muito pálida, pois ficara todo o tempo sem tomar sol. E também um pouco estranha. Não sabia definir bem, mas havia algo diferente. Decidiram mudar-se para uma cidade bem distante e mais segura.

Apesar do sofrimento e das visíveis inquietações que tomam esta mulher, é para a filha que ela pede uma escuta. Diz que tem se apegado a Deus, que sabe que as provações têm suas razões, e que o que realmente a preocupa são as consequências da experiência para a filha.

Recebo Ana, uma jovem de 15 anos, ainda pálida, mas muito bonita. Ana vai, a cada dia, me relatando sua história: o dia do sequestro, a vida no cativeiro, o terror diário das ameaças permanentes, o medo quando escutava os desentendimentos violentos entre os sequestradores, suas estratégias para fazer o tempo passar. Ela já estava vindo havia algumas semanas quando, agora já mais segura de que poderia falar sinceramente, conta de suas preocupações com Pedro. Pedro havia sido designado pelo grupo para ser o único que teria

¹ Trabalho apresentado na XI Jornada da EBP Seção Santa Catarina: Amor e Desejo, em outubro de 2016.

contato com ela. Era Pedro o único a entrar no pequeno banheiro onde ela vivera aqueles quatro meses. Pedro vinha sempre com uma máscara sobre o rosto e era muito impaciente com seu sofrimento. Ficava furioso quando a encontrava chorando. Nestes momentos ele a xingava e, em uma ocasião, chegou a espancá-la no rosto, quase quebrando seu nariz. Era justo com Pedro que ela estava preocupada, pois o pai contara que a polícia havia localizado o cativo e já prendera um dos integrantes do grupo. Ana estava muito angustiada, pois temia por Pedro. Dizia- -se confusa, pois não podia expressar para os pais o que sentia, eles nunca iriam aceitar, mas no fundo o que queria era pedir a eles que poupassem Pedro. Aos poucos, Ana vai contando que se apaixonara por Pedro, que apesar de usualmente ser muito estúpido com ela, paradoxalmente lhe causava uma sensação de bem-estar com sua presença.

Desde 1973, quando aconteceu um roubo em um banco sueco, precisamente em Estocolmo, no qual quatro pessoas foram mantidas em cativo, as quais, após terem sido liberadas, recusaram-se a testemunhar contra seus aprisionadores, e, além disso, uma delas se apaixonou por um dos ladrões, conveniou-se chamar este fenômeno - o apaixonar-se pelo sequestrador - de síndrome de Estocolmo. Este nome, cunhado pelo criminologista e psicólogo Nils Bejerot, que acompanhou o assalto na ocasião, não foi fruto de uma observação isolada. O surgimento de amor, onde o mais esperado seria ódio, não era um evento único. Havia relatos de tais eventos em campos de concentração, nas prisões de ditaduras militares e mesmo no conto infantil “A Bela e a Fera”, de Marie Le Prince de Beaumont, de 1757, conto que vem atravessando os séculos.

Como podemos entender este amor diante de uma situação limite, na qual Ana é colocada cara a cara com o real da morte? Na qual efetivamente é reduzida à moeda de troca entre homens sendo que, diferentemente de Dora, ela em nada contribuiu para que as coisas fossem assim. Trata-se de um amor verdadeiro?

Ana conta que nos primeiros dias se sentia completamente perdida, como se já não soubesse mais quem era, como se todas as ideias que construía sobre si houvessem desmoronado. Como se houvesse caído “em um buraco sem fundo”. Isto me fez pensar nas chegadas de pacientes à análise. Parece que, com frequência, alguma experiência, algum encontro com algo *extra-ordinário*, faz com que as respostas fantasmáticas usuais se desarmem. E a prática clínica vai mostrando que, justo estas situações, são as mais propícias à constituição de uma demanda de análise. Essa na qual surge o amor de transferência. Essa na qual o analista é incluído no sintoma. Essa na qual o analisante se dirige ao analista buscando uma significação através do Outro.

Uma vez interrogado sobre o que seria amar, Jacques-Alain Miller responde que amar verdadeiramente alguém é acreditar que o amando se chegará a uma verdade sobre si mesmo (1). O amor é uma via de fazer-se ver e ser, atravessando o outro para este fim.

Entre uma saída melancólica frente a tudo que perdera e o amor, Ana escolhe o amor. Saída que permite a Ana encontrar um fundo neste buraco. Constrói um sentido para sua existência em cativeiro: esperar por Pedro. “Às vezes ele custava tanto a voltar”, diz Ana. Ela já não mais se preocupava com seu resgate, sua liberdade. É verdade que isto também contribuía para incrementar seu ressentimento com o pai. Como aquele homem com tantas posses podia recusar-se a atender o que lhe pediam os sequestradores? E parece que para ele, ela não valia tanto assim. Mas ele sempre fora tão amoroso com sua mãe, será que ela também preferia regatear a pagar tudo que pediam, interrogava-se ela.

Nesse vazio, nesta ausência de significação para o Outro, que Pedro lhe aparece como a saída possível. Afinal ele poderia ser muito pior. No fundo ela achava que ele ficava bravo quando a via chorar, porque se sensibilizava e não aguentava. Ela sempre conseguia achar as melhores qualidades nele. E nas muitas conversas que aos poucos foram entabulando, ele lhe contara sobre sua infância difícil, sobre sua passagem em uma instituição de internação para adolescentes em conflito com a lei, sobre a sucessão de experiências de abandono e violência que vivera. Tal qual a Bela do conto infantil, não é mais a Fera que Ana enxerga em Pedro, mas seu príncipe. Tanto assim que, depois de algum tempo, entrega a ele seu coração. E assim, entre ameaças, violência, acolhimento e carinho, encontra um lugar, encontra através dele, uma significação no Outro. E transforma seu cativeiro na alcova de amor.

Agora Ana sofre. Sofre porque foi obrigada a separar-se de Pedro. Sofre porque teme que o pior lhe aconteça. Interroga-se se não deveria abandonar tudo e sair atrás dele para viver seu amor. Esse mundo familiar, protegido, confortável já não lhe traz conforto algum. Já não sabe mais o que sente pelo pai, amor não é, afinal ele parece nunca ter saído de seu lugar de homem de negócios. A mãe, bem, na mãe percebe a dor no olhar. Diz ser visível que a mãe envelhecera anos nesses quatro meses. É a única coisa que a segura. Não poderia fazer a mãe sofrer mais. Vive dividida, afinal está entre tranquilizar a mãe ou levar-se a sério em seu amor. É nesta divisão que persiste em sua análise, é este o único lugar onde pode verdadeiramente falar de si.

Parafrazeando Lacan (1998), podemos dizer que Pedro serve como um relevo para que Ana se converta em Outra para si mesma, como é para ele. É uma tentativa de busca de respostas sobre si. A pergunta “o que sou no mundo simbólico do Outro” é, na mulher, uma pretensão de garantia de sua existência, já que não encontra fundamentos para respaldar sua identidade de mulher. A demanda de amor, como bem se vê na análise, é sempre uma demanda de resposta sobre o ser.

Ana encontra no amor uma saída. E ainda que fracasse, porque sempre há um intervalo entre dois, o amor é esta eterna busca de fazer sutura e encontrar a consistência do ser.

Referências

ANDRE, Serge. **O que quer uma mulher?** 2ª ed. Trad. de Deise Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

LACAN, Jacques. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In: _____. **Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LACAN, Jacques. O Seminário: livro 17. O avesso da psicanálise. Trad. de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

MILLER, Jacques-Alain. **Entrevista a Jacques-Alain Miller sobre el amor, un laberinto de malentendidos cuya salida no existe**. Disponível em: <https://soydonde-nopienso.wordpress.com/2011/09/24/entrevita-a-jacques-alain-miller-sobre-el-amor-un-laberinto-de-malentendidos-cuya-salida-no-existe/>. Acesso em: 5 jul. 2015..

Resumo Este artigo expõe a brusca queda dos sentidos do existir em uma jovem, em uma situação limite, e o amor aparecendo como uma saída. É perguntando-se o que é no mundo simbólico do Outro, demandando amor, que encontra garantias de sua existência e meios de construir-se alguma significação.

Palavras-chave Psicanálise. Feminino. Síndrome de Estocolmo.

Abstract This article exposes the abrupt fall of the senses of existing in a young woman, in a limit situation, and love appearing as a possibility of reinventing the sense of life. It is asking what she is in the symbolic world of the Other, demanding love, that she finds guarantees of her existence and ways of creating some meaning as a woman.

Keywords Psychoanalysis. Femininity. Stockholm syndrome.

p

peças soltas

S



ADOLESCÊNCIA E DECLÍNIO DO NOME-DO-PAI NA CONTEMPORANEIDADE: DIGRESSÕES A PARTIR DA LEITURA DE *CAPITÃES DA AREIA* DE JORGE AMADO

JUSSARA JOVITA SOUZA DA ROSA

Analista praticante, participante da EBP-SC

E-mail: jussarajovita@gmail.com

Mas o Pai tem tantos e tantos que não há Um que lhe convenha, a não ser o Nome do Nome do Nome. Não há Nome que seja seu Nome-Próprio, a não ser o Nome como ex-sistência. [...] Ou seja, aparência [semblant] por excelência.
Jacques Lacan, Prefácio ao Despertar da primavera (2003 [1974] p. 559)

Psicanálise e literatura, uma leitura e um desejo

Em *Lituraterra*, Lacan (2003) cita a literatura como *acomodação de restos*. Neste trabalho é isto que busco, a partir da leitura do livro de Jorge Amado, *Capitães da Areia*, feita há alguns anos atrás. Devido à temática que o envolve – crianças e adolescentes em situação vulnerável – recebo este presente com a dedicatória: “Para nossa mãe Assistente Social”, mas é à analista que ele convoca, permitindo-me avançar na formação.

No final do livro, uma “crítica de arte” formula a seguinte questão acerca do trabalho artístico de um dos *capitães*: “Que representará para um psicanalista a repetição quase inconsciente destas figuras em todos os quadros? Sabe-se que o pintor João José tem uma história [...]” (AMADO, 2009, p. 244). Este apelo ratificou um desejo que já havia se apresentado. A pesquisa me levou a buscar articulações prévias para o trabalho com uma obra literária. Ram Mandil (2003) nos adverte que, desde Freud, o encontro entre um psicanalista e uma obra literária tem gerado perspectivas de trabalho e, por consequência, algumas confusões. O autor, em sua pesquisa, reúne elementos para nos indicar que, tanto em Freud como em Lacan, podemos verificar a aproximação ao texto literário encerrando uma preocupação com a clínica e, ao se deter em Lacan, vai nos colocar o seguinte:

Em primeiro lugar, não ignorar que a aproximação de Lacan dos textos de Joyce leva em consideração a psicanálise como *prática* indissociável de sua *teoria*. Um eventual Lacan “pensador da cultura” é, a meu ver, inseparável do Lacan clínico, pois são os impasses gerados na experiência analítica que orientam, antes de tudo, sua atenção para obras como a de James Joyce. (MANDIL, 2003, p. 18)

E Lacan (2003, [1965]), em seu texto *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein*, colocará que a vantagem que o psicanalista pode tirar de sua posição é “[...] de se lembrar com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede e, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho”. (p. 200)

E como a obra de Jorge Amado “desbrava o caminho”? Essa leitura teve para mim o efeito de desbravar algo em torno da adolescência, pelo trato que o autor lhe dá, há 80 anos, em um cenário narrativo que me evoca o declínio do Nome-do-Pai. Há algo que me surpreende aí, trazendo questões teóricas, as quais podem contribuir com a clínica e com a experiência analítica.

Adolescência e declínio do Nome-do-Pai

As mudanças presenciadas nas últimas décadas em relação à adolescência tendem a ser vistas como resultado de um mundo globalizado e digital. Por essa via de análise, o declínio do Nome-do-Pai seria um fenômeno relacionado a este período.

Mas a situação dos *capitães*, obra de ficção baseada na realidade da cidade de Salvador-Bahia nos anos 30, em um Brasil em vias de se industrializar, mas ainda agrário, indica uma desordem no real, que poderia ser relacionada ao declínio do Nome-do-Pai.

É preciso, porém, ir um pouco mais longe. Em termos históricos, o patriarcado que se consolida na antiguidade, segue com força ainda na idade média, garantido por Deus; no entanto, a chegada da modernidade, a irrupção do feminino, da infância, e da adolescência enfraquecem o Pai.

Miller (2010, p. 18), nos adverte que a civilização “[...] é um sistema de distribuição de gozo a partir dos semblantes [...] um modo de gozo, inclusive um modo comum de gozo, uma repartição sistematizada dos meios e das maneiras de gozar.” E em *Uma fantasia* (Miller, 2004, s/p) ele questiona “[...] desde quando estamos todos desbussolados?” E ele mesmo responde: “[...]”

desde que a moral civilizada, como dizia Freud – esta é uma expressão de Freud – foi abalada, desde que ela se dissolveu”.

Em última instância, torna-se difícil precisar quando isto se deu, mas Miller (2004) prossegue sua argumentação e pontua que a *moral civilizada* talvez fosse uma formação reativa a um processo em marcha na história. Em termos históricos, podemos indicar que os ideais de liberdade e fraternidade da revolução francesa no século XVIII influenciaram essa nova configuração, colocando a relação entre os sexos em novas proporções, o que vai lentamente trazendo o declínio do Nome-do-Pai, e a feminização da cultura. O surgimento da psicanálise é uma consequência deste processo. A esse respeito Miller nos coloca: “[...] a psicanálise tem algo a ver com a dissolução da moral civilizada”. (Miller, 2004, s/p)

Mas parece que quando Miller, em *O Outro que não existe e seus comitês de ética*, (2010) cita que a época lacaniana é a época dos desenganados do Nome-do-Pai, não se refere apenas ao encontro com um processo que está em marcha na história, mas também com uma elaboração acerca da clínica. Assim parece possível supor que, em termos clínicos, a época freudiana foi marcada por uma clínica sustentada em linhas gerais pelo Édipo e pelo Nome-do-Pai. No seminário 21, *Le non-dupes errent/Le nom du père*, escrito em 1973, Lacan fala que volta ao tema dos Nomes-do-Pai, ao qual ele havia dito que não retomaria. Tal dito não poderá ser compreendido se não retornamos ao seminário interrompido de 1963 e sua excomunhão da IPA. Assim, embora não seja sem a historicidade, não é meramente pela história onde vamos nos situar para falar do declínio do Nome-do-Pai, mas da clínica.

A inexistência do Outro inaugura verdadeiramente o que chamaremos da época lacaniana da psicanálise – que é a nossa – a época dos desenganados, a época da errância. [...] De que estão desenganados estes *noms-du*. Certamente, não se enganam mais – mais ou menos – com o Nome-do-Pai; inclusive, não enganam mais – mais ou menos – com a existência do Outro. Sabem de maneira explícita ou implícita, ignorando, inconscientemente, que o Outro é só um semblante. (MILLER, 2010, p. 10 e 11).

Capitães da areia, escrito em 1937, apresenta-nos um sem lugar para a infância e para adolescência, como podemos verificar na própria estrutura do livro. Na primeira parte “*Cartas a redação*”, aproximamo-nos da história por meio dos fragmentos de cartas enviadas ao jornal da cidade. A imprensa solicita providências da polícia e do juizado de menores. Mas a polícia

escreve à redação dizendo não merecer crítica, pois depende de solicitação do juiz para agir. Este, por sua vez, escreve à redação se defendendo, pois não lhe compete perseguir e prender menores delinquentes, seu trabalho é de encaminhá-los para o reformatório, mas eles fogem. A redação recebeu e publicou, também, a carta de uma mãe, mas não com o mesmo destaque das anteriores. Ela escreve para se posicionar em relação ao reformatório defendido pelo juiz, e solicita que a imprensa investigue a instituição. O padre também escreve à redação, e confirma a denuncia da mãe...

A presença do feminino se dá com a chegada de Dora ao Trapiche, lugar onde os Capitães dormiam, e pode ser identificada já na própria abertura dos capítulos: *Dora, mãe, Dora, irmã e noiva, e Dora, esposa*.

Este resumo ilustra a desordem no real, e o real em jogo na adolescência. Vale destacar que a noção de adolescência, tal como a conhecemos hoje, nasce no século XIX em torno da revolução francesa e da *Declaração de direitos do homem*, neste cenário o adolescente é definido pela burguesia como um ser perigoso, e o *status quo* vigente se dedicou em conceber formas para a o seu disciplinamento, como o reformatório para os *Capitães*. Este perigo – desvelará a psicanálise – se relaciona com a sexualidade: “De fato, em plena busca de si mesmo, o adolescente deve assumir, quase sempre sozinho, sua identidade sexual” (LACADÉE, 2011, p. 30), em uma fase marcada por mudanças que atingem o real do corpo, e pelo encontro com o corpo do Outro. “[...] um momento de transição em que se opera uma desconexão no sujeito entre seu ser de criança e seu ser de homem ou de mulher.” (LACADÉE, 2011, p. 19)

Miller (2016) em seu texto *Em direção à adolescência* nos escreve que “A puberdade, de todos os modos, tanto para Freud como para Lacan, representa uma escansão sexual, uma escansão no desenvolvimento, e na história da sexualidade.” (Miller, 2016, s/p), é o que Freud trata na sua obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, sob o título “*As transformações da puberdade*”. Mas que já poderia ser encontrado na literatura do século XIX. De acordo com Lacadée (2011), autores como Friedrich Hölderlin (1770-1843) e Arthur Rimbaud (1854-1891) “antecipam [...] a questão contemporânea da adolescência [...] a descoberta de Freud que situa a dimensão do real em jogo nesse momento de transição” (LACADÉE, 2011, p. 34).

E com os *Capitães*? O que Jorge Amado antecipa? Na minha perspectiva, como leitora da obra, o autor aposta que o sujeito pode fazer algo com a sua história. E partir da psicanálise diríamos que eles foram além com aquilo

que fez *mancha*, denominação que Lacadée (2011) extrai da literatura para denominar o real.

Propomos chamar esse real de a *mancha negra* do sujeito, com o intuito de designar a parte dele que designa o quadro da sua existência, e que pode, se ele se identifica muito com ela, devastar seu ser. Essa mancha negra está presente no começo na fobia de Hans [...] tendo sido a ela que Lacan, com o objeto *a*, deu a função lógica de ser o que, no coração de todo ser humano, concerne a um real inassimilável pela função simbólica: sua parte indizível de onde se sustenta a causa do desejo do sujeito, ou o que está em jogo em seu gozo." (LACADÉE, 2011, p. 19)

Não há um capitão, mas alguns *Capitães*, e o autor forja uma saída, para cada um deles: há o cangaceiro, o líder de movimento de esquerda, o artista, o Sacerdote, o vigarista Gato, o malandro Boa-Vida... O que nos sugere alguma amarração subjetiva. Ao que parece, essas nomeações podem ser tomadas pela via do semblante. Como destaca Miller, (2010) a pluralização do Nome-do-Pai está relacionada ao fato de ele poder ser tomado como um semblante.

Palavras finais

É interessante destacar que, embora o declínio do Nome-do-Pai não tenha se estabelecido nas últimas décadas, a recente incidência do *mundo virtual* tem seus efeitos sobre a adolescência (Miller, 2016). "O saber está no bolso, não é mais o objeto do Outro. Antes o saber era um objeto que se ia buscar no campo do Outro" (MILLER, 2016, s/p).

Em relação à sexualidade, se no tempo histórico dos *Capitães*, *Dora, mãe, Dora, irmã e noiva, e Dora, esposa*, era um índice que falava do feminino e marcava a diferença sexual, isto já não serve tanto para os dias atuais.

A partir da proposta de Lacadée de que a crise presente na adolescência está vinculada à "Relação do corpo vivo do adolescente moderno com a língua articulada aquela dita do senso comum [...]" (LACADÉE, 2012, p. 253), na contemporaneidade esta desarticulação da língua é intensificada também, pois o veredicto "é menino" ou "é menina" está vacilando em razão da lei edipiana estar cada vez mais perdendo o seu caráter absoluto. A subjetividade contemporânea tem asseverado o que a psicanálise sustenta acerca da diferença entre os sexos, como bem pontua François Ansermet (2016, p. 145):

[...] a psicanálise mostra que é impossível dizer o que é um homem ou uma mulher, pois a diferença entre os sexos não é [...] nem cromossômica, nem genômica, nem endócrina, nem morfológica nem cerebral, assim como também não é apropriada pelo gênero ou pelas atribuições sociais.

Temos presenciado um fortalecimento do discurso da ciência, o qual tende a dominar também o discurso sexual atribuindo a causas genéticas ao que escapa à norma heterossexual. Mas a psicanálise progride a partir da sua relação com outros campos. E de forma diferente do discurso da ciência, o que a psicanálise nos ensina sobre a adolescência é que se trata de uma etapa decisiva “[...] Há aí um remanejamento radical da vida sexual infantil, devido à escolha de objeto de amor sexuado”. (LACADÉE, 2011, p. 254)

Referências

AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Ansermet, F. Identidade sexual. In: **Scilicet. O Corpo Falante – Sobre o inconsciente no século XXI**. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2016.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. (1905). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 7.

LACADÉE, Phillippe. **O despertar e o exílio**. Ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2011.

LACADÉE, Phillippe. A clínica da língua e do ato nos adolescentes. In: **Responsabilidades**. Belo Horizonte: v. 1, n.2 p. 253-268, set. 2011/fev. 2012.

LACAN, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: _____. **Outros Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 198-205.

LACAN, Jacques. Lituraterra. In: _____. **Outros Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 15-25.

LACAN, Jacques. El seminario, libro 21: **Los no incautos yerran** (Los nombres del padre) (1974-75), inédito.

LACAN, Jacques. **Seminário, livro 23: o sinthoma** (1975-1976). Trad. de Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MANDIL, Ram. **Os efeitos da letra, Lacan leitor de Joyce**. Belo Horizonte: Contra Capa, UFMG/Faculdade de letras, 2003.

MILLER, Jacques-Alain. Uma fantasia. **Conferência de Jacques-Alain Miller em Comandatuba**. IV Congresso da AMP, Comandatuba, 2004. Disponível em: <http://www.congressoamp.com/pt/template.php?file=Textos/Conferencia-de-Jacques-Alain-Miller-en-Comandatuba.html>: Acesso em: 31 jan. 2014.

MILLER, Jacques-Alain. **El Otro que no existe y sus comités de ética**. Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller. Buenos Aires: Paidós. 2010.

MILLER, Jacques-Alain. **Em direção a adolescência**. Disponível em: <https://www.encontrobrasileiro2016.org/jacquesalainmiller>. Acesso em: 24 nov. 2016.

Resumo Discute adolescência e declínio do Nome-do-Pai na contemporaneidade a partir da leitura de *Capitães da Areia*, de Jorge Amado; apresenta demarcações clínicas e históricas em torno dos dois temas; e ressalta a inexistência do Outro e do Nome-do-Pai como um semblante. Finaliza destacando a incidência do *mundo virtual*, e do discurso sexual na adolescência.

Palavras-chave Adolescência. Declínio do Nome-do-Pai. Contemporaneidade. Capitães da areia, Literatura.

Abstract It discusses the adolescence and the decline of the Name-of-the-Father in contemporaneity, with two questions formulated from the reading of *Captains of the Sand (Capitães da Areia)*, by Jorge Amado. Presents clinical and historical demarcations about the two topics, accentuate the non-existence of the Other and the Name-of-the-Father as a semblant. It finalize by emphasizing the incidence of the *virtual world* and of the sexual discourse in adolescence.

Keywords Adolescence. Decline of the Name-of-the-Father. Contemporaneity. Captains of the Sand (Capitães da Areia). Literature.



A IMAGEM MAIS ALÉM DO NARCISISMO¹

LAURECI NUNES

Psicanalista, Membro da EBP e da AMP

E-mail: laurecinunessc@gmail.com

Já tenho consciência disso. Sei alguma coisa. Sei que não são as roupas que fazem uma mulher mais ou menos bela nem os cuidados de beleza, nem o preço dos cremes, nem a raridade, o preço dos adornos. Sei que o problema não está aí. Não sei onde está. Sei apenas que não é onde as mulheres pensam. Marguerite Duras. O amante.

Não há relação sexual, mas há relação corporal

Sabemos, com Lacan, da importância do encontro jubiloso com a imagem totalizadora. Ela recobre o corpo fragmentado do *infans*, que é a condição para que esse corpo possa ser tomado como corpo próprio. Identificação essa que se estabelece não sem a passagem pelo campo do Outro, do consentimento alienante com a palavra que une aquele que vê com o corpo que é visto. Como essa junção nunca é total, estamos habituados a ouvir na clínica as evidências do desencontro desconcertante entre o corpo que se tem a imagem que é vista no espelho. Os depoimentos das anoréxicas graves que se sentem gordas ou as belas adolescentes que se arriscam em cirurgias estéticas tirando costelas ou corrigindo inúmeras vezes o nariz ou seios são exemplos disso.

Segundo Marie-Hélène Brousse (2014, p. 2), não foi o imaginário enquanto produtor de ficções, mas as consequências da imagem do semelhante sobre o real do corpo que fizeram Lacan se interessar pela etologia. Certamente, a autora só pode depurar tal rastro radical em Lacan como efeito *après-coup* da leitura de seu último ensino, quando ele não só enfatiza a igual importância do registro simbólico, imaginário e real como também aponta, no *Seminário 24*, a proximidade do imaginário e real em detrimento do simbólico e do efeito de sentido da palavra.

A autora retoma também as lições lacanianas sobre a ligação do organismo à imagem, intrincado processo que se dá por meio das zonas erógenas – buracos por onde o intra e extracorpóreo se comunicam, se estiverem grampe-

¹ Uma primeira versão deste texto foi apresentada no VII ENAPOL – *O império das imagens*, entre 4 e 6 de setembro de 2015, em São Paulo.

ados pelos objetos anal, oral, fálico, voz e olhar, que tamponam os furos do corpo e proporcionam experiências de gozo.

Ao verificar a proeminência do império das imagens, somado ao avanço tecnológico, e em detrimento do império da linguagem, Marie-Hélène Brousse lança a hipótese da ruptura entre Ideal do eu e eu ideal, bem como a consequente regulação da imagem narcísica pela “escritura científica” (BROUSSE, 2014, p. 13), que oferece retificação *prêt-à-porter* ao real do corpo, cuja precariedade identificatória recolhemos em relatos frequentes na clínica.

Em *Piezas sueltas*, Miller apresenta duas teses de Lacan presentes no seminário *O Sinthoma*: a adoração do corpo próprio – “um tipo de amor primário, não ao Outro, senão a si mesmo [...] única relação do parlêtre com seu corpo” (MILLER, 2013, p. 418) – e a diferenciação entre mentalidade e pensamento – “A mentalidade está unida ao corpo próprio [...] enquanto que o pensamento introduz a adoração do outro corpo” (MILLER, 2013, p. 418). Lacan, nesse sentido, introduz um realismo radical da relação corporal. Ela não é epistêmica, pois dela não há um saber, como conclui Jacques-Alain Miller.

O corpo e o gozo do Um

De um lado, há o corpo de Lol. De outro, há a cabeça: os pensamentos, as palavras, não importa quais, que a induzem e a transportam para onde eles querem. O corpo e palavra não se enlaçam. Marguerite Duras. O deslumbramento

Há um deslocamento no ensino de Lacan em relação ao Um. Ele inicialmente elege a consistência como elemento mínimo do *parlêtre* e a localiza no nó, acrescenta Miller; posteriormente, ele a situa no “elemento corda, a simples corda” (MILLER, 2013, p. 417), trajetória em que a consistência passa a se situar no corpo e não mais no significante. Por isso, ao falar do vivo falante, Lacan não se refere mais ao sujeito, mas ao *parlêtre*. Daí que se conclua que é o corpo o que permite ao *parlêtre* manter-se unido e não o simbólico. Para Jacques-Alain Miller, nesse seminário, o Um passa a referir-se ao corpo-corda, corpo como elemento, sendo o nó da ordem do saber fazer com esse Um, com esse corpo, uma solução de artifício.

No escrito “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein”, Lacan aponta que, para Lol, o lugar onde está o olhar não é onde o objeto aparece, produzindo o efeito de fascinação pela imagem na dimensão

narcísica, mas onde ele aparece em estado puro, na “passagem da beleza de Tatiana à função de pura mancha intolerável pertinente a esse objeto” (LACAN, 2003, p. 202). Trata-se da cena realizada inúmeras vezes pelo narrador (Hold) para a protagonista, ao mostrar a amante na janela da casa de tolerância, obedecendo às precisas palavras-mandato de Lol: “nua sob os cabelos negros” (DURAS, 1986, p. 88). A janela é a que dá para o campo de centeio, onde a protagonista está deitada, e Hold supõe que ela os observa. Na repetição dessa cena, Lol não está na posição de voyeur, nem é de exibicionismo que se trata: “o que acontece se realiza” (LACAN, 2003, p. 202), “Lol se põe suspensa” (LACAN, 2003, p. 203).

Em sua novela, Duras soube criar o ponto sutil onde o gozo feminino se efetua. Tal qual Joyce na cena da surra, também Lol, “enquanto assiste à cena não experimenta nenhum sofrimento, nenhuma angústia que pudesse sinalizar a presença de um corpo que padece do abandono [...] incapaz de dar corpo à paixão, nem abandonada, nem traída, Lol não habita seu corpo” (FUENTES, 2012, p. 267). O objeto a não teve a função de grampo para unir corpo e imagem. Ela foi arrebatada – arrebatamento esse que experimentamos ao ler a novela e que foi experimentado pela própria autora ao escrevê-la.

Podemos dizer que, para Lol voltar a se encontrar com o Outro gozo, foram necessárias condições precisas: a apresentação do corpo nu de mulher enlaçado a um homem. Essa é a forma de fazer existir A mulher em um outro corpo, o único corpo que lhe interessa, e que possibilita a existência de Lol, ainda que por instantes.

Se o nó de RSI é da ordem do saber-fazer, claramente verificamos que isso não estava possibilitado à Lol, quem se limitou à repetição da cena de gozo. Em contrapartida, na clínica com sujeitos psicóticos, eventualmente, podemos acompanhar construções que permitem, por artifício, a amarração de RSI e a reinserção no laço social.

Referências

BBROUSSE, Marie-Hélène. Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o estádio do espelho. **Opção Lacaniana online nova série**, s.l., ano 5, n. 15, nov. 2014. Disponível em http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/Corpos_lacanianos.pdf. Acesso em: 18 jun. 2017.

DURAS, Marguerite. **O deslumbramento**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FUENTES, Maria Josefina Sota. "L'ombre et le nom sur la féminité", de Michèle Montrelay. In: _____. **As mulheres e seus nomes**: Lacan e o feminino. Belo Horizonte: Scriptum, 2012, pp. 265-272.

LACAN, Jacques. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: _____. **Outros escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, pp. 198-205.

MILLER, Jacques-Alain. La relación corporal. In: _____. **Piezas sueltas**. Buenos Aires: Paidós, 2013.

Resumo Esse artigo enfatiza as mudanças proposta por Lacan em torno do narcisismo e da relação entre corpo e imagem. Nesse sentido, retoma-se o arrebatamento de Lol V. Stein, tal qual engendrado no romance escrito por Marguerite Duras, como paradigmático de uma relação de repetição do gozo.

Palavras-chave Narcisismo. Corpo. Imagem. Um.

Abstract This article emphasizes the displacements made by Lacan in the conception of narcissism and in its relation between body and image. In this sense, it presents the rapture of Lol V. Stein, shown in Marguerite Duras novel, as a paradigmatic repetition of jouissance.

Keywords Narcissism. Body. Image. One.

QUEM É EDWARD LOUIS BERNAYS FREUD?

SILVIA EMÍLIA ESPÓSITO

Analista praticante, membro da EBP/AMP

E-mail: silvia.emiliaes@gmail.com

O texto é fruto de uma pergunta: em que momento a subjetividade passou a ser importante para a economia política e para o mercado? Em que momento e por qual razão sobreveio a mudança de valor de uso ao valor de troca, ou seja, a mercadoria? Uma possibilidade de resposta é a constatação de que a manipulação está presente quando os pais oferecem recompensas aos filhos se prometerem a comportar-se bem, fazer as tarefas ou comer a sopa. Mas, o exemplo mostra a barganha que acontece no âmbito da intimidade. Pelo contrário, a subjetividade como moeda de troca supõe que ela como mercadoria entre no mercado de valores.

Se repassarmos as ideias de Freud, vamos encontrar pérolas de sua pluma, as quais nos introduzem nas suas reflexões sobre o campo da modernidade. Muito já se falou sobre os chamados textos sociais como *Totem e tabu*, *Psicologia das massas e análise do eu*, *O futuro de um ilusão*, *O mal-estar na cultura* e *O homem Moisés e a religião monoteísta*, e talvez continuemos por muito tempo falando, porque eles formam um pacote inestimável do legado que nos permite elucubrar ainda sobre o presente.

O legado de Freud

Freud, o pai da psicanálise, atribuiu os novos sintomas ao mal-estar na cultura. Tema retomado por Lacan, o qual irá aprimorar e localizar a manifestação sintomática no laço social. Parceria entre sintoma e laço social que dirige, e implica, seguir as pegadas do que foi efeito da criação própria de cada sujeito. Percurso que está subordinado a escandir o trauma, o acontecimento, o gozo, o real e, conseqüentemente, as possibilidades de nova narrativa vinculada ao gozo, até a invenção de uma nova forma de laço. Vale notar que Freud atribui à repressão das pulsões a conseqüente renúncia, o preço que é preciso pagar para favorecer os sentimentos familiares e o desenvolvimento social.

No início de sua obra, a neurose é isolada como patologia a partir do excesso de estímulo da vida moderna e da exigência monogâmica. Assim, dessa maneira excessiva, Freud conseguiu delinear uma teoria do gozo sexual fundamentado no esforço e no sacrifício para fazer existir a relação sexual. Ou seja, não tem laço que não seja pelo caminho do sintoma. Resumidamente, poderia-se dizer que o sacrifício tem uma recompensa em relação ao vínculo social.

Lembremos a advertência de Freud quando discorre sobre a perda: ninguém gosta de perder se não vislumbra na decisão algum ganho. Ponderação que o leva a duvidar das propostas das teorias comunistas e socialistas quando pretendem mudar as ideias das massas as quais são consequências somente dos preceitos culturais. Preceitos que geram homens angustiados, ressentidos e arredios, fato que se deve a não ter podido imaginar na cultura códigos que permitam influenciar desde cedo a infância.

Pode-se perguntar de onde virão esses líderes superiores, inabaláveis e desinteressados, que deverão atuar como educadores das gerações futuras, e talvez seja alarmante pensar na imensa quantidade de coerção que inevitavelmente será exigida antes que tais intenções possam ser postas em prática. (FREUD, [1927] 1996, p. 18).

Segundo Freud ([1927] 1996, p. 17) isso se dá por duas razões: (1) porque os homens não são espontaneamente amantes do trabalho; e (2) porque os argumentos não têm valia alguma contra suas paixões.

Agora no encaixo do legado de Freud e com o objetivo de cercar a pergunta inicial, é preciso atravessar o Oceano Atlântico, para ser mais exata, e ir até os Estados Unidos para encontrar alguém que se apoia na teoria psicanalítica, mas usa esse legado de maneira bem diferente. Estou me referindo a Edward Louis Bernays¹, sobrinho de Freud e filho de Anna, sua irmã. A sua biografia nos informa que Edward iniciou seu percurso nos últimos anos da primeira guerra mundial na área das relações públicas e propaganda, e que, por ter sido bem sucedido, ganhou o título de “pai da propaganda e das relações públicas”. O pioneirismo de Edward merece uma análise mais afinada. Que brecha! Que lugar ele anteviu para mergulhar em uma “especialidade” nascente?

¹ Edward Louis Bernays nasceu em Viena, Áustria-Hungria, no dia 22/11/ 1891 e faleceu no dia 9/3/1995. Disponível em: edwardbernaysrp.blogspot.com. Acesso em 18 jun. 2017.

As consequências da primeira guerra atingem o alicerce da civilização do século XIX, não só pela destruição bélica, mas pela profunda objeção dos valores. Pode-se ver, como exemplo, no campo da propaganda e da informação, onde se inaugura o uso dos jornais, com manchetes e reportagens fictícias, uma nova forma de atingir o inimigo pela arte do demonizar. Inaugura-se, assim, a primeira ação massiva de propaganda em que os alemães eram os “Macacos”, e os norte-americanos, os “Guerreiros da Liberdade”. A tecnologia não está ausente da guerra, o rádio e o telefone permitiam maior velocidade e maior cobertura.

O papel dos EUA merece, também, um comentário. Edward é contratado pelo presidente dos EUA, Woodrow Wilson, para “tornar o mundo seguro para a democracia,” trocando em miúdos, para levar os norte-americanos a apoiar a entrada dos EUA na guerra. Palavras de ordem em nome do bem comum não estão ausentes hoje, em virtude, sobretudo, da mudança de lugar dos EUA, que de devedor da Europa transformaram-se em credor de três bilhões de dólares emprestados para a sua reconstrução. Se pode dizer que a mudança de lugar dos EUA se revelou no deslocamento do centro financeiro, que antes era Londres, para *Wall Street*, como descreve Sally Marks².

É nessa lacuna que Edward Louis Bernays encontra um lugar privilegiado, contribuindo para transformar o presidente Woodrow Wilson³ em uma celebridade na Europa. Lembremos que Edward carregava na bagagem a teoria psicanalítica, as ideias de Gustave Le Bon⁴ e, fundamentalmente, de Wilfred Trotter⁵

² Sally Marks é uma historiadora americana. Escreveu sobre as reparações da Primeira Guerra Mundial e da diplomacia no período entre guerras. Disponível em: <https://www.britannica.com/contributor/Sally-Marks/3736>. Acesso em 18 jun. 2017.

³ Woodrow Wilson foi presidente americano (1913-1921) e uma figura central no processo de paz que sucedeu a Primeira Guerra (1914-1918). Ele redigiu os 14 pontos para a paz e embrião da Liga das Nações, primeiro esforço diplomático. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/1600/presidents/woodrowwilson>. Acessado em 18 jun. 2017.

⁴ Gustave Le Bon (7/5/1841 – 13/12/1931) foi um psicólogo social, sociólogo e físico amador francês. Sua obra sobre psicologia de massas tornou-se importante na primeira metade do século XX em que descreve as reações de grupos subordinados à mídia. Sigmund Freud (1856-1939) utiliza suas ideias no texto *Psicologia de Grupo* e a *Análise do Ego*, publicado originalmente em Leipzig, Viena e Zurique, no ano de 1921. Disponível em: <http://www.infoescola.com/biografias/gustave-le-bon>. Acesso em 18 jun. 2017.

⁵ Wilfred Louis Batten Trotter nasceu no dia 3 de novembro de 1872 em Coleford, Inglaterra. Faleceu no dia 25 de novembro de 1939 em Blackmoor, Inglaterra. Autor de *Os instintos gregários na guerra e na paz*. Na segunda edição, em 1919, ele incluiu um novo capítulo. Os esboços deste livro foram publicados no *Sociological Review* em 1908 e 1909.

Quais são as ideias de Edward Bernays?

No primeiro artigo, denominado *Cristalizando a Opinião Pública*, Bernays postula o reconhecimento da opinião pública geral sobre a importância, desde então, da profissão de assessor nas relações públicas, e da sua articulação com as ciências sociais, ou seja, ele reivindica um lugar de ciência, uma nova ordem afastada do clássico agente de imprensa e propaganda. Perspicaz, Edward se pergunta se na guerra a propaganda fora tão eficaz, por que não poderia ser igual em tempos de paz.

Por outro lado, considera de grande utilidade o método tanto no âmbito público como privado, tendo como campo de ação anteriormente o mundo empresarial. Edward sustenta que a opinião pública tem uma importância tal que pode influenciar uma instituição para o bem ou para o mal. Porém, a opinião pública, a qual não pode ser persuadida de forma direta, há de ser consequência de ações e estratégias executadas por uma organização e pela relação que a organização tem com seu entorno, e isso porque aprendeu com o seu tio que produtos e emoções podem ser associados e, desse modo, produzindo a separação entre a necessidade e o desejo. Como não reconhecer Freud na valiosa metáfora sobre as primeiras experiências alimentícias do bebê e sua posterior separação pelo princípio do prazer. Pontapé inicial da criação do consumidor alienado ao seu desejo. Assim, por paradoxal que pareça, Edward disse: não comprem por necessidade, mas por desejo; e hoje nos dizem: comprem para gozar.

Entretanto, o método recém-inventado não foi pensado só para fins comerciais. Edward afirmava que a manipulação é exercida por um governo invisível, que de forma consciente e inteligente organiza os hábitos e as opiniões da massa, e isso tem uma importância em uma sociedade democrática. É a garantia do bom funcionamento da vida em comum. Tão necessária é essa delegação, que inclusive a reforma política das máquinas partidárias se fez com o acordo da população, em virtude de sua simplicidade e praticidade. Neste ponto, vou apelar a dois exemplos de publicidade que mostram a relação entre *marketing*⁶ e causa social.

Este livro foi considerado um clássico. Disponível em: https://www.ecured.cu/Wilfred_Batten_Lewis_Trotter. Acesso em 18 jun. 2017.

⁶ O conceito contemporâneo de marketing engloba a construção de um satisfatório relacionamento a longo prazo do tipo “ganha-ganha” no qual indivíduos e grupos obtêm aquilo que desejam e necessitam. Disponível em: marketingdeconteudo.com/o-que-e-marketing. Acesso em 18 jun. 2017.

Quando Edward assumiu, em 1915, o Ballet Russes de Diaghilev, confessou não saber nada do assunto. Tema ingrato, pois os americanos não são muito chegados a arte do homem bailarino. Com estratégia de empreendedor, foi o primeiro a unir novidade e arte. Depois recorreu ao fato de ser um grupo especial, e ainda buscou o impacto na vida comum através de cores, designers vinculados aos produtos americanos e, por fim, vinculando-os com personalidades em uma verdadeira associação de ideias. Nos jornais, ele publicou fotos, histórias de dançarinos, de figurinos e de compositores. E como se isso fosse pouco, dedicou-se às temáticas especiais nas revistas especializadas ao público feminino, roupas, tecidos e moda. A revista *Cobertura* era distribuída antes da função de balé. Fez adaptações para os editores, retocando fotos, tudo para atender às necessidades da cada estamento e cumprir o objetivo comercial, ao mesmo tempo em que mostra a arte como objeto de desejo e sem preconceito. Para isso, teve que mudar seus próprios princípios. E isso ainda não é tudo.

Na década de 20, outro acontecimento assombroso estremeceu a mídia. Vale lembrar que nesse tempo as mulheres só fumavam na intimidade, fato que fez a *American Tobacco Corporation*, produtores dos cigarros *Lucky Strike*, pensar em inventar algum método para poder incorporar o dobro de clientes. E não tiveram melhor ideia que contratar Edward Bernays. Mais uma vez Edward deu mostras de sua criatividade. Em primeiro lugar, decidiu consultar um psicanalista; ele queria saber o que poderia convencer uma mulher de respeito a fumar em público.

Abraham Arden Brill (1874-1948), presidente da Associação Psicanalítica Americana e tradutor dos textos de Freud, desenhou os princípios do que deveria ter uma publicidade dirigida a convencer as mulheres a fumar em público. O cigarro como símbolo fálico representaria o poder masculino, e o fumar em público se constitui como um desafio a esse poder e como igualdade de direito com os homens. Elas poderiam imaginar um pênis próprio. É importante destacar que naqueles anos as mulheres estavam brigando pelo direito ao voto, por trabalhar fora de casa e por empregos, até o momento, do domínio masculino.

O evento foi organizado na parada de Páscoa em Nova York para tal fim. Contratou modelos e convidou a imprensa para registrar uma manifestação reivindicando os direitos das mulheres as quais desfilariam com “Tochas da Liberdade.” O surpreendente é que cada modelo desfilava com um cigarro

aceso e uma placa com os dizeres: “A tocha da liberdade,” a tocha-cigarro que foi usada a partir de então como emblema da liberdade das mulheres.

Outro legado

Criativo, inesperado e audaz, conduziu-nos pelo caminho inovador de comprar porque desejamos e não por necessidade. Mas gostaria de frisar um legado ético que orienta sua prática. Ele afirma que cada pessoa tem um sistema de crenças próprio, fato de estrutura que impede qualquer apelo para uma verdade absoluta, porque é impossível apreciar, medir um tema antes do juízo. As “[...] assim chamadas verdades são resultado do compromisso entre desejos conflitivos e as interpretações de muitas pessoas [...] que se sustentam com intolerâncias uma vez estabelecidas” (BARQUERO CABRERO, s. p., 2017).

A psicologia grupal também mereceu considerações, do que sem dúvida foi o centro da sua inquietação. Nesse sentido, o que é verdade para a pessoa vale para os grupos, já que as ideias, as ponderações, tanto morais como políticas e econômicas, são fruto da reposta grupal e não de uma reflexão apurada. A modo de concluir, Edward afirma: “En la lucha de las ideas, el único test válido es el que señaló el juez Holmes del Tribunal Supremo el poder del pensamiento para hacerse aceptar en la competición abierta del mercado” (BARQUERO CABRERO, s. p., 2017).

Referências

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1927], p. 11-71.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996 [1930], p. 73-148.

GORRAIZ LÓPEZ, Germán. El poder y la manipulación de las masas. **Pueblos. Revista de información y debate**. Espanha, agosto de 2014. Disponível em: <http://www.revistapueblos.org/?p=17765>. Acessado em: 6 de julho de 2017.

BARQUERO CABRERO, José Daniel. **Documentos Históricos sobre o professor Dr. Edward Louis Bernays Freud**. Disponível em: <http://edwardbernays.es/documentos-historicos-edward-l-bernays/>. Acessado em: 7 de julho de 2017.

CENTRO DE DOCUMENTACIÓN PUBLICITARIA. **Edward Louis Bernays**. Disponível em: <http://www.lahistoriadelapublicidad.com/protagonista-481/edward-louis-bernays>. Acessado em: 6 de julho de 2017.

Resumo O texto faz parte de uma pesquisa que tenta desvendar as circunstâncias que levaram a subjetividade ser considerada importante para a economia política e o mercado. Quais alterações provocaram tais mudanças e as consequências até hoje.

Palavras-chave Mercado. Subjetividade. Psicanálise. Economia. Política. Grande guerra. Edward Louis Bernays

Abstract This text is part of a research that tries to unravel the circumstances that led subjectivity to be considered important for the political economy and the market, what moves brought about such changes and the consequences to date.

Keywords Market. Subjectivity. Psychoanalysis. Political. Economy. World war. Edward Louis Bernays.



NÃO HÁ “BEM ASSIM”, DONC¹... É ISSO

GRESIELA NUNES DA ROSA

Psicanalista, correspondente da EBP-SC

E-mail: gresielanr@gmail.com

No seminário 17, Lacan diz, a respeito “[...] das barbaridades verdadeiramente intoleráveis que ouvimos dos psicanalistas no que concerne ao desejo de saber”, que “se há algo que a psicanálise deveria forçar-nos a sustentar tenazmente, é que o desejo de saber não tem qualquer relação com o saber. [...] o que conduz ao saber não é o desejo de saber. O que conduz ao saber é [...] o discurso da histérica” (LACAN, 1992, p. 22). E se o que conduz ao saber é o discurso da histérica, podemos dizer que o que fala desde a posição de saber, o faz na condição de mestre.

Sabemos que operando desde a posição de causa de desejo, objeto *a*, o analista convida o paciente a se instalar no discurso da histérica, isto é, ao trabalho do inconsciente.

Nas fórmulas dos quatro discursos lacanianos, o saber (S2), no discurso da histérica, está no lugar da produção.

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S1}{S2} \quad \frac{\text{agente}}{\text{verdade}} \rightarrow \frac{\text{Outro}}{\text{produção}}$$

Em uma análise, o paciente, na descoberta de seu inconsciente, coloca a sua divisão a serviço de procurar os significantes mestres que o constituíram e, a partir deles, produzir um saber. Agindo deste a posição de objeto *a*, o analista permite que o paciente, em um certo ponto, faça um giro no discurso:

$$\frac{a}{S2} \rightarrow \frac{\$}{S1}$$

¹ Referência ao Seminário de Jaques Alain Miller, **Donc. La lógica de la cura**, 2011.

Temos aí duas operações no transcorrer de uma análise. A primeira coloca o paciente no discurso da histérica, e a segunda, permite ao paciente se deslocar para o discurso do analista.

O que permite essa virada? Qual é o papel do analista que ajuda a produzir essa virada? E como isso se apresenta como consequência no paciente no que diz respeito a uma nova relação com o saber?

No mesmo seminário, Lacan diz: “mas nós seres de fragilidade, [...] nós temos necessidade de sentido. Pois bem, eis aqui um sentido. Talvez não seja o verdadeiro. Mas também iremos certamente ver que há muitos desses *talvez não seja o verdadeiro*, cuja insistência nos sugere propriamente a dimensão da verdade” (LACAN, 1992, p. 13).

Parece-me que essa citação de Lacan nos permite pensar o que se passa com o saber quando ele está localizado no lugar da produção ou no lugar da verdade.

No lugar da produção, o saber aparece assim, da maneira tal que *talvez não seja o verdadeiro*. O que relança o trabalho a uma nova busca de um saber que enfim pudesse encarnar o verdadeiro. Busca vã, infinita, como o gozo superegoico? Então chegaríamos à conclusão de que o saber como verdade não existe? E isso não é o que entendemos como posição cínica? Ouvimos muitas vezes que há um saldo cínico como consequência da análise. Mas não seria isso também algo de uma posição defensiva? Crer que um saber não possa sustentar a verdade, não seria continuar crendo que há um saber que possa recobrir a verdade?

No entanto, no discurso do analista, o saber (S_2) encontra-se no lugar da verdade. Não é porque isso é o melhor ao que pode chegar um saber? Isto é, no lugar da verdade não toda, mas suficiente para conduzir ao ato? Um saber que na condição de verdade conduz a um ato, não a uma nova busca por outro saber que poderia garantir o ato.

Como conduzir uma análise para que a abertura ao inconsciente não fixe o paciente no discurso da histérica que o faz permanecer em um eterno “não é bem assim”? Há um risco quando, no trabalho analítico, o analista, na posição de mestre, produz cortes que empurram à interpretação para a via do “não é bem assim”, abrindo ainda mais a cratera que engole sentido, pedindo mais e mais, pela via do gozo superegoico. O “não é bem assim” leva à crença de que há a verdade como toda, conduzindo o Outro a um lugar consistente, sem barra, e uma consequente paralisia do sujeito.

Por outro lado, o analista na posição de causa de desejo, permite que a interpretação possa aparecer em outra vertente, sendo uma abertura para que o sujeito possa se desinstalar das identificações em que sua neurose, estando ancorada, obriga-o ao sofrimento do sintoma. Permite arranjar uma nova relação com o saber a partir de outra estrutura interpretativa, quem sabe uma que permita ao paciente enunciar um "não há bem assim, *donc*... É isso".

Lacan nos diz que "Quando [...] o espaço de um lapso já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente" (LACAN, 2003, p. 2003). Aí Lacan faz sublinhar o valor do sem sentido, e a disjunção que há entre inconsciente e interpretação.

Se no seminário 6², temos que o desejo do inconsciente é sua interpretação, já no ultimíssimo Lacan, o significante do *lapsus* não tem relação com o significante da interpretação: significante do *lapsus* // significante da interpretação. Porém, não descartamos o saber formulado no seminário 6, porque sabemos que há um empuxo a fazer do inconsciente algo interpretável. O inconsciente, visto como a máquina de dar sentido, pode levar à crença de que seria preciso olhar para a produção de sentido que resulta do aparecimento do inconsciente. Porém, com Lacan, podemos dar uma volta a mais e passarmos a olhar não para o sentido que resultou da formação do inconsciente, mas para o próprio elemento inconsciente, o qual, como puro S_1 , aparece desarticulado de sentido.

Miller (2007, p. 13) escreve: "Tu não terás outro saber, a não ser os efeitos de verdade de teu trabalho analítico, não poderás saber outra coisa, não terás outro saber, a não ser o que tu mesmo produzirás trabalhando na análise". E ainda diz: "O saber na análise é um saber contextual, que aparece como efeito de verdade, isto é, como algo fugaz". O saber a que chega uma análise não é então aquele que permite a efetivação de um ato e a assunção de sua consequência?

No passe de Ram Mandil temos um bom exemplo de como o inconsciente produzindo um S_1 poderia ser empuxado ao sentido. Mas que, em decorrência de uma nova posição alcançada na análise, pode-se ater no S_1 como um puro significante. Ele nos conta que a partir das letras "A..V..D.." que apareceram em seu sonho, foi de certa forma puxado para uma palavra, e posteriormente para o sentido, que apareceu ao despertar, a palavra em hebraico "avdalah", que o levou ao Google no qual constatou sua significação: "sepa-

² A partir de Miller, J. A. El ultimíssimo Lacan: Los cursos psicoanalíticos de Jacques-Alain Miller. Buenos Aires: Paidós, 2013.

ração”. Porém, ele diz que o mais significativo nisto não é o significado que surge, mas o nome como materialidade sonora. Vemos aí que, por um lado, o inconsciente é empuxado ao sentido. Como diz Lacan, baste que se preste atenção para que se saia do inconsciente³, para que se seja puxado ao sentido, ao S_2 . Ram, em um de seus testemunhos⁴, coloca-nos outra expressão em jogo associada a esta, “Há vida lá”, e diz que outras associações podem ser feitas, porém o elemento fora da significação é o que importa aí.

O trabalho da análise, na medida em que vai produzindo um esvaziamento de sentido, permite a chegada a este ponto em que se pode prescindir do sentido e poder afirmar, na condição de Um sozinho, o “é isso”. No entanto, isso não é mera condição cínica porque não se trata de abrir mão do sentido pela via do saber que não há sentido último, pela via do saber teórico. Sérgio de Campos, quando em 2010 apresentou seu testemunho de passe em Florianópolis, ao comentá-lo, produzindo uma metáfora, disse que a análise é um percurso que não tem placas de indicação de quantos quilômetros faltam e que só se sabe quando se chega ao seu destino porque aí aparece a placa que o Um sozinho reconhece como ponto de chegada. Assim, o “é isso” é sempre um dito solitário, que “se sabe, consigo”⁵.

Referências

LACAN, Jacques. **O Seminário: livro 17: O avesso da Psicanálise**. Trad. de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: _____. **Outros Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MILLER, Jacques-Alain. **Donc. A lógica de la cura**. Trad. de Gerardo Arenas. Buenos Aires: Paidós, 2011.

MILLER, Jacques-Alain. **El ultimíssimo Lacan**. Trad. de Stéphane Verley. Buenos Aires: Paidós, 2013.

MILLER, Jacques-Alain. Sobre o Sujeito Suposto Saber e o objeto *a*. **Correio**, nº 59. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2007, p. 5-25

³ Lacan, op. cit.

⁴ XI Colóquio da Delegação Paraná da EBP: a violência do trauma: aquilo que ressoa no corpo. 12 e 13 de setembro de 2014, Curitiba.

⁵ Idem.

Resumo Em uma análise, na descoberta de seu inconsciente, o sujeito coloca a sua divisão a serviço de procurar os significantes mestres que o constituíram e, a partir deles, produzir um saber. Agindo desde a posição de objeto a, o analista possibilita que o paciente, em um certo ponto, faça um giro no discurso se deslocando para o discurso do analista, o que lhe permite encontrar o ponto de chegada de sua própria análise.

Palavras-chave Discurso da histérica. Discurso do analista. Desejo do analista. Percurso analítico.

Abstract In an analysis, the discovery of the unconscious, the subject puts his division to seek the master signifiers that constituted and, from them, produces a know. By doing this the position of the object a, the analyst enables the patient at a certain point, make a turn in the discourse shifting to the discourse of the analyst, which allows you to find the point of arrival for your own analysis.

Keywords Discourse of the hysteric. The analyst's discourse. The analyst's desire. Analytical course.



UM ENCONTRO COM A ARTE

ALINE CAVALCANTE V. COSTA

Psicóloga. Estudante do Curso de Psicanálise da Orientação Lacaniana (EBP-SC).
Tubarão – SC – Brasil
E-mail: alinecvcosta@gmail.com

“A arte faz o inconsciente acordar.”
Francisco Brennand

Assegurada de que meus olhos enxergariam objetos antes nunca vistos, caminhei em direção a um lugar desconhecido, a Oficina Brennand¹. Na época, não conseguia supor a dimensão que esta experiência teria em meu percurso de formação analítica e em meu entendimento sobre a arte.

Ao cruzar o portão de acesso da Oficina, observam-se criações artísticas em cada canto, cada detalhe. São pinturas, esculturas e cerâmicas reveladas por todos os lados, fazendo daquele espaço a sua morada. O caráter fálico nas obras de Francisco Brennand², sobretudo em suas esculturas, é notório. Corpos nus e criaturas que se assemelham a órgãos sexuais, em sua maioria, compõem as obras daquele lugar. Como um belo exemplo disto, temos as obras *Vigias da Noite* e *Bebê Canibal*.



Figura 1 – Vigias da Noite. Fonte: Débora Costa e Silva/UOL.

¹ A Oficina Brennand surge em 1971 nas ruínas de uma olaria do início do século XX, como materialização de um projeto obstinado e sem trégua do artista Francisco Brennand.

² Francisco de Paula Coimbra de Almeida Brennand nasceu em 1927, na cidade do Recife. Hoje, após mais de 34 anos de trabalho intenso e obsessivo, seu complexo escultórico apresenta um sentido cosmogônico e, ao mesmo tempo, visionário.

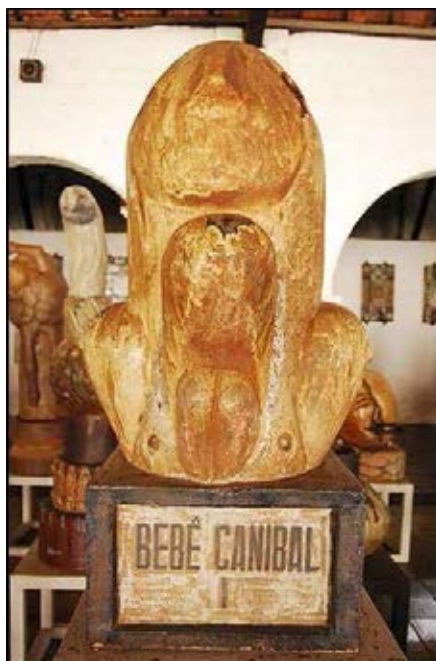


Figura 2 – Bebê Canibal.

Fonte: Débora Costa e Silva/UOL.

Eu, que desconhecia o nome de Francisco Brennand ou qualquer comentário a seu respeito, vislumbrei por horas a imensidão arquitetônica do seu recinto e, diante de tudo o que pude ver, atribuí-lhe o valor de “esplendor artístico”. Passo por passo, percorri um território de arte, caminhei entre suas obras com um misto de encanto e inquietações que se misturavam com os comentários dos que me acompanhavam. Eles diziam: “lindo e pesado”, “que coisa estranha”, “fálico demais”, “não quero ver isso”, “encantador”, “horrível”.

Para uns, horror! Para outros, encanto. Para mim, um encontro! Acredito ter tido ali, naquele local, o encontro com a arte mais representativa para mim. Uma experiência cuja importância não sei mensurar, apenas adentrar no terreno do desconhecido em busca de respostas para as questões que aquela arte me causou. O que faz de um objeto uma obra de arte? Em qual ponto do sujeito a arte pode tocar? Em entrevista, Francisco Brennand diz ter ouvido de uma visitante: *“Valei-me Deus, Nossa Senhora! Isso é um museu*

de horrores! Espero nunca mais voltar aqui". Do que se trata esse horror que aparece no sujeito ao observar a arte?

Em 1915, Freud escreve que o consciente de um ser humano apresenta muitas lacunas e, por consequência, o inconsciente justificaria atos psíquicos, sintomas e comportamentos que a consciência não conseguiria supor.

Ela [suposição do inconsciente] é necessária porque os dados da consciência têm muitas lacunas; tanto em pessoas sadias como em doentes verificam-se com frequência atos psíquicos que pressupõem, para sua explicação, outros atos [...]. Esses atos não são apenas as ações falhas e os sonhos dos indivíduos sadios, e tudo o que é chamado de sintomas e fenômenos obsessivos na psique dos doentes – nossa experiência cotidiana mais pessoal nos familiariza com pensamentos espontâneos cuja origem não conhecemos, e com resultados intelectuais cuja elaboração permanece oculta para nós (FREUD, [1915] 2010, p. 101).

Ao pensar sobre o estranho e o horror como uma reação ao experimentar a arte, fico tentada a não aceitar o "não gostei" como resposta pura e única. Parece-me mais oportuno pressupor, como nos alerta Freud, a presença de outro ato psíquico para sustentar esta sensação diante de uma obra artística. Estaria então, no inconsciente, a causa desse horror?

O aparelho psíquico formulado por Freud apresenta a censura como um importante mecanismo que opera no sujeito. Este dispositivo serve de barreira, impedindo que uma ideia (entendida como amoral), originária no inconsciente, possa chegar à consciência, o que caracteriza a repressão como "[...] um processo que se verifica em ideias na fronteira dos sistemas *Ics* e *Pcs* (*Cs*)" (FREUD, [1915] 2010, p. 118). Barra-se uma ideia, não sua carga de afeto. Este, por sua vez, aparecerá de alguma forma. Encontrará uma ideia substituta na qual possa se agarrar e, por caminhos disfarçados, chegar à consciência. Obtendo, assim, o que chamamos de satisfação parcial.

Seria o horror ante a arte uma possibilidade de expressão do afeto, cuja ideia primeira encontra-se recalçada?

Em *O Inquietante*, ao se deter no estudo sobre o estranho, Freud afirma ser este uma "[...] espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar" (FREUD, [1919] 2010, p. 331). O estranho é um oculto-familiar, algo conhecido, que estava escondido, e aparece causando angústia. É uma sensação e nada ou pouco se consegue dizer sobre ela, apenas sentir. Assim, podemos pensar que o horror e o estranhamento dizem algo próprio do sujeito, porém não simbolizado. Não se pode colocar em

palavras. O afeto, ao contrário, mesmo expressado por uma ideia substituta está simbolizado e nem sempre angustia. O estranho, sim.

Guillermo Belaga, membro da EOL/AMP, fala-nos que “a arte não está ligada ao inconsciente, mas à coisa, ao trauma, ao vazio”. Essa fala precisa e direta surgiu como contribuição para as minhas formulações. Dentre meus questionamentos iniciais, o inconsciente assumia a função de mola propulsora da arte. Tanto para o artista quanto para o apreciador, sobretudo para a angústia/horror sentidos por este.

Neste momento não elimino o material inconsciente no que se refere à arte. Pelo contrário, atribuo-lhe importância. Entretanto, considerando Belaga e Freud, passo a compreender que a angústia surge quando o objeto-arte toca no estranho do sujeito, no seu oculto-familiar. Parte está inominável, que não se simboliza, não se coloca em palavras e, por isso, pode causar horror.

Um encontro com a arte desperta sensações, incompreensões e dúvidas. Aqui, recorro à Brennard: “*Sem o outro o artista não teria voz. Os artistas não estão à espera de consagração, mas de um simples entendimento*”. Sim, Brennard! Entender, nem sempre será simples. Tentar construir um saber que dê conta do que ainda não entendo sobre arte e psicanálise será o caminho. E, certamente, isso é algo que não finda por aqui.

Referências

BELAGA, Guillermo. **Para a XI Jornada da EBP-SC: Amor e Desejo**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J_cj8kQ42Vw>. Acesso em: 16 jun. 2016.

BRENNAND, Francisco. **Sobre o artista**. Disponível em <<http://www.brennard.com.br/>>. Acesso em: 5 mai. 2016.

FREUD, Sigmund. O Inconsciente. In: _____. **Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. vol. 12.

FREUD, Sigmund. O Inquietante. In: _____. **História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”)**: Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. vol. 14.

Resumo Este artigo apresenta uma experiência com a arte e seus efeitos. A partir de uma visita à Oficina Brennand, surge uma questão: do que se trata o horror que aparece no sujeito ao observar a arte?

Palavras-chave Arte, Brennand, estranho, inconsciente.

Abstract This article presents an experience with art and its effects. From a visit to the Brennand Workshop, a question arises: what is the horror that appears in the subject when observing art?

Keywords Art. Brennand. Weird. Unconscious.



VIOLÊNCIA E CRUELDADE SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE¹

MARCELO DE OLIVEIRA PRADO

Psicólogo, Mestre em Psicologia (UFSC)

E-mail: deoliveiraprado9@gmail.com

Neste breve ensaio, pretendo desconstruir algumas questões relacionadas às noções de vítima e agressor ao propor a discussão das violências em psicanálise. Início a escrita me referindo ao psicanalista Jurandir Freire Costa (1986) que discute um ponto interessante sobre o que se considera ou não violências. O autor questiona teorias em que processos de internalização da cultura ou mesmo da hipótese da experiência traumática do nascimento seriam em si violentas. Pois como considerar, por exemplo, o processo de humanização e internalização da cultura que envolve sem dúvida algum tipo de coerção como violento? Para o autor:

Totalmente diferente é a experiência da violência. Nela o que domina é o sentimento ou pensamento da gratuidade e do arbítrio. O sujeito violentado é o sujeito que sabe ou virá a saber, sente ou virá a sentir, que foi submetido a uma coerção e a um desprazer absolutamente desnecessários ao crescimento, desenvolvimento e manutenção de seu bem-estar, enquanto ser psíquico. (COSTA, 1986, p. 125)

Esta definição de violência do autor me faz pensar em várias questões, como o binarismo da vítima e do agressor, o qual tem como efeitos possíveis a vitimização ou a culpabilização do polo identificado como vítima. No primeiro caso, a responsabilidade do sujeito e a possibilidade para ação lhe são tiradas, bem como há a objetificação do sujeito que sofre a violência. Já na culpabilização do sujeito, há a produção de novas violências ao se desconsiderar o sofrimento do sujeito e a violação a que foi submetido. A citação do autor me leva a questionar também o que significa violência para as pessoas que tenham vivenciado situações consideradas pelo senso comum como vio-

¹ Texto apresentado na I Jornada da turma 2016-2018 do Curso de Psicanálise da Orientação Lacaniana em 10 dez. 2016.

lentas. Pois, o que considero violência não necessariamente pode ser experienciado como violência por outra pessoa.

A questão da singularidade do desejo e da experiência da violência foi trabalhada por Freud (1896) em relação à teoria da sedução, na qual passou a questionar a tese por ele formulada de que todas as histéricas haviam passado por um trauma após abuso sexual cometido por homens adultos, geralmente seus pais. Freud (1896) revê sua teoria e discute tais cenas traumáticas como parte de uma fantasia de sedução. Dessa maneira, deixa de ser importante se algo de fato ocorreu, sendo a realidade psíquica o material de interesse do psicanalista, ou seja, como o sujeito significa as suas experiências, como traumáticas ou não, violentas ou não.

Tendo essa primeira menção à situação de violência por parte de quem sofre, recorro a Joel Birman quando ele escreve sobre a passagem ao ato, para problematizar as violências do ponto de vista de quem as comete. Birman (2009) descreve o caso de um morador de rua que passou por várias decepções na vida, sem ter qualquer tipo de reconhecimento social, e, em determinada situação, reage de forma violenta a um gesto gentil de uma criança. A criança oferece comida para o morador de rua e ele mata a criança. Depois é condenado a ficar em um hospital psiquiátrico, e não sabe explicar o que aconteceu, parece não ter amparo simbólico para significar a experiência violenta. Importante destacar que a intenção de trazer esse relato não é produzir uma associação de causa e efeito entre o contexto vivido pelo morador de rua e a passagem ao ato, mas sim trazer elementos que contribuam para a discussão da temática.

Birman (2009) desenvolve seu argumento propondo o vazio e a ausência de reconhecimento como sendo o que marca a existência de muitos sujeitos, como no caso supracitado. A fama pelo espetáculo do crime, ainda que negativa, é paradoxalmente o que lhes confere algum reconhecimento, atraindo então o olhar dos outros sobre si. Logo depois do assédio midiático e a condenação radical, a obscuridade passa a dominar suas existências para sempre. Vidas infames é o termo foucaultiano que Birman (2009) se utiliza para se referir às vidas indignas de serem vividas, sobre pesquisas nas prisões, descritas na obra *Vigiar e punir*. Estes seriam personagens infames, com ênfase nesse significante, sobre a ausência de fama em suas vidas e a notoriedade provisória que receberam por seus crimes, sendo a infâmia o que caracteriza essas vidas vazias.

Birman me fez refletir sobre a dificuldade que sentimos como seres falantes em lidar com o inapreensível, o vazio, o descontínuo e o horror que tais cri-

mes nos colocam ao quebrar a continuidade que queremos alcançar pelo uso da razão, da racionalidade. No *acting-out*, seguindo o movimento histórico das discussões psicanalíticas por Freud (1920/1996), após a proposição da dualidade pulsão de morte x pulsão de vida, a repetição daquilo que causa desprazer conscientemente, mas gera prazer inconscientemente, desvincula a continuidade entre discurso, cena e ato. Partindo também da lógica da angústia como sinal – quando o sujeito é preparado se antecipando ao que pode vir a ser experimentado como altamente desprazeroso – e como angústia traumática – quando não há preparo e a experiência tende a ser mais devastadora –, é possível pensar a repetição do trauma como uma tentativa de elaborar um sentido e não de descobrir um sentido que já estava ali (BIRMAN, 2009).

A partir desse mesmo dualismo pulsional vida x morte, o masoquismo ganha preponderância sobre o sadismo na constituição do sujeito, relação mediada pela compulsão à repetição. Paradoxalmente, para se defender deste masoquismo da pulsão de morte, a destruição passa a ser a forma de proteger o psiquismo da autodestruição. Porém, ao vivermos em sociedade, é necessário também que uma instância como o supereu barre o sujeito de destruir o outro, o que retorna em si como culpa, estando de volta ao masoquismo. Nesse contexto, segundo a hipótese proposta por Birman (2009), o mal-estar é inerente à cultura e as formas que ele assume na contemporaneidade seriam decorrentes da queda da figura paterna, de sua falibilidade em proteger e de oferecer um anteparo simbólico seguro.

Birman (2009) propõe uma metáfora da perda do pai da horda primeva comparado com o fim do poder soberano do Rei na monarquia. Na sociedade moderna, democrática e republicana, fundada na igualdade e liberdade dos irmãos, sem hierarquia entre si, não seria mais a força que imperaria no exercício da política e na configuração das relações sociais, mas sim a negociação. Porém, este ideal da modernidade não foi alcançado. Freud (1915/1996) demonstrou sua amargura em relação à modernidade, em que países “civilizados” como Inglaterra, Alemanha e França não conseguiam dialogar e negociar diplomaticamente, mostrando seu poder bélico de destruição na Primeira Guerra Mundial. Para Birman (2009), nesse cenário, não somente o sofrimento psíquico foi incrementado, mas também as violências e as passagens ao ato se expandiram vertiginosamente.

Com uma temática tão complexa, finalizo esse ensaio com a consideração de Derrida (2001), segundo o qual considera a psicanálise como uma possibilidade de produzir um saber a respeito da crueldade – muitas vezes pre-

sententes em situações de violências – sem se furtar ao inconsciente, à noção de que somos constituídos também pela pulsão de morte e que somos passíveis de cometer violências e não apenas de sofrê-las, o que permite um olhar singular sobre tais contextos.

Referências

BIRMAN, Joel. **Cadernos sobre o mal**: agressividade, violência e crueldade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

DERRIDA, Jacques. **Estados-da-alma da psicanálise**: O impossível para além da soberana crueldade. Trad. de Antonio Romane Nogueira e Isabel Kahn Marin. São Paulo: Escuta, 2001.

FREIRE COSTA, Jurandir. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2ª edição, 1986. (Biblioteca de Psicanálise e sociedade; v. n. 3)

FREUD, Sigmund (1986). **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904** (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, Sigmund. (1915) Reflexões para os tempos de guerra e morte. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XIV.

FREUD, Sigmund. (1920) Além do princípio do prazer. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição Standard Brasileira**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, Vol. XVIII.

Resumo Este ensaio visa questionar o binarismo vítima/agressor, a partir de noções como a pulsão de morte em Freud e reflexões de Derrida a respeito da crueldade. Segundo os autores, há uma dualidade implicada na relação com a alteridade, em que a possibilidade de laço social como condição de existência implica também na possibilidade de destruição.

Palavras-chave Violências. Crueldade. Vítima. Agressor.

Abstract This essay aims to question the victim/aggressor binarism, from notions such as the death drive in Freud and Derrida's reflections on cruelty. According to the authors, there is a duality implied in the relationship with otherness, in which the possibility of a social bond as a condition of existence also implies the possibility of destruction.

Keywords Violence. Cruelty. Victim. Aggressor.

DESEJO DO ANALISTA, ATO ANALÍTICO E FANTASMA¹

MARIA TERESA WENDHAUSEN

Psicanalista, Membro da EBP-SC/AMP

E-mail: mariatwend@gmail.com

Contextualização

Este texto se inscreve em um movimento da Associação Mundial de Psicanálise (AMP) que se deu a partir do informe da Comissão de Garantia para a última reunião do Conselho da AMP e da noite de Garantia, em janeiro de 2014, na Escola da Causa Freudiana (ECF). Foi também a partir daí que se resolveu estudar o tema e que a AMP orientou examinar, com ênfase especial nas várias Escolas, como está sendo posta a prática da supervisão, ou seja, do controle. Na Escola Brasileira de Psicanálise (EBP), seu Conselho propôs uma conversação sobre a supervisão durante o Congresso da EBP em Salvador, em abril de 2014. Em 2015, o Conselho da Seção SC realizou também uma atividade do mesmo cunho junto a seus membros.

Em 2016, com inspiração em uma orientação de Leonardo Gorostiza, no Congresso de Salvador, anteriormente referido, de que não se trata de demandarmos que se faça supervisão, mas de criarmos eventos causadores de seu desejo, foi proposta à Diretoria da Seção Santa Catarina a atividade “Supervisão: quais efeitos de formação?”. Para sua coordenação foi formado um cartel sobre o tema.

Primeiras elaborações

Por ocasião da conversação do Conselho da Seção Santa Catarina da EBP, acima citada, juntamente com outros colegas membros, fiz uma elaboração a respeito da supervisão pensando como, na minha prática clínica, ela provocou efeitos de formação. A situação que relatei à época diz respeito a uma intervenção de um supervisor no sentido em que apontou uma posição na qual algo da minha fantasia se fez presente na condução do caso levado para supervisão.

Podemos dizer que o que estava em questão era a relação entre o desejo do analista, o ato analítico e a fantasia.

¹ Texto apresentado na atividade “Supervisão: quais efeitos de formação?” na EBP- Seção Santa Catarina, em 17/5/2017.

De que forma para mim, na situação antes relatada, a supervisão teve efeitos de formação, de formação analítica? Ela incidiu diretamente na análise pessoal, na qual pude localizar a minha posição na fantasia em “ajudar o Outro”. Ainda a constatar que isso não estava desvinculado do que muitas vezes me dificultava supervisionar, dada a exigência em preparar exaustivamente o caso, recobrando com isso, a meu ver, a possibilidade de que algo da minha subjetividade pudesse ali se manifestar. Certamente essa impossibilidade se aliava ao “ajudar o Outro”, de modo que nem a castração do sujeito, nem a do Outro pudessem ser colocadas. Essa questão, já em curso na análise, tomou, a partir daí, um impulso que me permitiu uma maior flexibilidade para ocupar como analista o lugar vazio da causa do desejo. Isso se liga, a meu ver, à supervisão como um dever ético, pois “o ato analítico não se ensina, controla-se, o que é diferente de qualquer pretensão de mestria ou garantia”. (ALVARENGA, 2013, p. 70)

Estamos aqui, portanto, no campo da psicanálise pura e aplicada, as quais, por sua vez, diferem-se da psicoterapia. Rômulo Ferreira da Silva, em relação ao uso do termo supervisão na Escola Brasileira de Psicanálise, em detrimento do termo controle, diz-nos que este último tem mais força porque nele encontramos um sentido forte que não deve ser negligenciado. “Desde Freud se trata de saber se o que fazemos segue sendo psicanálise ou não” (SILVA, 2013, p. 15).

Ainda com Alvarenga (2013, p. 70), “a supervisão é, antes de mais nada, controle do ato analítico: é o analista em sua prática diante do imprevisto que está em questão”.

Para melhor ilustrar o que aqui estou tentando circunscrever, vou utilizar os depoimentos de Ram Mandil e Mauricio Tarrab a respeito de como suas análises incidiram sobre a prática, mais especificamente, em relação à fantasia.

Ram destaca em grande parte suas demandas de supervisão orientadas a partir da fantasia, como nos diz:

[...] minha angústia estava emoldurada pela perspectiva que uma passagem ao ato do paciente poderia gerar como consequência. As supervisões por certo me aliviaram dessa angústia permitindo distinguir o que dela desenhava de minha fantasia. Mas, mais fundamentalmente, o que da supervisão permitia vislumbrar era a necessidade de depurar esse lugar onde a angústia se instalava para que o ato analítico pudesse ter vez. Na supervisão constatava que o desejo do analista tinha sua mola propulsora derivada deste mesmo lugar. No entanto, para que esse lugar pudesse operar como causa desse desejo, seria necessário sair do enquadre da fantasia que o recobria. Com o trabalho de análise pude localizar a fantasia primordial que

regulava meu gozo diante do furo do Outro ou de sua inconsistência. É o que me permite dizer que uma dimensão do desejo do analista se constitui, mais precisamente, a partir de uma separação da moldura fantasmática. (MANDIL, 2013, p. 37)

Tarrab (2010, p. 136) vai nos dizer, seguindo a mesma lógica, que “para analisar há que se estar um pouco desidentificado e também um pouco à distância dos próprios fantasmas”. Ele nos conta o efeito paradoxal que teve o término de sua análise, a qual pôs em questão o que fazia na prática e o fez questionar porque estava ali ocupando este lugar. Esclarece-nos que as determinações de sua história haviam contribuído para que ficasse comodamente ali e isso era algo assegurado para ele. Por fim, para seu assombro, em resposta à pergunta que se fez, percebeu que simplesmente isso não lhe causava mais nada, como quando uma intensa paixão termina.

A cura que como sujeito havia inventado para a castração – a própria e a do Outro – era encher o buraco do Outro com o sinthoma. Tinha me convertido primeiro em um bom psicoterapeuta a força de alentar o Outro para evitar seu derramamento, o que me era familiar. Para isso o fantasma de alentar o Outro cumpria a função secreta para a perfeição. Logo a formação analítica e a própria análise orientaram e moderaram o falso altruísmo, atrás do qual se satisfazia a pulsão invocante, que não tinha em conta o outro (TARRAB, 2010, p. 136).

A partir do que colocaram Mandil e Tarrab, e a minha própria experiência, eu diria que o que aqui se joga está entre \mathcal{X} punção de a, a fantasia e \mathcal{X} de \mathcal{K} , ou seja, o Outro e sua destituição. Isto me remete à “Proposição de 9 de outubro de 1967”, na qual Lacan vai desenvolver o matema da entrada em análise, o fim de análise e o passe, não sem passar pelo desejo do analista. Ainda a considerar sobre o que posteriormente ele irá propor desde outra perspectiva o fim de análise, mas tudo isto é material para prosseguir.

Referências

- ALVARENGA, Elisa. A supervisão e seus efeitos. In: **Revista Correio**. Nº 73. São Paulo: EBP, 2013, p. 69-72.
- LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967. In: **Outros escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MANDIL, Ram. Supervisão em análise... e depois. In: **Revista Correio**. Nº 73. São Paulo: EBP, 2013, p. 35-40.

SILVA, Rômulo. Dossier “El arte del control”, p. 15, 2013. **(inédito)**

TARRAB, Mauricio. Una piedra prehistórica y un vacío. In: **Latusa**. Rio de Janeiro: EBP-RJ, n. 15, Out. de 2010. p. 135-140.

Resumo O texto traz como conteúdo uma experiência de supervisão da autora que produziu um apontamento na fantasia, obturadora do ato analítico e do desejo do analista. São assinalados os efeitos de formação daí decorrentes através dos quais pode reordenar o seu lugar de analista.

Palavras-chave Formação do analista. Ato analítico. Desejo do analista. Supervisão. Fantasia.

Abstract This text is about the role of a supervision in which, the author/analyst, points to her own fantasmatic position that occluded the analyst's act and desire. This work brings the effects of a supervision over the analytic formation where the analyst could relocate her position.

Keywords Analyst formation. Analytic act. Analyst's desire. Supervision. Phantasmatic position.

p
asse



APAIXONADA PELO AMOR

DÉBORA RABINOVICH

Psicanalista, Membro da EOL/ECF/AMP, AE (EOL)

E-mail: debora.rabinovich@gmail.com

Fiquei muito contente com este convite, pois me parece ter sido um pequeno sinal de amor. Um sinal que faz laço com o meu desejo pela psicanálise e que me deu a possibilidade de conhecê-los e de vir a trabalhar com vocês. Há também outra razão, o tema desta Jornada¹ me interessa em especial. Eu me interesso pelo desejo e pelo amor separadamente e pela sua articulação durante minha análise. Sendo assim, releio meu caso nesta perspectiva.

Para entrar no assunto escolho uma citação de Lacan de seu seminário *As formações do inconsciente*, no capítulo *O sonho da Bela Açougueira*: “Essa paciente apaixonadíssima pelo marido, demanda o quê? Amor; e as histéricas, como todo o mundo, demandam amor, só que, nelas, isso é mais incômodo.” (LACAN, 1999, p. 376). Irei testemunhar aqui algo trabalhoso em mim.

Quero abordar o amor, pelo menos em duas vertentes. Uma, quando o amor perde a bússola do desejo; a outra, quando o amor propicia o desejo. Ordenarei os fatos a partir do que mudou e do que não mudou durante minha análise em relação ao amor.

O que não mudou

Sempre amei o amor. Amei as histórias de amor. Interessava-me tanto pelos encontros como pelos desencontros. Costumava descobrir quem amava quem. Acreditava que rapidamente podia saber se Fulano amava Cicrano, ou não. Para mim, era no olhar onde os sinais do amor podiam ser rastreados. Brinquei, e ainda brinco, de “*La Celestina*”, a protagonista de uma peça de teatro de Fernando de Rojas, dramaturgo espanhol do século XV. Celestina era uma casamenteira. Adoro quando a casamenteira acerta, e sei como fazer para tal. O primeiro trabalho que apresentei em uma das Jornadas de psica-

¹ Testemunho de passe apresentado durante a XI Jornada da EBP Seção Santa Catarina: *Amor e desejo*, realizada no Hotel Castelmar, Florianópolis, nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

nálise, aos 22 anos, em Málaga, foi intitulado *A Celestina: uma vendedora da relação sexual*.

A peça de teatro *A Celestina* é uma tragicomédia de 1490, aproximadamente. A casamenteira é um personagem complexo. Ela parece acreditar que o homem está para a mulher como a linha está para a agulha, com a condição de que ela, Celestina, seja a costureira. Celestina, no fundo, parecia saber que a relação sexual não existia, pois, toda vez que lançava a sua flecha, uma das pessoas interessadas em se apaixonar faltava ao encontro.

Sempre amei o amor. Meu primeiro amor foi aos três anos; durou até os seis. Ainda hoje me lembro do quanto eu o amei, e como foi doloroso quando o pai dele me deu o recado de que ele havia achado uma namorada que morava mais perto de sua casa. Com essa desculpa esfarrapada, em minha opinião, ele deixou de ser meu namorado.

Desde sempre, amo amar e ser amada. Meu objeto de amor sempre foram os homens, e isso também não mudou. Houve, sim, uma mudança de posição subjetiva. De uma posição mais masculina para uma posição mais feminina. Porém, isso não alterou minha escolha de objeto. O que mudou nesta passagem foi minha relação com o amor.

O que mudou

Posso falar de dois momentos, efeitos de minha análise, os quais mudaram minha relação com o amor.

Primeiro tempo: a perturbação da defesa viril e infantil

Hoje consigo ver essa posição como uma defesa. Era a posição na qual eu alienava o Outro de modo imaginário. Esse Outro que me montou, e que esperava um menino quando eu nasci. Permanecer *infans*. Em Freud, pode-se pensar a partir do *Penisneid*, isso que está em jogo no pré-Édipo da menina. Assim como no primeiro tempo do Édipo, em que Lacan explica no Seminário 5, quando o menino ou a menina, não importa qual, está na posição de falo imaginário da mãe. Mas, essa estratégia, com a qual eu tentava encantar o Outro, mudou de estatuto a partir do momento que o analista começou a marcá-la como minha posição masculina, fálica ou infantil. Alguma dessas vezes pensei que morreria de vergonha.

Lembro-me de um sonho dessa época. Via uma mulher, uma paciente de meu analista, que parecia mais jovem do que o habitual. De repente o analis-

ta se aproxima, com um gesto decidido e ares de desaprovação, arrancando-lhe a máscara que cobria seus cabelos e seu rosto. Assim, ficou evidente que ela era uma mulher muito mais idosa do que tentava parecer. Era uma velha. E o analista interpretou: “você sabe que não gosto de pessoas que se fazem de mais jovens”.

Quando a posição viril cedeu, o feminino floresceu. Porém, veio acompanhado das brechas do feminino e, assim, um novo sofrimento. Passei de um sofrimento com traços viris a um sofrimento de caráter feminino. Ou seja, passei de um sofrimento sintomático, limitado, a um sofrimento no estilo da devastação, quer dizer, ilimitado. Lacan situou a devastação, sempre ou quase sempre, do lado feminino. Por exemplo, em *O Aturdido* se refere à relação mãe-filha.

Mais tarde, no seminário 23, dirá que um homem pode chegar a ser pior que um *sinthoma* para uma mulher, pode vir a ser um estrago, uma devastação. A citação que uso é do seminário 20, onde Lacan não pensa a devastação essencialmente do lado da mulher: “[...] o amor, se aí está uma paixão que pode ser ignorância do desejo, não menos lhe deita toda a sua poja. Quando se olha para lá mais de perto, veem-se as devastações” (LACAN, 1985, p. 12). A versão devastadora do amor acontece quando esse perde a bússola do desejo.

Foi exatamente a devastação no amor, ou melhor, a devastação ligada à demanda de amor, que fez com que eu perdesse minha relação com o desejo em certos momentos. Aí então, o amor era invadido pelo gozo. Embora aqui, para ser precisa, refira-me à demanda de amor e não ao amor. A diferença fundamental é que a demanda de amor faz o sujeito deixar de lado, em diferentes momentos, o seu desejo. O desejo, então, some, ou melhor, localiza-se abaixo da demanda, é tapado por ela.

Como não incauta segui errando. Quero dizer, não incauta em relação à falta. Amar implica consentir com a castração, como diz Lacan em *Estou falando com as paredes*². Isso não acontece quando a demanda de amor predomina sobre o dom do amor. Nesse caso, a demanda padece de sua vertente de exigência. Consentir com a falta é diferente de exigir que essa seja preenchida.

Aquele meu antigo amor era da ordem do necessário. O necessário, em minhas palavras de analisante, significava ter um passaporte para existir. Por essa vertente, o amor estava diretamente relacionado a ter um parceiro.

² [N.E.] Cf. LACAN, Jacques. **Estou falando com as paredes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011, p. 95-97

Cheguei a dizer várias vezes que não terminaria minha análise se não estivesse com alguém em uma relação com garantias de ser sólida e duradoura. O amor devastador é o amor como demanda. Como dizia Fabián Naporstek, em seu comentário sobre meu último testemunho nas Jornadas em Santa Fé: “o paradoxo do amor na sua versão de demanda é que ele não dá lugar ao amor contingencial”.

Segundo Tempo: o desapego

As intervenções analíticas provocaram uma mudança de posição em relação à minha demanda de amor. Em outras palavras, tentei compreender como me separei, ao menos parcialmente, de minha demanda de amor. Percebi que a separação, pela via do equívoco significante, compreendeu um corte em minha aderência ao Outro.

Abrolho

Eu me denominava assim: sou um abrolho. Identificava-me com esta plantinha. A princípio escutava isso como algo terno. O abrolho é uma plantinha pequena, não requer cuidados e gruda com facilidade. Algum tempo depois, encontrei qualidades menos atrativas no abrolho: é uma planta sem raiz, inerte, feia e muito espinhenta. Ela é tão espinhenta que gruda em qualquer coisa, e quando a pessoa descobre ter um desses espinhos grudados, logo procura dar um jeito de arrancá-lo. Essa nova perspectiva fez com que o escutar “sou um abrolho” não fosse mais tão prazeroso, ainda que algo disso persistisse. O abrolho desabrochou pela via do equívoco significante, quando, em uma sessão, escutei que na palavra abrolho alojava-se um “abra-o-olho”.

Débora

Meu nome como significante se confunde com “devora”. A única coisa para que isso aconteça é a mudança de uma letra. Além disso, essas letras em espanhol se pronunciam e se escutam iguais! O V no lugar de B.

Em meu caso, o significante Débora foi investido duplamente. Essa interpretação foi adotada da leitura sobre o meu caso por Daniel Roy, aqui no Brasil, há pouco tempo. Daniel disse, nessa ocasião, que o significante Débora continha em si uma dupla alienação, e por isso a separação foi mais trabalhosa do que se podia esperar.

Esta construção, sobre a duplicidade de investimento em meu nome, deu-se a partir de uma sessão em que eu trouxe a cena de uma ligação telefônica que meu analista situou com traumática. Eu tinha cinco anos, estava em casa com minha mãe, atendi ao telefone e uma voz feminina que chamou meu nome, *Débora*, apresentou-se como namorada de meu pai. Ser nomeada por essa voz agregou gozo ao nome. Foi necessário um longo tempo de análise para esvaziar e aliviar esse significante de seu peso de gozo.

O analista

Pelas vias do desapego, encontro meu último analista. O significante da transferência poderia ser o “analista *teflon*” (material de algumas painéis utilizado para não grudar o alimento). Poderia dizer que a operação separação já estava ali situada desde a porta de entrada.

Há uma frase dele que nunca esqueço. Escutei quando ainda não era meu analista. Em uma reunião institucional, ao tentar resolver um problema, tomou a palavra e disse: “diante de semelhante situação, o que deveríamos fazer era aplicar a política do teflon”. O que ele acabara de dizer pareceu-me um absurdo. No entanto, a explicação que deu sobre essa política me orientou desde aquele dia. Do que consistia a política do *teflon*? Simplesmente, não aderir. Esse tempo final de minha análise tratou disso, da separação.

A outra vertente do amor

Essa outra vertente permitiu esvaziar o gozo e dar lugar ao desejo.

No seminário 10, Lacan afirmou: “só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (LACAN, 2005, p. 197). Nesse ponto identifico o lugar do amor de transferência. Em meu caso, com meu estilo “abrolho devorador”, esse amor era bastante intenso. Essa intensidade, provavelmente, foi o que possibilitou que eu suportasse a análise. Uso “suportar” porque, apesar de expressar em outros testemunhos meu gosto pela análise, sabe-se bem que a experiência analítica não caminha pelo lado do princípio do prazer.

Esse suportar foi difícil até na sala de espera. A espera de uma sessão bastante séria, ou tensa, ou de me ver obrigada a ter uma conversa casual, enquanto o que eu queria mesmo era terminar com aquilo para que eu pudesse seguir com meu diálogo autista. Antes de entrar na sala do analista, eu fazia um monólogo prévio onde tentava organizar as coisas que diria a cada vez.

Apesar de nunca ter me chateado pelo fato de ter que pagar a análise, muitas vezes olhava nas vitrines vestidos ou livros que poderia ter comprado se não tivesse que ir a minha sessão. Contudo, o mais difícil, mas não por isso o menos esperado, foi consentir com o ato analítico. Consentir com estas intervenções que pontuam a posição na qual cada um está. Intervenções que dividem e separam.

Analisar-se é, sem dúvida, colocar um limite ao gozo. Apesar da vivificação desse limite, em um primeiro momento, ele também envergonha e dói. Diria que mais de uma vez a análise provocou em mim uma profusão de lágrimas e entusiasmo. Lágrimas pela separação e entusiasmo por propiciar o movimento de pontos coagulados.

Algumas vezes, aproximar-se do “*gay savoir*” não foi sem lágrimas. O amor nessa vertente fez o gozo condescender ao desejo. O gozo foi tocado, pois sem o amor, o gozo permanece autista. Foi o amor de transferência que me permitiu ir em direção ao desejo.

O amor hoje

Ainda que hoje amar não exclua a demanda de amor, essa demanda está mais domesticada. Ou melhor, diria que a demanda de amor, uma vez livre de suas aderências, fez com que o amor não seja mais vital para a garantia da existência.

Amo o amor, mas consenti agora com a sua contingência. Hoje, é o desejo que toma a dianteira.

Referências

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: a angústia** [1962-1963]. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Trad. de M. D. Magno [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente** [1957-1958]. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

COMENTÁRIO SOBRE “APAIXONADA PELO AMOR”, TESTEMUNHO DE FINAL DE ANÁLISE DE DÉBORA RABINOVICH¹

LOUISE AMARAL LHULLIER

Psicanalista, Membro da EBP e da AMP

E-mail: louiselhullier@gmail.com

Algo que se destaca neste testemunho de Débora é seu interesse especial pelo tema que escolhemos para a *XI Jornada*. Segundo ela, o desejo, o amor e a articulação entre ambos foram objeto de seu interesse no transcorrer da análise e ainda hoje o são. Aliás, o título deste testemunho em que se apresenta como *enamorada do amor*, assinala algo que a análise não mudou: desde sempre ela ama o amor.

Débora escreveu um texto sob medida para a *XI Jornada*. Esta expressão – *sob medida* – ocorreu-me ao ler os parágrafos iniciais do testemunho, em contraponto à ideia de *prêt-à-porter*. Algo que, de um lado, serve à orientação do nosso evento, e, de outro, remete à singularidade da solução encontrada por ela em sua relação com o gozo ao fim da análise. Uma solução *sob medida* para aquilo que se apresenta como desmedido, sem medida. Em outras palavras, mostra como é possível produzir novos sentidos a partir do encontro com a opacidade do gozo impossível de capturar na trama da linguagem.

Citando Lacan a propósito do caso da bela açougueira, situou sua própria demanda de amor como “algo mais exagerado”, como costuma ser nas histéricas e propôs-se a testemunhar sobre algo de sua própria experiência com esse exagero e com aquilo que aí mudou ao fim de sua análise.

Forjou uma solução não por completo, pois a demanda subsiste de alguma forma, mas se apresenta diferente: diz-nos ela, *domesticada*. Forjou uma solução *sob medida*, um novo arranjo com o gozo que lhe serve bem. Desta forma, encontramos também no seu depoimento algo que já vêm nos ensinando

¹ Uma primeira versão deste comentário foi apresentada na XI Jornada da EBP Seção Santa Catarina: Amor e Desejo, em Florianópolis, em outubro de 2016. A partir de questões colocadas posteriormente, por ocasião da atividade O Passe na Escola, realizada em 29 de março de 2017 na EBP Seção Santa Catarina, desenvolvi um pouco mais alguns pontos para deixá-los mais claros.

os de outros AEs: em psicanálise, as soluções tomam a forma de arranjos. Há algo do sintoma que continua presente, mesmo para quem leva uma análise até o seu final, mas esse resto pode deixar de ser vivido como repetição dolorosa, como sofrimento que não cessa de se escrever.

Para Débora, o *enamoramento* pelo amor veio cedo e com força, pois se apaixonou aos três anos, um amor duradouro, pois aos seis ainda estava lá. Essa primeira experiência foi marcada pela dor, pela perda do objeto, que, frustrando sua demanda – ser amada – preferiu outra. Marca também que a escolha de objeto – os homens – não se alterou com a análise, já estava lá. A mudança ocorrida no primeiro tempo de sua análise foi outra: saiu de uma posição subjetiva viril, fálica, para a posição feminina. Dessa forma, seu testemunho sublinha uma contribuição importante da psicanálise nesse terreno, ou seja, que a posição subjetiva quanto à sexuação é independente da eleição de objeto. Amava os homens desde uma posição mais viril e continua a amá-los desde uma posição mais feminina. Isso não mudou.

Em um primeiro tempo da análise – ela o havia dito com todas as letras anteriormente, em seu primeiro testemunho –, *era um menino!* O analista opera por meio do ataque às suas defesas viris, fálicas, infantis, que se apresentavam sob a forma de tentar encantar o Outro. Às vezes, diz ela, *creía morir de verguenza*, achava que ia morrer de vergonha, o que indica que, nesses momentos, o alcance das interpretações do analista não se limitava ao sintoma, pois de seu sofrimento a histérica costuma falar e muito, *sem vergonha*. Aquilo que procura ocultar, de que evita falar, é a fantasia que o consola, meio de gozo que faz par com o sintoma: este faz sofrer e aquela proporciona prazer, para dizê-lo de modo simples. A clivagem entre ambos vai ser superada no pensamento laciano com a aceção do sintoma como o que “designa o que há de comum entre sintoma e fantasia, a saber, o modo singular de um sujeito gozar, modo de gozar apreendido em seu funcionamento positivo” (MILLER, 2011, p. 70).

Destaca-se aqui a interpretação de um sonho. Nele, sob o olhar de Débora, seu analista arranca uma máscara jovem que cobria a face de outra analisante, uma mulher mais velha. Ao ouvir o relato do sonho, o analista diz a Débora que ela sabe que não lhe agradam as pessoas que se fazem passar por mais jovens do que são.

O sucesso da estratégia do analista nesse primeiro tempo da análise fez cair as defesas e o gozo nelas implicado. O *florescimento do feminino* daí decorrente, no entanto, diz Débora, lançou-a em um novo sofrimento: passou

do sintoma – sustentado até então na identificação ao viril, à posição fálica – ao ilimitado, à devastação.

A vertente sem medida da demanda de amor faz perder a bússola do desejo e Débora testemunha que viver essa versão devastadora do amor, o amor invadido pelo gozo, fez com que, em diversos momentos, ela deixasse de lado seu desejo, o qual se apagava ante a exigência de ser amada, a exigência de que sua falta fosse preenchida. Foi necessário ainda muito trabalho analítico para que ela pudesse experienciar e testemunhar sobre sua passagem à vertente do amor que propicia o desejo. Como lembra Miller (2011, p. 71), a investigação de Lacan “sobre a sexuação feminina [...] o levou a considerar o gozo feminino como não tendo a ubiquidade estável da sexuação masculina”. Em consequência, pode apresentar-se deslocado e excessivo independentemente da estrutura clínica. O testemunho de Débora nos ensina sobre esse transbordamento para além dos limites do sintoma, como efeito da queda das suas defesas fálicas, sublinhadas sistematicamente pelas interpretações do analista. A passagem do sofrimento *estilo sintoma* – ou seja, limitado – ao sofrimento *estilo devastação* – ilimitado – se apresenta em seu relato como parte integrante de sua experiência analítica, evidenciando que, em uma psicanálise, não se trata de percorrer uma trajetória linear em direção ao sucesso identificado a uma normalização qualquer, nem de avançar através de progressivos efeitos terapêuticos até atingir a Terra Prometida cujos portões serão abertos se o candidato *passar*. Como assinalou Miller (2011, p. 118), “uma análise desenrola-se essencialmente no mal-estar – termo freudiano –, no desassossego [*mal-être*], no desconforto”.

E ao final? “O passante da doutrina clássica era suposto dar testemunho de um saber” (MILLER, 2011, p. 117), ou seja, “o final da análise marcaria o fechamento da experiência”, da qual emergiria um “sujeito sabido”, não mais “ignorante da causa de seu desejo” (MILLER, 2011, p. 116), portador de uma verdade. Já o passante do fim do ensino de Lacan é aquele que presta testemunho de uma satisfação que marca o fim da sua experiência analítica, testemunho que recebe crédito por seu efeito de verdade, ao elucidar a relação do sujeito com o gozo, “de como o sujeito mudou em relação ao que não muda, seu modo de gozar, e de como se elaboraram para ele as variações de sua verdade, seu caminho de mentira” (MILLER, 2011, p. 132). Na primeira versão, o passante testemunhava de seu sucesso na travessia da fantasia, na conquista de um saber que equivalia a uma verdade. O passe do *falasser*, versão que emerge ao fim do ensino de Lacan, é o testemunho de algo que

rateia e da satisfação obtida pelo passante com o novo arranjo produzido na sua relação com o gozo, fruto de sua análise.

Em seu testemunho, Débora logrou isolar essa satisfação e partilhar sua elucubração de saber sobre o processo que a conduziu a esse final. Como ponto de partida, ela situou o amor vivido como algo da ordem da necessidade, na medida em que se apresentava como *um passaporte para existir*, que lhe parecia necessário à vida estar apaixonada e em uma relação de casal, *quase com uma garantia de uma relação duradoura, sólida*.

A necessidade está associada à exigência de obturação de uma falta para que a vida seja possível. A vida no seu sentido mais literal, de sobrevivência do organismo, animal ou até mesmo vegetal. Para usar um exemplo clássico: a fome exige o alimento. Se a falta persiste, sobrevém a morte. Nesse sentido, a lógica do amor como necessário remete à exigência de amor como se a própria vida do sujeito dependesse da resposta a essa demanda.

Débora oferece várias pistas da articulação imaginária entre amor e necessidade subjacente à lógica do amor como necessário, não apenas no testemunho atual, mas também no primeiro – *El labirinto de mi deseo de saber*, feito na EOL – e o intitulado *El Teléfono*. Estão lá a identificação com uma plantinha, o *abrojo* – “cardo”, em português – e a série de animais, o *zoológico Rabinovich* ou *el bestiário Rabinovich*, como o chamou Leonardo Gorostiza. Há também a figura do rinoceronte que lhe apareceu no sonho e marcou seu final de análise e a qual teve, para ela, *o enorme peso da besta, uma imagem muito carregada libidinalmente*, ainda nas palavras de Leonardo Gorostiza. Finalmente o equívoco significante em torno do seu prenome, Débora, devora ou, como brincava seu amigo artista, Débora devora Dora.

De qualquer maneira, o exagero, esse algo de excessivo na demanda de amor a que Débora se refere, fazia com que sua falta – ou a falta de seus signos – fosse vivida como fome a ser saciada. Esta versão do amor necessário, devastador, que porta a força da exigência vital, de uma satisfação *sine qua non*, não deixa espaço para o amor contingente, pois este tem como condição consentir com a falta. O amor contingente é articulado ao desejo, é dom da falta, daquilo que não se tem.

Reivindicar a completude, a obturação da falta, implica na crença na existência da relação sexual, na complementariedade entre os sexos, no encaixe perfeito, algo impossível para o *falasser*, corpo para sempre afetado pela linguagem. Mas aí, em uma suposta dimensão utópica onde poderia se supor a correlação perfeita, já que nada faltaria, pela ausência da linguagem, não é possível se falar de amor..

No segundo tempo da análise, o advento do desaparego, da separação pela via do equívoco significante que operou promovendo os cortes que vieram colocar um limite à devastação, ao gozo que transbordava. Essa operação implicou no consentimento da analisante ante as intervenções do analista, em consentir com a castração não apenas no sentido de aceitar a falta, mas sobretudo de renunciar à exigência de que fosse preenchida. Isso lhe possibilitou adotar o que chamou a *política do teflon* e não achar mais tanta graça em bancar o *abrojo*. A extração da lesma no sonho, do *abrojo* que se descola – *abre ojo* – e do significante rinoceronte o qual se decompõe em fragmentos nos quais nada mais resta da besta inicial destacam o trabalho de análise que tocou o gozo e permitiu a abertura para o desejo e para uma nova satisfação.

Ao final, Débora não é mais a que devora, a devora Dora, como dizia seu amigo. Diz que continua amando o amor e ainda gosta de bancar a casamenteira, encontrando aí uma satisfação. Já não mais na posição da *desejada* – a que demanda ser amada –, mas de *desejante*. Já não se trata de uma fome, nem de uma exigência de um parceiro que sacie essa fome. Agora ela nos fala que ama o amor contingente, aquele que pode ou não se presentificar, que rateia às vezes, que é dom de nada e demanda de nada, e, por isso mesmo, abre espaço ao desejo.

Para finalizar, recorro a Lacan em “O aturdido”, quando se refere ao mito de Tírésias e à condição de não toda da mulher:

Dizer que uma mulher não é toda é o que nos indica o mito por ela ser a única a ser ultrapassada por seu gozo, o gozo que se produz pelo coito. É também por isso que é como única que ela quer ser reconhecida pela outra parte: isso é mais do que sabido. Mas é também nisso que se apreende o que há por aprender, isto é, mesmo que se satisfaça a exigência do amor, o gozo que se tem da mulher a divide, fazendo-a parceira de sua solidão, enquanto a união permanece na soleira (LACAN, 2003, p. 467).

Referências

LACAN, Jacques. O aturdido. In: **Outros Escritos**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

MILLER, Jacques-Alain. **Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan: entre desejo e gozo**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.



NORMAS DE PUBLICAÇÃO

A aprovação e a publicação dos artigos dependem da análise de pelo menos dois pareceristas. Cabe ao Presidente do Conselho e aos membros do Conselho compor os textos que serão publicados em cada número. Os textos a serem submetidos à *Arteira* devem estar formatados conforme as normas produzidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas, segundo a lista abaixo:

Autor	Título	Data
ABNT	NBR 6022 – Informação e documentação – Artigo	2003
ABNT	NBR 6023 – Informação e documentação – Referências	2002
ABNT	NBR 6024 – Informação e documentação – Numeração progressiva	2003
ABNT	NBR 6028 – Informação e documentação – Resumos	2003
ABNT	NBR 10520 – Informação e documentação – Citações em documentos	2003

Os textos submetidos à Revista *Arteira* devem ser enviados em fonte Cambria, tamanho 12, espaço entre linhas de 1,5, para o seguinte endereço eletrônico: ebpsc48@gmail.com e revistaarteira@gmail.com Para acessar mais informações sobre as normas e política da revista visite o site da EBP-SC: http://www.ebpsc.com.br/wordpress/?page_id=54

LISTA DE PARECERISTAS

1. Laureci Nunes (EBP-SC)
2. Louise Lhullier (EBP-SC)
3. Oscar Reymundo (EBP-SC)
4. Cinthia Busato (EBP-SC)
5. Leonardo Duarte Scofield (EBP-SC)
6. Flávia Cera (Cultura e Barbárie)
7. Raul Antelo (êxtimo – UFSC)
8. Gustavo Ramos (UFSC)
9. Romildo Rego do Barros (EBP-RJ)
10. Alberto Murta (UFES – EBP-DG-ES)

